



A assinatura dos documentos.

## COTRIJUI ASSUMIU POSTO AGROPECUÁRIO DE IJUÍ

Mediante Termo de Ajuste assinado no último dia 13 pelo Ministério da Agricultura e a COTRIJUI, o Posto Agropecuário de Ijuí, localizado no município de Augusto Pestana, passou para o controle da cooperativa.

A solenidade do ato ocorreu nas próprias instalações do posto, com a presença de autoridades do Ministério da Agricultura, tendo a frente o delegado daquela pasta no Rio Grande do Sul, eng. agr. Cleber Vieira Canabarro Lucas e diversos assessores, os prefeitos de Ijuí e Augusto Pestana, srs. Emídio Odócio Perondi e Ary Hintz, diretores da cooperativa, tendo a frente seu presidente, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, conselheiros e técnicos, além de representantes da imprensa de todos os órgãos de Ijuí.

Na mesma oportunidade

foi assinado ato entre o Ministério da Agricultura e a Prefeitura Municipal de Ijuí, pelo qual foi transferida à referida municipalidade a Patrulha Mecanizada que operava há anos na região.

Ambos os documentos foram assinados pelo delegado regional do Ministério da Agricultura, respectivamente com o prefeito de Ijuí, sr. Emídio Perondi e com o diretor-presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, servindo como testemunha o prefeito Ary Hintz.

Pelo convênio assinado entre o Ministério da Agricultura e a COTRIJUI, a cooperativa usará as terras que constituem o território do posto para a multiplicação de sementes de soja, trigo, feijão e outras que julgar racional e conveniente, segundo a política tecnológica do PLANASEN — Plano Nacional de Sementes. Promoverá treinamen-

to de pessoal, principalmente filhos de agricultores associados, em assunto ligados à agropecuária.

A cooperativa testará a introdução de novas espécies vegetais, com vistas à sua aclimação, e aproveitamento no aumento das opções de plantio dos agricultores. Promoverá também a experimentação e reprodução de sementes forrageiras, dentro do plano de produção animal que será intensificado na área da cooperativa; observará a prática conservacionista em lavouras, promoverá ensaios com insumos modernos, equipamentos de aplicação e práticas culturais, visando o aumento da produtividade.

Os resultados práticos de todos esses ensaios serão tornados público, para o aproveitamento geral por parte de todos os agricultores.

## FIXADO O PREÇO DO TRIGO PARA A SAFRA

O Conselho Nacional de Abastecimento, em sua última reunião, fixou o preço do trigo para a safra de 1976/77, em 127 cruzeiros e 80 centavos a saca de 60 quilos.

Na mesma reunião, a CONAB fixou os preços do algodão (139,05 por quilo), aveia e centeio (1,30 por quilo), cevada cervejeira a (1,55 por quilo) e juta e malva a 4,35 por quilo de fibra seca.

A perspectiva relativamente ao do preço do trigo enseja perguntar: será estimulante o preço fixado?

Apesar de ser inferior ao valor solicitado pela FECOTRIGO, que através de cálculos de custo globais e os 30 por cento de lucro conforme preceitua o Estatuto da Terra, pretendia o valor de 133,39 cruzeiros por saca, o quantum a menos estabelecido pelo Governo não chega a influir em fator negativo.

Pois se por um lado foram realistas os produtores na projeção dos aumentos dos itens formadores do preço do produto, estabelecendo percentuais de acréscimo condizentes com o "status" sócio-econômico nacional, o Governo não foi menos realista ao partir para a fixação de um valor que, inferior ao solicitado pelos produtores, lhe dá, a priori, uma perspectiva para reexaminar o assunto, no futuro.

Quer dizer: se a safra for economicamente favorável do ponto-de-vista da produtividade, o agricultor ganhará a diferença fixada a menos nessa produtividade. E se ocorrerem fatores negativos, considerando a singular importância do trigo para a vida nacional, inclusive no que se refere a própria segurança, é de crer que o Governo já reservou uma faixa para vir em socorro do produtor.

Analisada por esse prisma, a política de preço fixada para a comercialização do trigo da safra de 1976/77, deve ser encarada como de estímulo ao produtor. E o produtor, sem dúvida, responderá com o plantio de uma safra "cheia", talvez a maior safra plantada em toda a história da triticultura nacional.



FOI CRIADA A CENTRAL GAÚCHA DE LACTICÍNIOS

OPERA EM MAIO FÁBRICA DE ÓLEO DA COTRIJUI



Rua: José Hickembick, 66  
Caixa Postal, 111  
Ijuí - RS.  
Inscr. 065/00070  
Inscr. INCRA N° 248/73

C.G.C. 90 726 506/001

**ADMINISTRAÇÃO**

Direção Executiva:

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.

Vice-Presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:

Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itavino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers.

Suplentes:

Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:

Herbert Hintz, José Cláudio Koehler e Jaci Luciano de Souza.

Suplentes:

Harri Reisdorfer, Flávio Carlos Sperotto, Emílio Uhde.

Armazéns:

Sede - Ijuí	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	20.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Tenente Portela	10.800 T.
Vila Jôia	20.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigido ao quadro social. Nossa tiragem: 11.000 exemplares.



Associado da ABERJE Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa

**EXPECIENTE**

Redação e Administração:  
Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Ijuí - RS.

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9.

Redator: Responsável - Raul Quevedo -

registro profissional no MTPS 1176 matrícula na SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro Pinto, Rui Michel e Walter Frantz.

Composto no

"Jornal da Manhã" - Ijuí e impresso em máquina rotativa off-set no

"Diário Serrano" - Cruz Alta

**EDITORIAIS**

**PÃO RICO EM PROTEÍNAS, MAIS BARATO COM FARINHA DE SOJA**

O brasileiro come mal e parcimoniosamente. Os nutricionistas costumam dizer que o fato é devido mais à ignorância do homem em relação aos valores reais dos alimentos do que a inexistências destes.

Com um paladar educado a base de carnes e farináceos, é comum o cidadão brasileiro persistir na ignorância de outras fontes alimentares inclusive mais ricas em valores proteicos e bem mais acessíveis à sua bolsa.

O exemplo da soja é característico dessa situação. Enquanto a ciência prova que os valores de nutrição da oleaginosa superam em muito a todos os demais alimentos conhecidos, o brasileiro desconhece-na quase que totalmente, limitando-se a consumi-la transformada em óleo de cozinha.

Por que não enriquecemos nossa alimentação com a soja, produto comprovadamente rico em teor alimentar que possuímos excedentes de produção?

O Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição acaba de encaminhar estudos a diversos Ministérios, propondo a mistura da farinha de soja à de trigo, para a panificação. Segundo o referido Instituto, a farinha de soja pode participar com até 12 por cento na mistura sem alterar o gosto do produto e com a excepcional vantagem de enriquecer o pão em mais 50 por cento de seu valor alimentar.

Conforme noticiários recentes da imprensa, o INAN promove testes de gosto e paladar com sete mil crianças dos bairros de Brasília, com vistas ao encaminhamento de lei para regulamentar a mistura de farinhas no pão.

Paralelamente ao enriquecimento do valor de nutrição do pão misto, a adição de 12 por cento de farinha de soja ao pão nos proporcionará uma economia de divisas da ordem de 500 milhões de cruzeiros anuais, diminuindo nossos compromissos de importação de trigo para suprir o nosso déficit.

Parece-nos ter chegado o momento do Governo impor uma legislação que determine a mistura do produto. Provado que a mistura é salutar à saúde da população, além de baratear o próprio pão, tão escassamente consumido no país em face do precário poder aquisitivo do brasileiro, a solução será a adoção do pão misto.

Não há argumento que justifique à nação a continuidade do pão puro, quando necessitamos importar metade do trigo para suprir o consumo nacional. Principalmente quando dispomos de condições locais para solucionar o problema, com nossos excedentes de soja, e cuja tendência é o crescimento acelerado desses mesmos excedentes.

É a maneira que o Governo tem para economizar divisas tão necessárias à importação de outros produtos vitais ao nosso desenvolvimento, como por exemplo o petróleo e os fertilizantes, dos quais dependem, fundamentalmente, a própria agricultura.

**CUSTOS DE PRODUÇÃO DA SOJA NO BRASIL E ESTADOS UNIDOS**

Uma análise de custos dos componentes de produção da soja no Brasil e nos Estados Unidos, mostra uma série de tendências que devem ser analisadas com vistas à correção de problemas que tendem a agravar-se em nosso detrimento.

Segundo estatística de origem norte-americana (American Soy-bean Association), apesar dos elevados custos principalmente com a terra e a mão-de-obra, a produção estadunidense de soja é colhida com uma proporção bem mais cara do que sua similar brasileira.

Nestes custos, por parcela, os norte-americanos pagam mais pelos inseticidas e herbicidas, sementes, mão-de-obra, e terra. O Brasil, também parceladamente, paga mais para os fertilizantes, máquinas e implementos em geral, juros, e principalmente, transportes.

Os norte-americanos colhem a soja a um custo bastante superior aos custos brasileiros, porém, colocado o produto nos respectivos portos de embarque (FOB para exportação), os custos do produto no Brasil ultrapassam os custos americanos em exatamente 226 cruzeiros por hectare, conforme pode se observar pela tabela a seguir:

**COMPARATIVO DE CUSTOS DE PRODUÇÃO DE SOJA NOS ESTADOS UNIDOS E BRASIL**

	Cr\$/Hectare	
	Estados Unidos em Cr\$	Brasil em Cr\$
Inseticidas e herbicidas	224,52	165,44
Sementes	217,53	160,00
Fertilizantes	189,54	213,00
Calcário	---	77,00
Mão-de-obra	126,74	76,14
Mão-de-obra (permanente)	253,89	62,50
Máquinas e implementos (incluindo depreciações)	529,83	653,05
Outros custos variáveis	148,35	---
Juros s/custos variáveis	---	26,35
Juros s/capital fixo	---	118,00
Terra	1.656,97	258,33
Colheita c/secagem	164,83	---
Transporte (da lavoura)	---	20,00
TOTAL p/hectare	3.517,20	1.819,81
Rendimento em kg/Ha	2.663,06	1.575,00
Custo p/ tonelada	1.320,74	1.155,43
Despesa até o porto, incluindo embarque	106,28	498,24
TOTAL (Custo FOB)	1.427,02	1.653,67
Preço dólar/tonelada	161,12	186,71

Conforme se observa, o brasileiro tem vantagem, apesar dos altos juros, enquanto mantém a soja nas zonas de produção. Nesta fase o produto custa 1.320 cruzeiros para os norte-americanos e 1.155 cruzeiros para os brasileiros.

A transformação ocorre a partir do momento em que a soja é embarcada em direção à costa. Isto é, quando ela toma o caminho da exportação. Por que?

Porque enquanto a soja estadunidense é transportada desde o Minnesota, North Dakota, Iowa, Wisconsin, ou Illinois, estados produtores da região central até Nova Orleans, por exemplo, que fica no Golfo do México, a um custo de oito dólares a tonelada, a soja brasileira transportada de Ijuí a Rio Grande não fica por menos de 18 dólares a tonelada. No primeiro caso a distância percorrida é de 6.000 km e no segundo, de apenas 600 km.

É esse um problema crucial para o produtor brasileiro. O exagerado custo do transporte do produto. Sobre um custo de produção relativamente baixo até mesmo para as condições estruturais brasileiras, acrescenta-se um valor que incide drasticamente no custo final do produto e impede nossas possibilidades de competição nos mercados mundiais.

### AGRIPODER CONTRA O PETRODÓLAR

O trigo terá o mesmo poder de barganha quanto o petróleo? O secretário (ministro) da Agricultura dos Estados Unidos, sr. Earl Butz, pensa que sim.

Segundo a revista econômica "Business Week" que circulou na primeira semana de janeiro, Butz revelou que o receio de atrapalhar as negociações relativas a um contrato para a compra de cereais com a duração de cinco anos, dissuadiu a União Soviética de interferir na diplomacia de Henry Kissinger para o Oriente Médio, que resultou no acordo de paz Israel-Egito.

Afirmou Earl Butz, segundo "Business Week", que os russos poderiam ter bloqueado o acordo entre os dois países quando Kissinger estava viajando com aquele objetivo. Mas não fizeram isso porque "sabiam que não era hora de brincar" quando estavam negociando com os Estados Unidos um novo contrato de compra de trigo.

Um alto funcionário do Departamento de Defesa, referindo-se ao contrato de fornecimento do cereal aos soviéticos, disse que foi a vitória do "agripoder" sobre o poder do petróleo.

É a percepção do poder que causará mudança de atitudes e, claramente, arrematou o funcionário, "os EUA tem maior poder de monopólio em cereais do que qualquer nação da OPEP tem em petróleo".

A revista, sempre muito bem informada sobre economia e diplomacia, deduziu que é grande a força dos alimentos no arsenal diplomático da América.

"Temos alimentos de sobra e o resto do mundo que vá para o inferno", disse à revista um diretor do Departamento de Estado, ao mesmo tempo em que confirmou a declaração de Earl Butz sobre o Oriente Médio, afirmando que os alimentos desempenharam um "papel de autocontenção soviética no Oriente Médio". Ressaltou que "os estoques de cereais dos EUA estão perto da metade do suprimento mundial total. Enquanto os suprimentos do resto do mundo estão diminuindo os do EUA estão aumentando."

"Business Week" disse que apesar das dúvidas de alguns governos a respeito da conveniência de usar os alimentos como armas de efeito diplomático, "a administração Ford está sendo lenta e até canhestra no sentido de começar a brandir seu poder na arena diplomática". A revista acha que pela primeira vez os EUA estabeleceram uma política nacional de exportação de cereais. Em lugar da liberdade permitida aos exportadores no passado, Washington tem se mostrado pronta para fixar condições precisas para a entrega dos alimentos americanos.

Parece generalizar-se o conceito de que o "agripoder" vai aos poucos desempenhando um papel forte, embora ainda discreto. Os altos funcionários norte-americanos admitem em particular que esse poder será explorado para tentar reduzir as barreiras comerciais em países que compram alimentos nos EUA. O Japão — ressaltou "Business Week" — é um desses casos.

Desde a ocorrência do embargo petrolífero árabe de 1973, que os norte-americanos começaram a pensar em termos de responder com a influência potencial dos alimentos. As perspectivas passaram a evidenciar que trigo, soja, milho, constituiriam excelentes elementos de barganha político-diplomática.

É claro que os norte-americanos estão ainda muito longe da unanimidade de ponto-de-vista a respeito dessa política. Parece haver um consenso generalizado de que há muita diferença entre petróleo e alimentos. Como afirmou (Business Week) um alto funcionário da Casa Branca: "você pode imaginar as repercussões se os EUA tentarem brincar de Deus com os alimentos?"

Mas usem os americanos ou não essa força, a verdade é que o "agripoder" existe de fato. E para os norte-americanos esse poder constitui-se numa verdadeira bênção.

A agricultura e os frutos dela decorrentes, além de vitais aos organismos humanos e animal, é praticamente a única possibilidade de criação de riqueza real sem prejudicar os elementos da natureza.

Quando o agricultor trabalha a terra e a cultiva, ele colhe uma riqueza que não existia a não ser na semente que gerou os frutos. Portanto, ele criou uma riqueza, acrescentando ao potencial da sua pátria um dividendo real. Nenhuma outra atividade humana pode avocar a si esse privilégio, que é único do agricultor.

É lícito argumentar também, sem que haja qualquer exagero, que a agricultura é a atividade mais sadia do ponto-de-vista moral. O agricultor não transforma uma riqueza; mas a cria. E para criar essa riqueza ele não destrói senão gramados e arbustos, mas que os planta em outro local.

Achamos que a agricultura, além de ser um poder força, é também um poder moral. O homem viveu milênios independente do petróleo e outras necessidades da vida moderna; mas desde que foi emitido o primeiro vagido humano na superfície da Terra, a agricultura cumpre o seu papel.

## "OGRA" É UM CEREAL SEMELHANTE AO TRIGO



BONN— A incessante busca do homem por novos e mais ricos alimentos leva os pesquisadores a importantes descobertas no mundo da genética das plantas.

Tal ocorreu com a pesquisadora Gertrud Schmidt, que trabalhou durante anos na criação de um cereal a partir da cevada.

O resultado apurado foi uma espiga sextupla, que chega a conter até 55 grãos com o dobro do volu-

me da cevada comum. A espécie recebeu o nome de Ogra, isto é, cevada sem barbas.

É muito semelhante ao trigo e como este, pode ser ceifada e malhada. Estão sendo desenvolvidas experiências de sua farinha para saber se a mesma tem condições de panificação.

Na foto a geneticista Gertrud Schmidt examina as grandes espigas da sua exitosa experiência numa lavoura próxima a Bonn.

## ALGAS MAIS PRODUTIVAS DO QUE O FEIJÃO SOJA

MONIQUE— Noticiário do Departamento de Imprensa e informação da RFA, informa que no Departamento de Pesquisa e Tecnologia de Algas, em Dortmund, órgão pertencente à Sociedade de Radiação e Proteção Ambiental de Muni-

que, já se sabe na algum tempo através da criação de culturas de algas em tanques experimentais, que algas verdes microscopicamente pequenas (Scenedesmus obliquus) tem o mesmo valor nutritivo da soja.

E enquanto as culturas de soja tem um rendimento de

meia a uma tonelada de proteína crua por hectare, as culturas de algas produzem, na mesma superfície, pelo menos 25 toneladas. Experiências que vem sendo feitas na Tailândia, Índia e no Peru, mostram que em condições tropicais os resultados podem ser ainda maiores.

## EUA REDUZ AREA DA SOJA

WASHINGTON — O Bureau de Safras do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos divulgou, na segunda última semana de janeiro, a primeira estimativa de safra americana para 1976. Baseada no plantio a partir de 1º de janeiro, as provisões indicam um aumento na área plantada de milho (3,7%), que passaria a ocupar 80,8 milhões de acres e um crescimento de 16,6% na cultura do algodão.

Quanto ao trigo, estimativas de dezembro indicavam um crescimento de 2% na área plantada, embora a produção prevista se situasse abaixo dos 1,5 bilhão de "bushels", o que representará menos de 9% em relação a safra de 1975.

Já em relação a soja, o Departamento de Agricultura prevê uma redução da área a ser cultivada em torno de 7%. As estimativas prevêem que a lavoura da oleaginosa cairá de 11

milhões de acres para 9,6 milhões.

Admitindo-se a confirmação dessas previsões, a safra cerealista de 1976 nos EUA será de 122 milhões de toneladas de milho (118 milhões em 1975); 32 milhões de toneladas de soja (33 milhões em 75) e 13 milhões de fardos de algodão (9,0 milhões em 75).

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

## ALEMANHA DEFENDE A ÁGUA

BERLIM — A lei dos detergentes aprovada pelo Parlamento Federal da Alemanha em junho de 1975 foi aprovada também pelo Conselho Federal, em julho de 75. A lei deverá impedir tanto quanto possível a poluição da água devida aos detergentes e meios de limpeza.

O Ministro do Interior, professor Dr. Werner Maihofer, saudou a decisão do Conselho Federal e declarou que com esta lei foi prestada uma outra contribuição para o melhora-

mento das condições ambientais, nesse setor particularmente sofrido da proteção das águas.

Uma meta central do programa ambiental do Governo Federal, a garantia do abastecimento da água, através da manutenção e controle da pureza das águas, ficou assim bastante mais próxima.

O Ministro informou que e demanda geral de água da República Federal da Alemanha aumentará de cerca de 27 bilhões de metros cúbicos em 1969 pa-

ra cerca de 44 bilhões de metros cúbicos no ano 2.000. Em seus pormenores a lei dos detergentes prevê que:

—No futuro só poderão ser vendidos os detergentes e meios de limpeza que tenham suficientemente garantia a decomposição de suas substâncias orgânicas.

O teor de fosfato será reduzido gradativamente, até que esta substância poluidora das águas possa ser substituída por outras substâncias não nocivas ao meio ambiente.

# FECOTRIGO ORGANIZA ENCONTRO DE TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL

Tendo por local dependências da Cooperativa de Santo Ângelo, COTRISA, a Federação das Cooperativas de Trigo - FECOTRIGO - vai promover no período de 16 a 18 de março próximo, o I Encontro Cooperativo de Assistência Técnica e Extensão Rural.

O encontro reveste-se de significativa importância, pois pela primeira vez técnicos e dirigentes cooperativistas terão a oportunidade de debater e anali-

sar a assistência técnica atual e o serviço prestado pelo sistema, bem como verificar as necessidades atuais e previsão do futuro cooperativista.

Participarão do encontro, além de autoridades convidadas pela FECOTRIGO, técnicos e dirigentes das cooperativas federadas.

As inscrições serão recebidas unicamente pelo departamento técnico da FECOTRIGO, em Porto Alegre, podendo ser feitas

através de fichas de inscrição, telegramas ou pelo telefone. Os departamentos técnicos das cooperativas federadas ficarão com a responsabilidade do encaminhamento das inscrições de seus respectivos associados.

Proferirão conferências durante o encontro o ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli; o presidente do Banco Central do Brasil, sr. Paulo Lira; o presidente da EMBRATER, eng. agr. Símplicio Renato Lopes; profes-

sor Paulo Mucenecky - que abordará comunicação rural - e o presidente da FECOTRIGO. Ari Dionísio Dalmolin.

Os temas que merecerão maior ênfase nesse I Encontro serão comunicação e educação cooperativista, crédito rural e assistência técnica e extensão rural, através do seguinte desdobramento:

Na comunicação e educação cooperativista, ver-se-á a necessi-

dade da criação do serviço de comunicação rural, estruturação e funcionamento, capacitação do elemento humano e metodologia.

Crédito rural, repasses, convênios com bancos, política de maneabilidade do crédito e assistência técnica e extensão rural, com destaque para os programas de conservação do solo, estrutura do solo, estrutura do serviço, legislação, intercâmbio com outras áreas e treinamento do pessoal.

## TECNOLOGO EM COOPERATIVISMO E ADMINISTRAÇÃO RURAL SÃO DOIS NOVOS CURSOS DA FIDENE

A FIDENE está oferecendo dois novos cursos ao estudando, para ingresso mediante aprovação em exames vestibulares, no ano letivo a começar no próximo semestre. São os cursos de tecnólogo em cooperativismo e administração rural.

As inscrições estarão abertas de 15 a 25 de março. Poderão inscrever-se candidatos que hajam concluído o curso colegial ou equivalente.

Para inscrição em quaisquer dos referidos cursos, o candidato apresentará os seguintes documentos: carteira de identidade

título eleitoral, documento militar, duas fotografias tamanho 3 x 4 e comprovante do pagamento da taxa de inscrição, de 210 cruzeiros.

Os novos cursos a serem ministrados pela FIDENE estão encontrando favorável repercussão em todo o Estado, principalmente por se tratar de especialidades novas, onde os futuros formandos por certo encontrarão um mercado de trabalho onde prevalecerá a procura sobre a oferta.

Para cada um dos cursos a FIDENE está oferecendo 40

vagas. O concurso vestibular realizar-se-á na sede acadêmica da FIDENE, à rua São Francisco, 509, em Ijuí, nos dias 27, 28, 29 e 30 de março próximo, no seguinte horário:

Dia 27, às 14 horas, português; dia 28, às 8 horas - história, Geografia e O.S.P.B. (organização social e política brasileira); dia 29, às 8 horas, física e matemática, e dia 30 às 8 horas, química e biologia. Para maiores informações os interessados deverão dirigir-se à secretaria geral da FIDENE, no endereço citado.

## TABELA DE PREÇO EM INSEMINAÇÃO

Publicamos a relação dos preços para inseminação nos postos da cooperativa. Pela ordem, os preços da primeira, segunda e terceira aplicações, respectivamente.

Holandês Nacional	1ª Cr\$ 30,00	2ª Cr\$ 15,00	3ª Cr\$ 10,00
Jersey Nacional	1ª Cr\$ 30,00	2ª Cr\$ 15,00	3ª Cr\$ 10,00
Zebu Nacional	1ª Cr\$ 45,00	2ª Cr\$ 20,00	3ª Cr\$ 10,00
Holandês Nacional Malv	1ª Cr\$ 40,00	2ª Cr\$ 20,00	3ª Cr\$ 10,00
Holandês Importado	1ª Cr\$ 90,00	2ª Cr\$ 90,00	3ª Cr\$ 90,00
Zebu Importado	1ª Cr\$ 80,00	2ª Cr\$ 80,00	3ª Cr\$ 80,00
Charolês Nacional	1ª Cr\$ 80,00	2ª Cr\$ 50,00	3ª Cr\$ 20,00
F.V. Nacional	1ª Cr\$ 35,00	2ª Cr\$ 15,00	3ª Cr\$ 10,00

Considerando que um dos principais fatores de falhas das inseminações é o fato das mesmas serem realizadas em oportunidades impróprias, chamamos a atenção dos criadores que utilizam este serviço no sentido de observarem com muita atenção o horário em que se iniciaram as manifestações do cio e dêem a informação correta ao inseminador, que é o elemento autorizado a marcar o horário da inseminação. Esta deverá ser feita somente após o término das manifestações externas do cio, próximo ao momento em que ocorre a ovulação, aumentando assim as possibilidades de fecundação.

## SEGURANÇA NO TRABALHO E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

Cumprindo determinação constante da Portaria nº 3237, de 27 de julho de 1972 do Ministério do Trabalho e art. 164 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a cooperativa mantém em funcionamento um serviço especializado de prevenção de acidentes e higiene do trabalho.

Três comissões internas de prevenção de acidentes funcionam em caráter permanente no âmbito da cooperativa, sendo uma com sede em Ijuí, com jurisdição sobre as unidades receptoras de Vila Jóia, Augusto Pestana e Ajuricaba; outra com sede em Santo Augusto e com jurisdição sobre as unidades receptoras de Tenente Portela, Coronel Bicaco e Chiapetta. E por último, uma comissão com sede no terminal marítimo "Luiz Fogliatto" em Rio Grande.

A par dessas atividades a COTRIJUI criou, a partir de 1975, um Departamento de Segurança Patrimonial, cuja missão é preservar os bens materiais da cooperativa, resguardar os limites de suas propriedades, além de prestar informações e orientação aos associados e visitantes em geral, na totalidade de suas instalações.

## DECLARAÇÃO DE RENDA PRAZO É 23 DE MARÇO

O prazo de entrega de declarações do Imposto de Renda (pessoa física), para aqueles com tributo a pagar ou que tenham direito à restituição de valores, é 23 de março próximo. Os que estejam isentos do tributo tem prazo até 28 de abril.

A informação, que vem sendo divulgada pela imprensa de todo o país, consta de nota oficial distribuída pela Secretaria da Receita Federal. Os contribuintes enquadrados nos itens relativos a 23 de março receberam os formulários até fim de fevereiro. Aquele cujo prazo vai 28 de abril, os isentos, receberão os formulários de declaração obrigatória até o dia 9 de abril.

# QUANTO GASTA O BRASIL COM IMPORTAÇÃO DE TECNOLOGIA?

Durante o ano de 1974 o Brasil pagou soma superior a 40 milhões de dólares a título de assistência técnica, apenas na setorial da indústria automobilística. Com esse dinheiro é justo supor-se que as empresas americanas e europeias, que nos exportam tal assistência, aperfeiçoam novas tecnologias para vender-nos. Com isso, há naturalmente uma tendência para a perpetuação de nossa dependência da tecnologia importada.

O jornal Folha de S. Paulo, em sua edição de 24 de maio de 1975, publicou importante artigo no qual analisa nossa dependência da tecnologia estrangeira e o encarecimento cada vez mais acentuado dessa técnica.

Um país em extremo subdesenvolvimento importa a quase totalidade dos produtos manufaturados que usa. Ao se desenvolver, o país passa primeiro pelo estágio em que manufatura o grosso de suas necessidades empregando tecnologia importada: é o "estágio da indústria de substituição". Em seguida atinge o "estágio tecnológico" caracterizado por uma posição favorável na balança internacional de trocas tecnológicas.

No estágio da indústria de substituição, o país utiliza sua mão-de-obra e seus recursos naturais, gera empregos, eleva o seu padrão de vida, mas não melhora, necessariamente, sua balança de pagamentos. Se por um lado, ele não mais gasta divisas na importação de rádios, geladeiras e automóveis, ele as gasta na importação de tecnologia para a construção desses e de outros produtos. Esse estágio é útil e essencial, mas não pode ser sustentado indefinidamente, dado o elevado custo da importação de tecnologia.

O Brasil, embora com invejável indústria, ainda tem pouca tecnologia, e conseqüentemente, paga

vultosas e crescentes somas na importação de tecnologia estrangeira, sem ter receita correspondente com uma exportação de conhecimentos brasileiros.

A compra de assistência técnica estrangeira é de suma importância para nós. Ela tem, no entanto, além de já apontada tendência à perpetuação, e além dos altos custos, outros aspectos desfavoráveis. Um deles é a possibilidade da "pseudo-assistência técnica", como forma suplementar de remessas de lucros para o estrangeiro. Outro, mais difícil de identificar, é o fato de que, frequentemente, soluções técnicas estrangeiras adaptam-se mal às condições brasileiras. O mais importante exemplo de tal descasamento entre nossos recursos é técnicas importadas, é o uso de petróleo (raro, pelo menos por enquanto, em nosso território) como nossa principal fonte de energia.

No estágio tecnológico, a exportação mais lucrativa é a de produtos altamente sofisticados (aviões, computadores, etc) e a dos próprios conhecimentos técnicos, continuamente renovados. A exportação de alimentos é de grande importância para certos países como o Brasil e os Estados Unidos, mas uma boa produtividade nessa área também depende de uma tecnologia aprimorada.

O Brasil, para se livrar do crescente ônus da importação de assistência técnica, precisa fazer o máximo esforço para apressar o advento do "estágio tecnológico", aumentando substancialmente sua capacidade de inovação tecnológica. Para entendermos como isso pode ser feito, é conveniente investigar alguns mecanismos através dos quais uma tecnologia local pode ser estabelecida. Após tal exame, vamos sugerir um dos muitos modos de alcançar o objetivo da "tecnologização" do Brasil.

O nível de tecnologia de um país é determinado

pelo equilíbrio entre três importantes mecanismos: dois positivos — a geração local de tecnologia e a importação da mesma (transferência) — e um negativo — a perda de tecnologia.

A perda de tecnologia existente decorre, por exemplo, dela ficar obsoleta. O Brasil, há muitos anos atrás, fabricava charretes; hoje, em consequência natural do progresso, essa indústria praticamente desapareceu. Perde-se tecnologia também quando fábricas brasileiras, produtoras de itens projetados aqui, se associam, por necessidade de expansão, a empresas estrangeiras e adotam modelos semelhantes de projeto estrangeiro, passando então a pagar licença para produzir aquilo que já existia entre nós.

Quando uma fábrica brasileira fecha, em virtude da concorrência de uma multinacional, também se perde tecnologia, embora se possa estar, simultaneamente, ganhando tecnologia por transferência. Finalmente, perde-se tecnologia, com claros danos à economia nacional, quando uma fábrica brasileira fecha porque importações substanciais de produto concorrente são permitidas. A nossa indústria aeronáutica sofreu, mais, uma vez com tal política.

A transferência de tecnologia é difícil mas é, sem dúvida, uma das maneiras de aumentar o nível tecnológico nacional. Poderemos considerar aqui dois casos: uma "transferência temporária" e uma "transferência com fixação". A transferência temporária é aquela sujeita a pagamentos constantes de licença ou assistência técnica: cessado o pagamento, a tecnologia torna-se inútil pela sua rápida obsolescência. A transferência com fixação é aquela que serve de germe para futuros desenvolvimentos locais que então não serão sujeitos a pagamentos externos.

A transferência com fixação exige que a empresa recipiente possua uma equipe de desenvolvimento técnicos para aperfeiçoar e atualizar os itens em produção e para criar novos produtos. Algumas multinacionais estabelecidas no Brasil têm adotado esse procedimento.

Quando um técnico de empresa que trabalha com tecnologia importada desliga-se da mesma para trabalhar noutra local, ele automaticamente contribui para a fixação de tecnologia.

Durante muitos anos, uma forma comum de fixação de tecnologia estrangeira no Japão foi a simples cópia de produtos importados. Isto exige, no entanto um bom nível de técnica de produção.

A geração local de tecnologia faz-se através de muitos mecanismos. As equipes de desenvolvimento mencionadas certamente geram parte da tecnologia local.

A função da universidade na geração de tecnologia é de suprema importância: ela é a fonte dos conhecimentos científicos futuros técnicos e a criadora e o repositório dos conhecimentos científicos que alimentam a tecnologia. A correlação entre a Universidade e o desenvolvimento industrial é impressionante. Assim, o maior complexo aeroespacial e eletrônico do mundo, o da área da Baía de São Francisco, nos Estados Unidos, tem uma origem claramente relacionada com a existência da Universidade de Stanford, naquela área. Um complexo equivalente na vizinhança de Boston também nasceu à sombra de uma grande escola: o Massachusetts Institute of Technology. Entre nós, o surto industrial de São José dos Campos muito deve à presença do Centro Técnico da Aeronáutica.

Não se pode concluir desses exemplos que basta criar-se uma universidade

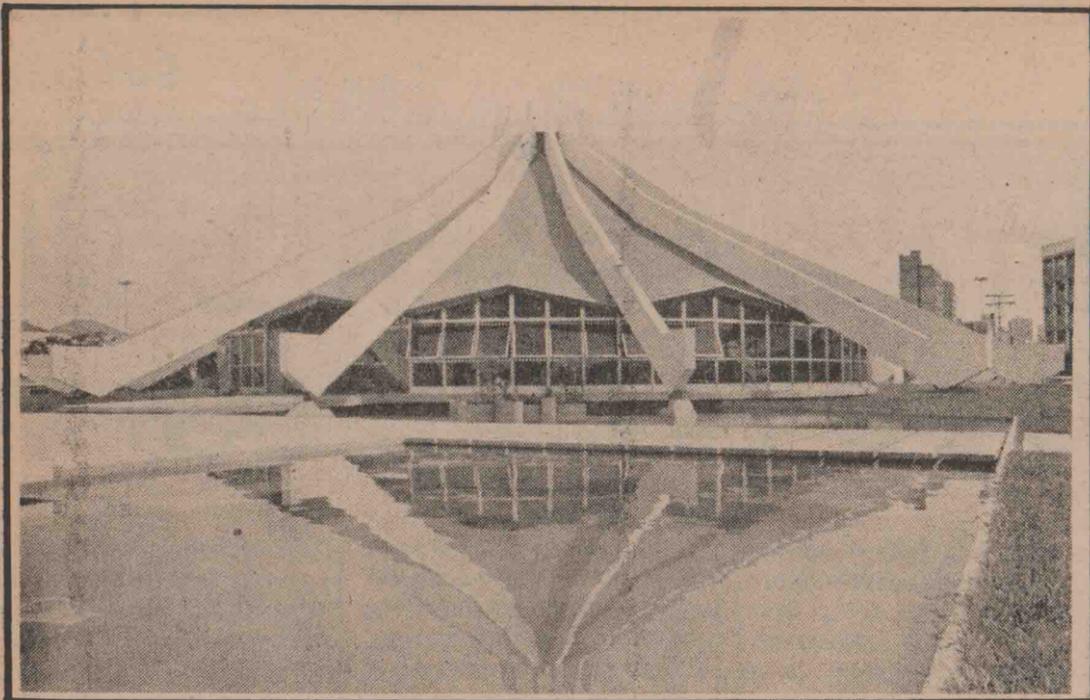
para que em torno dela surja uma área de alta tecnologia. Não basta mesmo que a universidade seja "boa". É essencial que associado à mesma, haja um mecanismo apropriado para a integração com a indústria. A ligação universidade-indústria não ocorre espontaneamente, a não ser com grande lentidão. Isso se prende à diferença essencial entre a mentalidade do cientista e a do industrial.

O bom cientista é motivado pelo constante desejo de desvendar novos mistérios e tem pouca paciência com o oneroso esforço necessário para transformar novas idéias em novos produtos. Por sua vez, o industrial, preso à rotina de produção, usualmente não sabe formular perguntas aos cientistas.

Um esforço científico tem, comumente, como produtor final uma publicação; um desenvolvimento tecnológico que termina num relatório ou num protótipo é um esforço perdido. Para que haja sucesso, o desenvolvimento tem que resultar num produto (ou serviço) comercializado.

Para que haja uma forte interação entre universidade e indústria é preciso que a interface entre as duas seja suprida por entidade especificamente dedicada a essa atividade. Equipes dessa entidade estão a par do que acontece no mundo científico e estão sempre alertas em busca de idéias comercializáveis. Identificadas tais idéias, elas são agressivamente "vendidas" à indústria. Da mesma forma, as equipes identificam dificuldades técnicas dos fabricantes e buscam soluções para as mesmas no mundo científico.

Em vista do exposto não é de surpreender que universidades que tiveram sucesso como núcleos de polos industriais sejam frequentemente aquelas que estão associadas a entidades especializadas nas relações com a indústria.



A arquitetura revolucionária do Planetário de Porto Alegre.

## INDO A PORTO ALEGRE ASSISTA O PLANETÁRIO

O Homem, em todos os tempos, se preocupou em investigar, entender e conquistar o espaço. A história nos mostra que os povos de cultura e civilização mais avançadas sempre estiveram envolvidos com o estudo do cosmos. Hoje, o Homem da era espacial está mais próximo das estrelas. Mas muitas vezes, devido à pressa do cotidiano, é a sua imaginação que o leva a viajar para lugares impossíveis e a viver experiências que talvez não possam ser realizadas. É pensando no uso desta capacidade de sonhar que o Planetário convida a fazer, diariamente, um passeio pelo Universo.

Para os adultos é apresentado o programa "Estrela de Verão" nos seguintes horários:

— de terça a sexta-feira às 21 horas.

— aos sábados e domingos às 19,30 — 20,30 e 21,30 horas.

Para as crianças de 3 a 10 anos o programa apresentado é

um "Passeio pelo céu de verão", viagem espacial que leva a conhecer galáxias, planetas, constelações e uma infinidade de outros personagens da paisagem celeste. Este programa é apresentado nos seguintes horários:

— quartas-feiras às 19 horas,  
— sábados e domingos às 18 horas.

Os programas mencionados acima permanecerão em cartaz até 29 de fevereiro, quando entrará nova programação.

### EXPOSIÇÃO

Em colaboração com o Museu de Ciências da PUC, o Planetário está expondo armas, vestuário e peças indígenas da América Latina. Entre os objetos estão três cabeças humanas reduzidas por desidratação encontradas na fronteira da Colômbia com o Brasil.

Estas curiosidades poderão ser observadas diariamente pela manhã, tarde e noite.

### PROGRAMAÇÃO PARA O MES DE FEVEREIRO

Programa de adultos: Estrelas de Verão;

HORÁRIO: de terças às sextas-feiras às 21 horas; sábados e domingos às 19,30 — 20,30 e 21,30.

Programa Infantil: (Crianças de 3 a 10 anos).

Passeio pelo céu de verão:

HORÁRIO: às quartas às 19 horas; sábados e domingos às 18,30 horas.

### CONTEÚDO

Ambos os programas abordam constelações principais, estrelas, cometas, lançamentos de nave espacial e viagem ao sistema solar, a Lua, panorama e características, galáxias e nebulosas.

Há 18 anos o Rio Grande do Sul lançava a primeira emissão de rádio universitário no Brasil. Foi para o ar a Rádio Universidade órgão de comunicação que no futuro integraria o Centro de Tele-difusão Educativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Apesar de ser criada tendo em vista todo o estado, passados esses 18 anos a RU, como é carinhosamente chamada, mal ultrapassa com seu som clássico os limites do município de Porto Alegre. É que sua potência instalada é de apenas dois quilovates, ainda com o agravante de possuir um transmissor antiquado que não dá o aproveitamento real dos dois quilovates de potência. Assim o ouvinte erudito do Rio Grande do Sul priva-se da única rádio-emissora que emite som clássico no Estado, exatamente numa época em que as emissoras comerciais quase que sem exceção, abusam do direito à mediocridade e mau gosto.

Segundo sua diretora, jornalista Vacilia Derenji, a rádio tem permissão do PRONTEL—Programa Nacional de Teledifusão—para transmitir com 10 quilovates de potência, com o que cobriria todo o território do estado. Mas não há recurso financeiro para colocar no ar a potência concedida. Um transmissor de 10 kw custa ao redor de 300 mil cruzeiros e o orçamento anual da emissora é de apenas 160 mil cruzeiros.

Devido a penúria financeira de nossa Rádio Universidade, pobreza que se caracterizou nos últimos 10 anos, a maior parte do patrimônio da emissora foi oriundo de doações. Sua discoteca de 7.000 discos, muitos deles verdadeiras raridades do clássico e do erudito universal, foi recebida por doação.

A Alemanha, França, Espanha e Itália, são os principais doadores

de discos e programas montados. A rádio mantém intercâmbio com a Neederland (Holanda), BBC (Inglaterra), ORTF (França), RAI (Itália) e com a Voz da Alemanha (Deutsche Welle), pois caso dependesse de si mesma para funcionar, não poderia ser mais do que uma simples rádio toca-disco.

A diretora Vacilia Derenji diz que o alcance com 10 quilovates aumentará, cobrindo praticamente todo o estado, dependendo de algumas condições locais: umidade do terreno na torre de transmissão, técnica empregada no sistema irradiante etc.

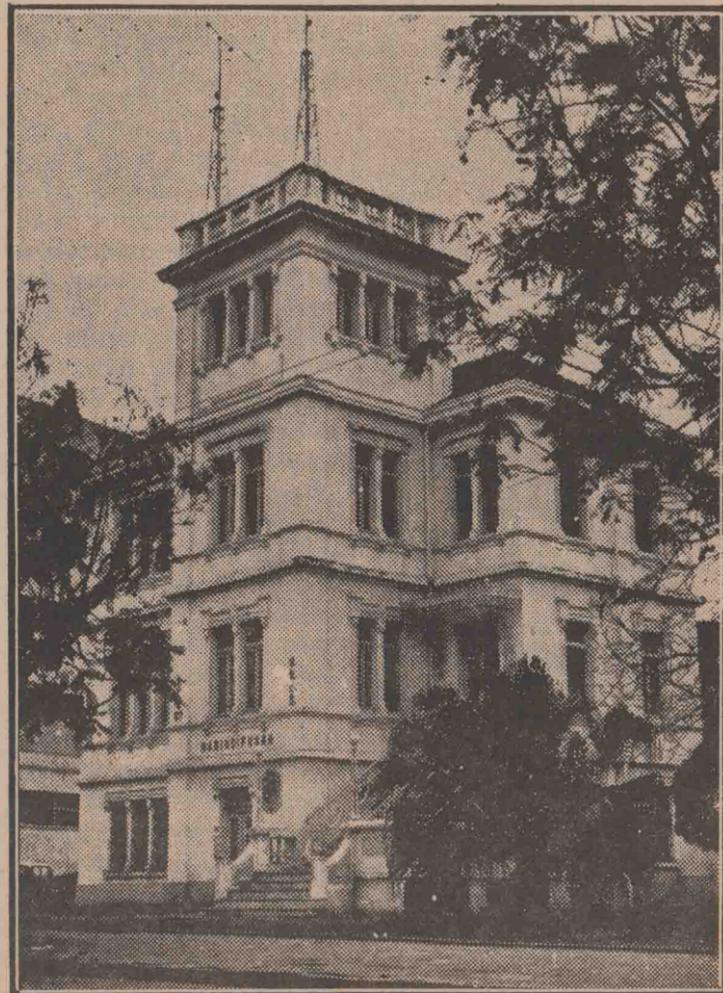
Vacilia fala sobre o público da Rádio Universidade. Segundo a diretora, talvez pareça estranho mas o maior público ouvinte da emissora é o jovem. Aquele que cobre a faixa etária dos 18 aos 25 anos. Cada vez os jovens voltam-se mais para os clássicos e o erudito. Aliás, basta observar a própria afluência desses jovens nos concertos de música clássica, nas óperas levadas a cena e na compra de discos clássicos, nas lojas.

Por isso ela acha que não se deve privar por mais tempo ao povo jovem do Rio Grande do Sul de sintonizar a Rádio Universidade. De todos os pontos do estado a direção da emissora recebe pedidos de informação sobre o aumento de potência da rádio. E é lamentável ter que responder que o aumento de potência, a despeito de depender de tão pouco, financeiramente, esse pouco é fator de impedimento global para levar cultura musical erudita ao ouvinte de bom gosto de todo o Rio Grande do Sul.

Direção e estúdios da RU.

## RIO GRANDE DO SUL PIONEIRO EM EMISSORA UNIVERSITÁRIA

Mas é um pioneirismo que não se confirmou em termos de potência para cobertura e qualidade das programações. Sempre faltou e falta recursos financeiros para a RU cumprir sua importante missão cultural. Povo gaúcho clama pelo aumento de potência da emissora, segundo declara sua diretora, jornalista Vacilia Derenji.



# A LINGUAGEM NO BRASIL E OS PROBLEMAS DO JOÃO DA SILVA

O cidadão João da Silva, brasileiro, casado, vacinado, portador de atestado de conclusão do curso MOBREAL, abre o jornal dominical (único dia da semana que dispõe de tempo para tomar contato com esse elemento indispensável à sua informação e cultura quotidiana) e sente um arripio de inutilidade e incompetência.

Ou será que o jornalista o enganou, passando-lhe um jornal estrangeiro? Em todas as páginas ele tenta soletrar palavras como "newsletter", "lock-out", "poli-position", "know-how", "spray", "marketing", "trade", "show", "expo-center", "Shopping", "open", "doorto-door", "overnight", "market", "open-market", "free-way", etc.

Ele verifica que não há engano. O jornal se diz brasileiro e não resta dúvidas que é editado no Brasil, conforme consta de seu expediente.

João da Silva volta à leitura. Pelo menos, tenta continuar a lê-lo. O texto é difícil, quase impossível. Durante seu período de MOBREAL ele não viveu esses problemas. Os textos eram simples, objetivos, diretos, perfeitamente inteligíveis.

Ele tenta ler os anúncios. Impossível. O problema continua. Os produtos colocados à venda também possuem nomes estrangeiros ou tendem para o estrangeirismo: "Esbelt", "Comfort", "Free-Colecion", "Car", "Robertson's Scotch Whisky" made in Bento Gonçalves, e assim por diante...

E o pobre João da Silva, após três anos de MOBREAL, vai ter de coordenar o tempo entre seu trabalho na fábrica "System Export" onde trabalha como servente para fazer um curso urgente de leitura de jornais no "American Institute" de sua cidade...

## A AVALANCHE DO K, W e Y E A ANEDOTA DO ESTATUTO

Como se sabe, a última reforma ortográfica havida no Brasil suprimiu do alfabeto as letras k, w e y. Segundo a Lei, esses caracteres somente seriam usados em nomes próprios e algumas abreviaturas da matemática e da química.

Tendo em vista a verdadeira avalanche de uso dessas letras legalmente suprimidas, um professor porto-alegrense, sr. Alberto Gosch, através de correspondência endereçada ao Correio do Leitor, seção que se publica no Correio do Povo, criticou se-

veramente o que qualificou de verdadeiro atentado a língua pátria, na edição que circulou a 5 de fevereiro. O professor Gosch alertou para o espetáculo triste que proporcionamos ao mundo quando escrevemos — principalmente no setor comercial — palavras grafadas com quaisquer das referidas letras condenadas.

É comum ver-se casas comerciais cujas pessoas jurídicas — e portanto, aceitas pela Junta Comercial do Estado — são grafadas na base do "Ki-

Presenti", "Ki-Kão", "Kuka-Kente", etc., num verdadeiro atentado ao idioma português.

Infelizmente, chega-se a conclusão que a linguagem é usada como agente da anticultura.

### ESTÓRIA DO ESTATUTO

Não resta dúvida que o desprezo com que se vai encarando a língua portuguesa, leva-nos inexoravelmente ao ridículo. É nesse clima de desprezo e inércia para com os autênticos valores da filologia, que conta-se com bastante dose de

malícia a estória da redação dos estatutos...

Entidade porto-alegrense de cunho cultural, contratou os serviços de um datilógrafo para passar a limpo, isto é, dar a redação definitiva, aos seus estatutos... Contratado o serviço, o preço seria acertado depois.

Recebida a tarefa, o datilógrafo pôs mãos à obra e em poucos dias concluiu o que considerou ser uma pequena tarefa do serviço total prometido. Ou seja: "os estatutos..."

Quando tentaram explicar ao datilógrafo que "os estatutos" eram "o estatuto", o zeloso trabalhador não teve dúvidas em ameaçar a Casa de Cultura até com advogado, pois ninguém conseguiu convencê-lo que não houvessem dado os demais "estatutos" para protegido da diretoria...

De nossa parte, não sabemos se a estória é cômica ou triste simplesmente. Mas, de certo modo, ilustra uma vexatória realidade nacional.

*Open market*

SHOW BUSINESS  
DES (BRASILEIRO)  
FOR EXPORT

*finindo "boom"*

O "spread" para a Fiat é de 2,125%

*“pellets”*

‘leasing’ SHOW

“Camping” Consider

As butiques  
os “buffets”  
Novo Booz Allen  
COURIBEX “Ferry-boat”  
free-way

kits para montagem

A Hoechst e a Du Pont  
negam a falta de “Frigen”  
e “freon” no mercado

Magazine

# PULVERIZAÇÃO ÁREA NOTURNA TÉCNICA NECESSÁRIA AO PAÍS

A COTRIJUI vem defendendo há tempos a adoção da pulverização área noturna, como a técnica mais racional para o combate das pragas das lavouras.

Duas demonstrações de efeito prático já foram realizadas na região, sob li-

cença e com a presença fiscalizadora do Ministério da Aeronáutica, que através de seu representante credenciado em uma demonstração aprovou a tecnologia do sistema.

Conforme foi amplamente divulgado na oportu-

nidade pela imprensa do Estado, a primeira demonstração foi promovida a 13 de fevereiro de 1973, numa lavoura localizada ao lado do aeroporto municipal "Salgado Filho", em Ijuí. A segunda foi feita no município de Chiapetta, na localidade de

Monte Alvão, na noite de 3 de abril, daquele mesmo ano.

Para ambas as demonstrações foram usados avião marca Grumman.

Participou também de ambas as demonstrações o diretor da Divisão de Aviação

do Ministério da Agricultura, eng. agr. Ewaldo Mendes Costa, que da mesma forma que o representante credenciado pelo Ministério da Aeronáutica, aprovou o sistema como válido para o nosso País.

★ ★ ★ ★ ★

## POR QUE PULVERIZAR À NOITE?

Somente à noite as condições climáticas são ideais para a pulverização das culturas agrícolas.

Por que?

Porque à noite as correntes aéreas são descendentes em face da ausência dos raios solares, que são os filtros naturais do espaço.

A ausência de raios solares e consequente formação da umi-

dade do ar à noite, que chamamos sereno, garante o aproveitamento total dos produtos químicos utilizados, tais como inseticidas, herbicidas, ou fertilizantes.

Essas condições climáticas ideais possibilitam a redução do tamanho das gotas projetadas e da quantidade do produto a usar, resultando, portanto, em eficiência total da pulverização.

Mesmo em culturas rasteiras e cerrados, a pulverização envolve totalmente folhas, ramos e galhos. Igualmente para as culturas perenes e de porte alto como é o caso do café, a pulverização noturna será a solução para o controle da ferrugem, por exemplo.

A pulverização noturna proporciona ainda várias outras vantagens, inclusive para a pre-

servação do meio ambiente. Por exemplo: as abelhas, cuja atividade é cem por cento diurna, não serão afetadas pela ação dos venenos durante o seu trabalho. Evita-se também, a poluição atmosférica.

Sendo as correntes aéreas descendentes à noite, os venenos descem sobre as plantas sem poluir o ar.

Do ponto-de-vista biológico, a pulverização noturna também apresenta várias vantagens, à noite, a atividade das pragas é maior do que durante o dia. Dessa forma a pulverização noturna controla também as outras fases do ciclo evolutivo das mesmas pragas. Por exemplo: além do controle da lagarta, mata a mariposa que é a propagadora da praga.

## COMO SE PULVERIZA À NOITE?

É natural que as pessoas pensem que haja perigo maior em voar à noite. Há inclusive uma Lei do Ministério da Aeronáutica que proíbe vôos noturno para aviões

monomotores sem instrumental próprio.

No entanto, os aviadores de países onde a pulverização aérea noturna já é fato corriqueiro, preferem mais

o vôo noturno do que o diurno. Eles argumentam que a noite, na altitude em que voam, os obstáculos são perfeitamente visíveis à distância necessária e com a vanta-

gem da sombra pelo contraste dos holofotes projetados nas pontas das asas, dar a noção exata da altura.

Um poste telegráfico uma árvore, ou mesmo os

animais nos campos próximos, tem a altura destacada pelo volume da sombra, não havendo nenhum perigo maior do que se o vôo ocorresse a luz do dia.

## COTRIJUI CRIA ESTRUTURA PARA PULVERIZAÇÃO AÉREA NOTURNA

Desde que, pelas demonstrações de pulverização aérea noturna que se realizaram na região em 1973, ficou demonstrada a eficácia do sistema, a COTRIJUI passou a agir no sentido de criar uma perfeita infra-estrutura de apoio.

Hoje a cooperativa possui pistas de pouso distribuídas estrategicamente junto a lavouras de Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba, Tupanciretã, no distrito de Vila Jóia, Chiapetta, Santo Augusto e Coronel Bicaco.

Encontram-se em fase de execução junto ao aeroporto municipal, "Salgado Filho", em Ijuí, um hangar e uma oficina com capacidade de fabricação de partes dos equipamentos de

pulverização adequados para a noite. A cooperativa vai instalar rádios transmissores e receptores em toda a região, conectadas com a oficina de manutenção, sede e equipes de manutenção e apoio.

Outro trabalho que a cooperativa vem realizando há bastante tempo é o de conscientização do produtor rural para receber o trabalho coletivamente, isto é, com atendimento por região e não isoladamente.

Também nesse setor a cooperativa vem obtendo êxito.

Em Ajuricaba foram atendidos 44 pequenos produtores, sendo que alguns deles possuíam lavouras entre 4 e 11 hectares. Isoladamente, esses agricultores não poderiam usar o recurso do

avião. Mas em bloco, em conjunto conforme aconteceu, foi formada uma extensão de 1.000 hectares contínuos. E m Linha São João, município de Augusto Pestana, noutro bloco de 22 agricultores, foi formada uma extensão de 500 hectares.

Essa pulverização foi feita em locais bastante acidentados inclusive algumas pequenas lavouras às margens do rio Ijuisinho, na divisa com o distrito de São Pedro, em Tupanciretã.

Outras pulverizações realizadas em bloco ocorreram em Coronel Barros, nas proximidades do Posto Agropecuário, na localidade de Rosário, município de Augusto Pestana, em Floresta e em Boa Esperança.

O sistema de formação de blocos de agricultores está popularizando o uso do avião para pulverizar, o que de outra forma seria impraticável por anti-econômico.

A cooperativa vem fazendo testes com herbicidas de incorporação e pré-emergência, com a finalidade de provar a possibilidade do emprego do avião em outros tipos de trabalho. Considerando a infra-estrutura montada pela cooperativa, e com a conscientização do produtor, o avião tenderá a aumentar seus rendimentos com a consequente redução de custos. Isso proporcionará uma cobrança de taxa de prestação de serviço mais acessível ao agricultor.

Dentro da estrutura que a cooperativa vem montando consta o fornecimento de insumos de plicado na lavoura, sem necessidade de manuseio por parte do produtor.

Feito o pedido do serviço a Aero Agrícola, esta se encarrega da aplicação. A prestação deste serviço reduziu o perigo de intoxicação, pois os agricultores não mantêm nenhum contato com os produtores. Além disso, os agricultores não ficam nem dependentes de sobra de veneno pois a cooperativa tem o produto estocado.

Quando é aplicado o produto numa lavoura, o proprietário paga só pelo que foi gasto em sua plantação.

## REGIME DAS ÁGUAS NOS RIOS DA AMAZÔNIA



Dizem os compêndios de geografia que dos sete milhões de quilômetros quadrados que formam a Bacia Amazônica, cabem ao Brasil cerca de 5.400.000. Constitui-se, pois, no maior sistema hidrográfico do mundo. É tão extenso que ainda causa controvérsia entre os geógrafos.

A extensão do curso do rio Amazonas, em território brasileiro, segundo essas opiniões divergentes, varia entre 3.600 a 4.000 quilômetros. Por outro lado, a velocidade de sua corrente ao se lançar no Atlântico entre

a ilha de Maracá e a ponta do Maguary, formando um estuário de 157 milhas marítimas, também motiva discórdia.

Baena atribuiu-lhe 4.645 braças por hora; Lyell, 5.553 metros a 200 milhas da costa; Herndon calculou-a em milha e meia por hora e o Barão de Marajó apreciou-a, na costa das Cuieiras, proximidades de Santarém, na máxima força vasante, avaliando-a em três milhas e, na completa baixa do rio em pouco mais de uma milha, tendo constatado em diversas oportunidades, a mais

de 200 quilômetros da foz, as águas amareladas, do rio ainda com força de correnteza.

Na opinião do geógrafo Martius, presumindo a velocidade de 1,34 centímetro por segundo, o volume da massa d'água atirada no oceano é de 18.734 metros cúbicos por segundo. As marés oceânicas, fazendo sentir-se até 300 quilômetros da foz do rio, especialmente nos períodos de vasante, influem poderosamente no regime de suas águas até as proximidades da cidade de Santarém, onde o rio-mar recebe o caudal do Solimões. A profundidade do Amazonas varia entre 20, 30 e 60 metros. Isso torna as enchentes irregulares e alternadas tanto nos volumes da água como nas épocas que elas ocorrem.

Fato digno de ser observado é que pelo fato de haver pequeno relevo do solo, as águas quando escapam as caixas dos

rios do sistema amazônico, ocupam grandes extensões de terra, transformando-as em lagos que cobrem muitas vezes áreas mais vastas do que a maioria dos países europeus. Um comprovante disso é que a diferença entre a máxima baixa e a máxima enchente vai até 17 metros, segundo medições feitas pelo Barão de Marajó e constantes de seu livro Regiões Amazônicas.

Foi isso que levou Euclides da Cunha a dizer, no seu estilo vigoroso e colorido que "o rio múltifluo, nas grandes enchentes, vinga as ribanceiras e desafoga-se nos plainos desimpedidos. Baixam as águas e nota-se que o terreno cresceu; e altera-se de cheia em cheia aprumando-se as "barreiras" altas, na direção dos pantanais e igapós".

A costa do Pará é baixa, achatada, visível de até 20 quilômetros de distância. Não têm contornos fixos mas ao contrário é variável.

É uma região de mangues e igarapés. Invasida pelo fluxo do mar, sujeita a grandes chuvas e conseqüente inundação e à ação enérgica da erosão, é um depósito gigantesco de elementos carregado pelas correntes fluviais e marinhas que se acelera com os choques fantásticos da pororoca.

A pororoca simboliza a luta da terra e do mar. Ora vence este, arrancando, destruindo, dispersando e arrastando árvores gigantes e hectares de mangues; ora o mar é vencido. Então a terra domina a paisagem, com o Amazonas distendendo à catapulta de sua força, empurrando o mar oceano a dentro. Cessada a

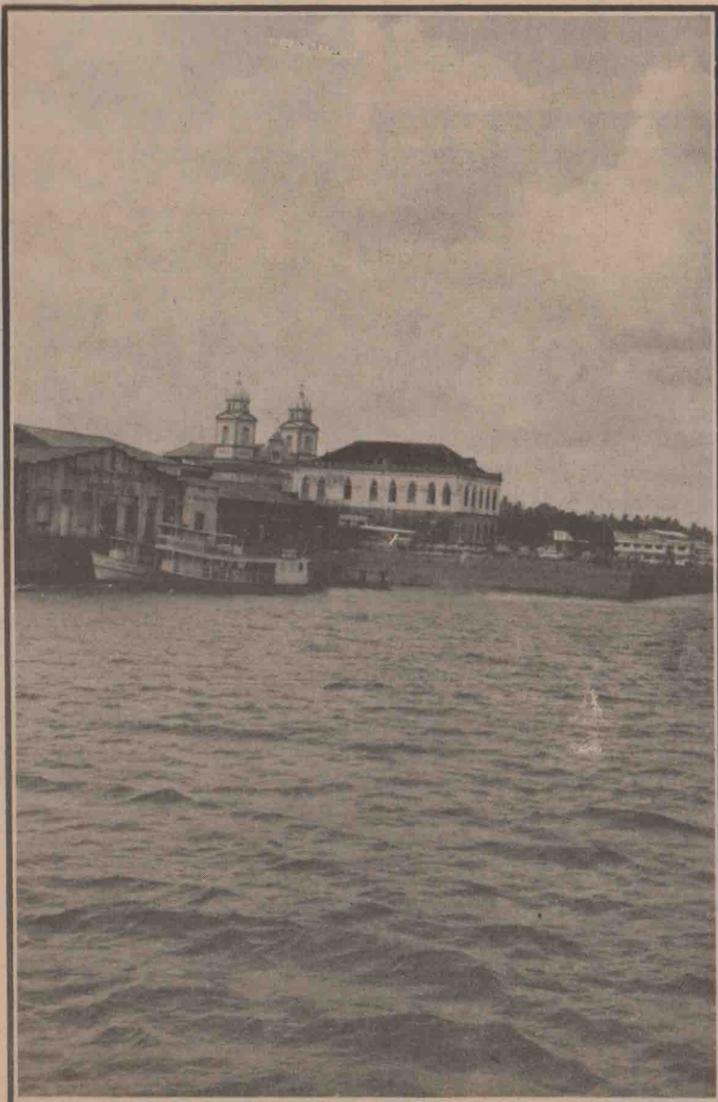
refrega, acalmados os lutadores, fica uma paisagem de desolação. A terra revolta transformada num charco, árvores caídas, morte e desolação, enquanto ainda se ouve ao longe, como uma advertência de novos encontros rio-mar na fúria da pororoca, o ronco incessante das águas ao acomodarem-se em seus leitos.

Avançando para o interior o viajante vê os campos ou caatingas que se apresentam sob três aspectos, a saber: "campos salgados", na costa, que têm a forma de pequenos planaltos. São de pouca elevação e sobrepoem-se as costas arenosas. Os campos baixos, inundados pelas chuvas ou pelas enchentes durante a estação das chuvas e os campos altos, secos.

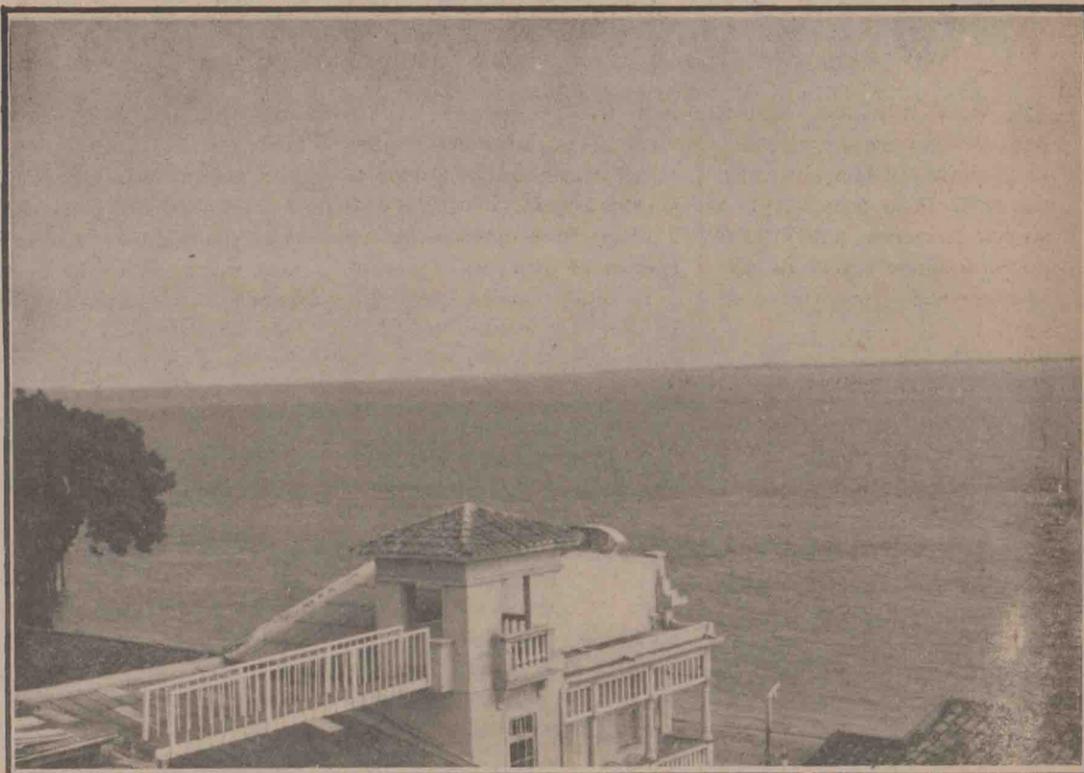
Tal é o rio Amazonas, em linhas gerais. É o maior rio do mundo. Por ele se realiza a drenagem de uma bacia avaliada em 6.430 mil quilômetros quadrados, o que equivale a 5/6 da Europa.

A situação das chuvas na grande bacia apresenta o seguinte quadro: durante os meses de dezembro a março — quatro meses — o pluviométrico acusa geralmente 1.000 milímetros; no período seguinte, ou seja, de abril a julho não chove e de agosto a novembro, as precipitações são de apenas 100 milímetros, medindo uma precipitação média anual de 1.100 mm.

No trecho inferior do vale — Baixo Amazonas, território do estado do Pará — as chuvas são geralmente mais copiosas e frequentes do que no Alto Amazonas. Constitui-se, pois, o Baixo Amazonas, em região típica de grande futuro para a agricultura e pecuária.



O Amazonas ao cruzar em Santarém, no Pará.



Em frente a Santarém, dá-se o encontro das águas do Tapajós com o Amazônia.

# TVA UMA BANDEIRA COOPERATIVISTA PARA PRODUZIR ENERGIA ELÉTRICA E ABRIR HIDROVIAS NOS EE.UU

O New Deal do presidente Roosevelt viveu o auge do impulso com a criação e desenvolvimento da Tennessee Valley Authority, autarquia que funcionou através de uma filosofia e ação cooperativista no período mais difícil da história americana: o período que procedeu a Depressão de 1929/1930. Contamos nesta página e na seguinte, um resumo do que a TVA representou para a redenção econômica do grande país, através da recuperação econômica do Vale do Tennessee.

As décadas que se sucederam aos anos 30 nos Estados Unidos, foram marcantes na transformação das estruturas nacionais, graças a um esforço conjunto, governo e povo, sob a bandeira de um organismo que passou para a história através da sigla TVA (Lei do Vale do Tennessee).

De espírito e ação cooperativista, a TVA transformou a Bacia Central e Sudeste do País, acrescentando-lhe uma dinâmica de desenvolvimento jamais vivida por qualquer região mundial em nenhuma época da história.

As represas e as usinas construídas na região do vale geravam logo ao entrar em funcionamento, eletricidade tão barata e em tal quantidade, que já superavam em 25 por cento a mé-

dia per capita nacional, incluindo-se o poderoso e rico Nordeste. Desde que a TVA começou a operar, a quantidade de energia produzida por pessoa aumentou mais de 900 por cento, ou seja, três vezes mais rápido que no conjunto do País.

Em 1933 (quando a TVA começou a ser construída) a força elétrica produzida por pessoa na área do Vale do Tennessee, era de apenas 350 kwh/ano. Em 1951 (quando a obra foi concluída), aumentara mais de dez vezes, para 3.560 kwh. Na mesma época a produção média por pessoa era de 2,830 kwh em todo o País.

Falamos nesta introdução de força energética. Mas esta produção, se bem que de vital significação para a vida e o desenvolvimento americano, foi apenas um

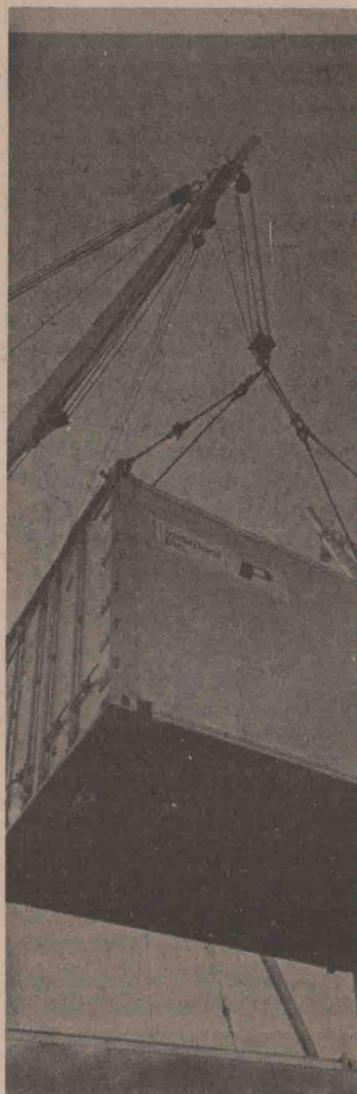
dos elos da gigantesca cadeia de progresso sucessivo, cujas etapas transformaram a região na mais rica e criativa de toda a nação.

A TVA que deu supremacia aos habitantes do Vale em força energética, também lhes proporcionou os melhores caminhos hidroviários em direção ao Golfo do México (para o Sul) ou para os Grandes Lagos (ao Norte); drenou terras para a agricultura e pecuária que antes se constituíam em banhadais que mediam-se por centenas de milhares de hectares. Outras terras, antes ressequidas, verdadeiros desertos calcinados pelo sol e ventos das montanhas rochosas, passaram a campos férteis de algodão, soja, milho e pastagens para as manadas de gado que povoaram a região.

O turismo foi intensificado. Barcos de recreação começaram a subir e descer o Tennessee, o Mississippi, o Ohio. Milhões de norte-americanos e estrangeiros passaram a incluir o Grande Vale no seu roteiro turístico. Campos de férias e clubes recreativos às margens de lagos artificiais e parques verdejantes, foram criados aos milhares nos sete estados banhados pela grande bacia hidrográfica.

Tudo isso foi graças a ação de um movimento a nível cooperativo aplicado com sabedoria e decisão pelo governo dos Estados Unidos, num momento difícil para a vida da grande nação do Norte. O País acabava de sair da Depressão Econômica de 1929/30. Era um momento que exigia atitudes corretas. A solução foi o cooperativismo aplicado a nível de democracia dinâmica, conforme ver-se-á a seguir.

LEIA EDITORIAL  
À PAG. 2



O encontro do Ohio com o Mississippi, num por de sol, apresenta um espetáculo bastante comum nos EUA, dada a riqueza da hidrografia do país.

# COOPERAÇÃO PARA O CRESCIMENTO

Assunto já abordado pelo COTRIJORNAL (edição nº 24, de outubro de 1975), a recuperação do Vale do Tennessee simboliza um significativo exemplo de trabalho cooperativo ordenado tendo por objetivo o povo na sua pluralidade global. Mostra como o homem pode obter benefícios da água e dos rios quando corrigidos tecnicamente e como sua força pode ser carregada para trabalhar em prol do próprio homem.

Até o ano de 1933, os cinco tributários do Tennessee — o French Broad, o Holston, o Huwassee o Pequeno Tennessee e o Clinch todos montanhosos, juntamente com o próprio Tennessee transformavam-se nas épocas de cheias em verdadeiras calamidades nacionais. Durante as estiagens, modestos fios de água descendo das montanhas e cortando planícies ressequidas; quando das cheias, bólidos gigantescos que levavam a morte e a destruição aos povos ribeirinhos, numa constante que se repetia a cada ano, infernizando a vida de seus habitantes. Assim era a vida no Vale do Tennessee.

Um povo pobre lutando para sobreviver numa região que apresentava um tre-

mendo contraste dentro da federação norte-americana. Nas proximidades do Nordeste, onde despontavam áreas rurais e urbanas do porte de Detroit, Boston, Filadélfia, Chicago, Pittsburg, Búfalo e Baltimore, viviam populações de baixíssima renda em áreas como Nashville, Chattanooga, Memphis, Nova Orleans, Atlanta, Richmond, eternamente preocupadas com as destruições anuais do Tennessee e seus afluentes.

Até que surgiu a Lei do Vale do Tennessee, e o equilíbrio começou a ser estabelecido.

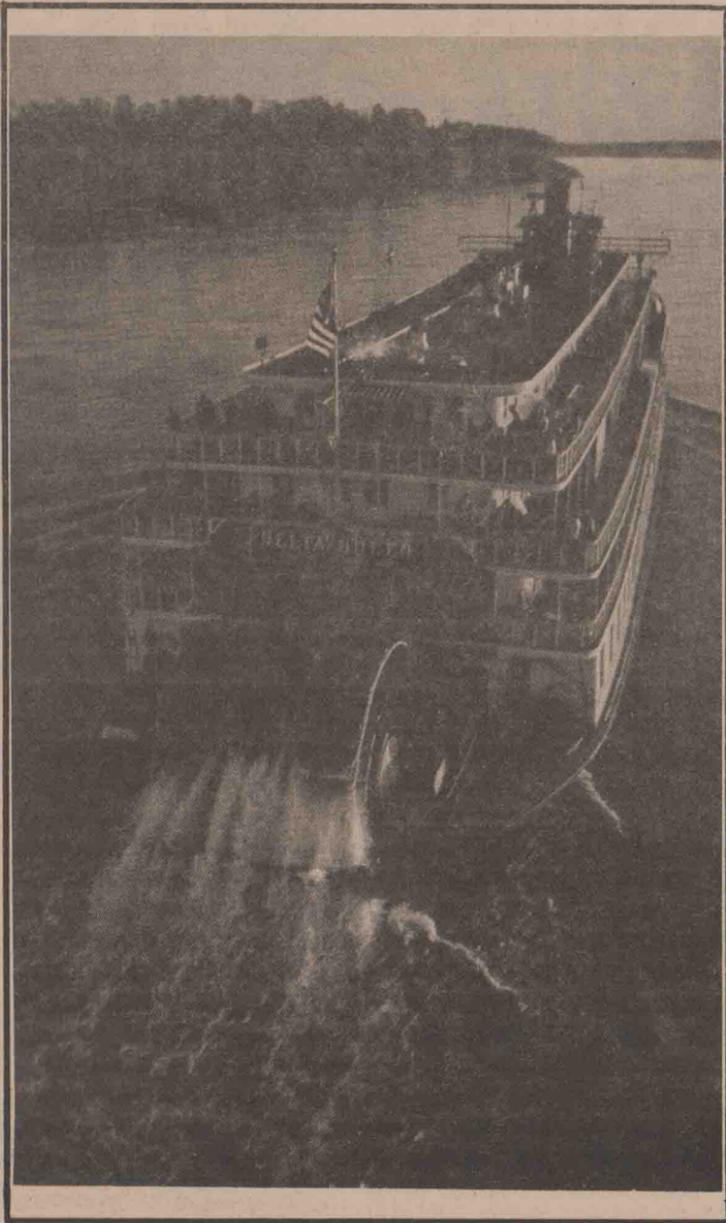
Suas atribuições principais foram: controlar as enchentes, melhorar o transporte fluvial, ampliar o potencial elétrico, incrementar o uso da terra ao longo das margens dos rios, promover o florestamento onde fosse necessário e melhorar, por consequência, as condições econômicas e sociais dos habitantes da região.

Hoje o rio Tennessee é uma sucessão de lagos extensos e límpidos. Mais de trinta barragens regulam as águas do curso principal de seus afluentes mais importantes, que começam a surgir desde os Montes Apala-

ches, atravessam a parte setentrional do Alabama e encurva-se para o Norte através das planícies vermelhas da parte ocidental do Tennessee e do Kentucky.

Segundo David E. Lienthal, que dirigiu a autarquia TVA durante largo tempo, o Tennessee é um rio que corre pelo mapa. O Tennessee não corre apenas em uma direção geral, mas em tres: primeiro para o sul, em seguida seu curso médio dirige-se para oeste e em seu baixo curso volta-se para o norte, até juntar-se com o Mississipi na desembocadura do rio Ohio. Foi um verdadeiro milagre de engenharia. O vale, ao longo do qual o rio evolui, espalha-se por sete estados históricos do antigo sul: a parte ocidental dos estados marítimos da Carolina do Norte e da Virgínia, o norte de Georgia, Alabama e Mississipi; a metade ocidental de Kentucky desde onde este se une ao Tennessee, para o norte até o rio Ohio e a maior parte do vasto território do estado do Tennessee.

O vale recuperado do Tennessee equivale os territórios nacionais conjuntos da Inglaterra e Escócia.



Os navios de roda do Mississipi atualmente são conservados como elementos de decoração e para fins turísticos.

## RIOS COLOCADOS A SERVIÇO DO HOMEM

A energia elétrica criada pelo rio através de um sistema cooperativo foi controlado pela autarquia TVA. O começo foi modesto e despretencioso numa cooperativa elétrica da comarca de Alcorn. Tal foi o sucesso das cooperativas, que em 1950, no final das obras da TVA, 50 dessas cooperativas — mas todas grandes — espalhavam-se por todo o território dos sete estados banhados pelas águas do Tennessee.

Para que se tenha idéia do que representou o sistema cooperativo para aquela região norte-americana basta dizer que em 1933 apenas um fazendeiro em cada dez possuía energia elétrica. Naquele mesmo ano, as 225 mil residências que tinham eletricidade consumiram cerca de 130 milhões de Kwh; em 1951, na mesma área, um milhão e sessenta e

cinco mil casas consumiram três bilhões e 875 milhões de Kwh.

Essa estatística hoje está absolutamente desatualizada relativamente aos Estados Unidos. Mas parece-nos serem poucas as regiões do mundo onde o povo utilize tão extensamente a eletricidade. Segundo dados da época de conclusão das obras da TVA, 95 por cento das casas de Chattanooga ligadas à rede de energia elétrica, possuíam refrigeradores elétricos. Fogões elétricos eram usados em 3/4 das casas de Nashville. Entre o mais de meio milhão de casas servidas por energia elétrica em 1967, avaliava-se que 75.000 eram aquecidas eletricamente e de cada quatro casas em construção três serão ligadas em seguida.

Uma nova terra surgiu do vale. O rio mudou. Mi-

lhões de hectares de terra que haviam perdido sua vitalidade, hoje são prósperas lavouras que produzem as riquezas do povo e o engrandecimento da nação.

Graças a visão do governo dos Estados Unidos e o trabalho participante do povo, que compreendeu a importância do cooperativismo, a fartura passou a habitar em todas as casas do vale e o povo a sentir-se mais importante, pois conforme Jonathan Swift (Viagem a Broodingnag), "Ele exprimiu sua opinião de que quem quer que conseguisse fazer nascer duas espigas de milho em um trato de terra onde antes somente nascia uma, seria digno de mais consideração; pois que estava prestando mais serviço à pátria do que toda a grei de políticos reunida".



O transporte de cargas é feito através de combolos de chatas, com grande economia.

## COOPERATIVAS CRIAM CENTRAL PARA INDUSTRIALIZAR LEITE

Reunidas na sede da Cooperativa Trítcola de Santo Ângelo - COTRISA - a 21 de janeiro, 14 cooperativas da região do Alto Uruguai e Missões criaram a Cooperativa Central Gaúcha de Laticínios - CCGL, com área jurídica de operação em todo o estado do Rio Grande do Sul, e sede social em Porto Alegre.

Subscreveram capital social da CCGL, no dia de sua fundação, e portanto ficando na condição de fundadoras, as seguintes cooperativas trítcolas da região: COTRIJUI, COTRISA, COTRICRUZ, COTRIROSA, COTRICAMPO, COTRIMAIO, COTAP, COTRIFRED, COTRIPAL e COTRISABAL. Mais outras oito cooperativas da região participaram da reunião, só não subscre-

vendo capital social por ainda não estarem devidamente autorizadas pelas respectivas assembléias. Além das cooperativas trítcolas, participaram da reunião e se associaram a Cooperativa Sulriograndense de Laticínios - COSULATI - de Pelotas; Cooperativa de Languiru, de Estrela e a COSUEL, de Encantado.

As cooperativas que não subscreveram capital na data de fundação da CCGL tem, por lei, o prazo de 90 dias para regularizarem aquele registro.

A reunião de fundação da CCGL contou com a participação de representantes do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), FECONTRIGO e OCERGS.

A primeira diretoria da CCGL (provisória), com prazo de

gestão de 120 dias, ficou assim constituída:

Presidente, eng. agr. Ciro Dias da Costa, COTRICRUZ; vice-presidente, Jandir Schau de Araújo, COTRISA. Conselho de administração, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, COTRIJUI; Edgar Dessuy, COTRIROSA; Benjamin da Silva Osório, COTRICAMPO; Hermann Strobel, COTRIPAL e Edibaldo Stiegelmeier, COTRIMAIO. Suplentes:

Arnaldo Oscar Drews, COTRIJUI; Erno Reinoldo Günter, COTRICAMPO; João Cesca, COTRIPAL; Conrado Eickoff, COTRIMAIO, Conselho fiscal: titulares, Edgar Fucks, COTAP; Ignácio Elio Zanella, COTRIFRED e Lauro Prestes Filho, COTRISABAL.

Há tempos que o cooperativismo da região pensava em participar da produção e beneficiamento do leite, como fórmula para solucionar os constantes problemas do setor. Essa idéia tomou corpo com a viagem de estudos e observações feitas em Minas Gerais, no período de 24 a 28 de novembro último, quando dirigentes das principais cooperativas viajaram acompanhados por técnicos do INCRA aquele Estado.

O resultado das observações feitas junto a Cooperativa Central dos Produtores Rurais bem como outras entidades do setor na região laticinista mais desenvolvida do Brasil, acaba de concretizar-se na formação da CCGL.

O estado de Minas Gerais tem na Cooperativa Central dos Produtores de Leite (CCPR) muito a mostrar ao cooperativismo gaúcho.

Esta Cooperativa Central resultou da necessidade de resolver as dificuldades que passava o setor de laticínios na época. Ela foi criada no dia 10 de novembro de 1948, pela união de 6 cooperativas e de alguns produtores individuais. Na ocasião tinha como objetivo principal, além de estimular os produtores, garantir o abastecimento de leite à população de Belo Horizonte. O seu efetivo funcionamento ocorreu em 1949, tendo sido registrado, já nesse ano, um recebimento de 8.236.642 litros de leite. Em 1950 o volume de leite recebido pela organização atingiu um volume de 16.752.004 litros. Com estes aumentos consideráveis no recebimento de leite, e a consequente dificuldade de colocação no mercado de Belo Horizonte, a idéia da industrialização não tardou a se concretizar.

Assim em 1957, a CCPR colocava em funcionamento a sua primeira indústria na vizinha cidade de Sete Lagoas. Naquele ano o recebimento alcançou a cifra de 37.514.652 litros, o equivalente a um recebimento diário

## CCPR: MODELO DE COOPERATIVISMO NO ESTADO DE MINAS GERAIS

Quando da viagem dos dirigentes de cooperativas e técnicos às cooperativas mineiras associadas à CCPR, em Belo Horizonte e cidades que constituem a grande bacia leiteira de Minas Gerais, o eng. agr. Renato Borges de Medeiros, coordenador do Projeto Forrageiro da COTRIJUI fez parte da caravana gaúcha. A matéria a seguir foi redigida por aquele técnico, que é um assíduo colaborador do COTRIJORNAL.

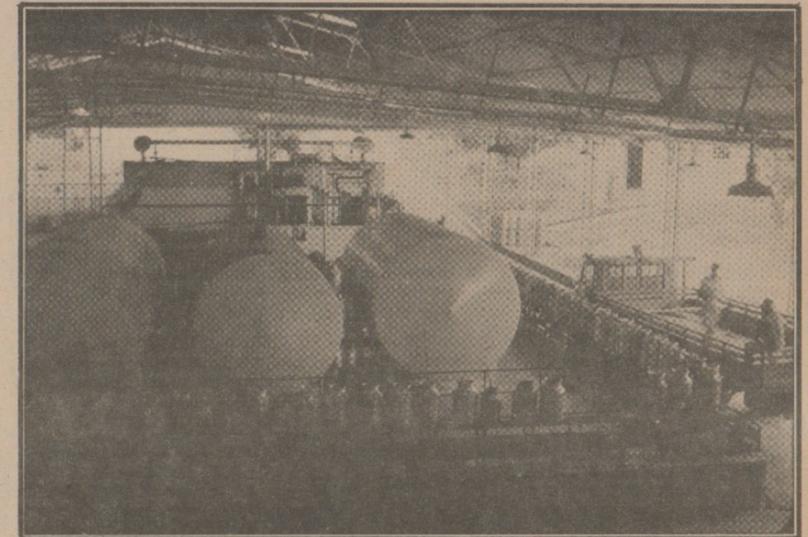
de 102.780 litros. E a partir daí a Central entrou em franco crescimento, necessitando a cada ano de novos investimentos. Mais tarde surgiu a fábrica de ração e com ela o Departamento Comercial para prestar assistência às suas cooperativas filiações. Novas indústrias foram adquiridas e melhoradas. Dentre elas, a grande indústria construída próximo a Belo Horizonte, com capacidade para receber 1.000.000 litros de leite por dia. Nessa indústria, além do setor de distribuição do leite pasteurizado, funciona uma fábrica de leite em pó, uma fábrica de manteiga em processo contínuo e uma fábrica de logurte com produção diária de 100.000 unidades.

Num balanço geral, após 27 anos de trabalho a Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais mostra os seguintes números: 34 cooperativas filiações; 13.000 associados; 1.200 funcionários; 200.000.000 litros de leite recebidos anualmente. Cr\$..... 154.000.000,00 - Capital Social Subscrito. Cr\$ 45.000.000,00 - Fundos Sociais de Reserva Cr\$..... 550.000.000,00 - Faturamento Anual. Cr\$ 43.000.000,00 - Capital Integralizado.

Mas a Cooperativa Central pretende continuar abrindo novas frentes de trabalho, e por isso, além de estar ampliando sua área de ação e construindo novas fábricas, está investindo consideravelmente na pesquisa de novos derivados do leite. A cada ano ela lança no mercado novos produtos, procurando desta maneira, atender as exigências normais de seus consumidores. A melhoria na qualidade e o lançamento de novos derivados têm ampliado consideravelmente a sua aceitação no mercado.

Mesmo dedicando especial atenção ao setor industrial, a CCPR não esquece de buscar soluções para as dificuldades enfrentadas pelos seus cooperados. Ela tem prestado todo tipo de assistência jurídica e contábil. Recentemente montou na sede administrativa, em Belo Horizonte, um moderno centro de processamento de dados, que beneficia todas as suas cooperativas filiações.

Embora com um faturamento médio mensal de Cr\$ 45.000.000,00 a CCPR não pretende ficar atuando só na área do leite. A sua diretoria busca a diversificação de atividades para consolidar a sua atuação, tanto no mercado consumidor como nas



Plataforma de recebimento de leite na cooperativa de Sete Lagoas, uma das filiações da CCPR.

regiões produtoras. Por esta razão já está incluído nos projetos da CCPR um estudo de viabilidade para a instalação de um moderno frigorífico.

O crescimento da CCPR mostra a importância do cooperativismo e evidencia a dedicação das pessoas que acreditam neste sistema. Mostra, sobretudo, que é possível formar através da união dos produtores uma

empresa modelo até mesmo no setor de laticínios que é, sem dúvida, o mais suscetível a crises. Tendo uma produção e um faturamento sempre crescente, é perfeitamente compreensível dizer que a CCPR é uma afirmação do cooperativismo brasileiro.

Estas considerações sobre a Central de Minas Gerais são de extrema importância, uma vez que o co-

operativismo riograndense, através da fundação da Cooperativa Central Gaúcha para atuar no mercado de laticínios. É claro que a indústria não é tudo, pois é necessário organizar a produção através de um amplo assessoramento técnico, a ponto de esclarecer os produtores e habilitá-los a produzir com racionalidade um leite de alta qualidade.

## BREVE RESUMO DA SECULAR HISTÓRIA DOS LACTICÍNIOS

A riqueza alimentícia e o excelente paladar do leite nas diversas fórmulas que pode ser ingerido ou consumido, é conhecida do homem há mais de 6.000 anos. Desde os tempos imemoriais o homem ordenha os seus animais domesticados e aproveita o rico produto lácteo, que representa saúde, força e vigor.

Segundo velhos manuscritos encontrados na Ásia Central, era comum entre os povos do Tibet fabricar alguns derivados do leite. Os antigos hindus, conheciam a manteiga e os babilônios já fabricavam o queijo. Registra a crônica guerreira que há 700 anos o terrível mongol Genghis Kan, em suas longas excursões bélicas, enriquecia a alimentação de seus soldados acrescentando quantidades de leite dessecado, no que por certo se constituiu na origem do chamado leite em pó, tão empregado hoje principalmente na dieta infantil.

Ao que parece, os europeus não encontraram na América nenhum vestígio da criação de animais leiteiros e do uso do leite como alimento.

Segundo estudos do pesquisador paulista, Francisco Rogick, foi Martin Afonso de Souza que, em 1534, introduziu pela primeira vez gado vacum no Brasil. Eram animais das ilhas da Madeira e das Canárias. Duarte Coelho introduziu a criação em Pernambuco e Tomé de Souza, por volta de 1550, importou animais da ilha de Cabo Verde.

Ressalta Francisco Rogick que para o Brasil foi o início de uma grande riqueza, que se caracterizou no país desde os primeiros tempos do Brasil-Colônia.

O gado, aclimatado, foi se espalhando por todas as capitânicas, principalmente nas do Piauí, Maranhão, Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, São Paulo e Minas Gerais.

Neste último, que sempre se caracterizou pela excelência de seus rebanhos leiteiros, foi onde primeiro se industrializou o leite no Brasil. Em 1703 Garcia Rodrigues teve autorização para iniciar no pouso da Borda do Campo, atual município de Barbacena, a fabricação de produtos de origem no leite. O queijo mineiro nasceu nessa época.

El-rei tomou vivo interesse pela novel indústria, animando seu desenvolvimento. Segundo destaca Rogick, a indústria ganhou tal desenvolvimento que lá pelo fim do século XVIII os queijos mineiros pagavam elevados direitos alfandegários à Coroa. Conforme se vê, Portugal tirava largo proveito de nossa incipiente indústria laticinista.

E na verdade a produção de leite mal chegava, na época, para o consumo regional. A manteiga consumida no Brasil era

quase toda salgada e provinha da Inglaterra e da Holanda.

Com o Império, vieram alguns técnicos europeus, que já em melhores condições, começaram a fabricação de diversos laticínios, e melhoraram os queijos que se produziam em Minas.

Em São Paulo, em 1840, começou-se a fabricar queijos na região de Batatais. Depois de 1864 a indústria pastoril tomou certo cunho de organização oficial. Desenvolveu-se a criação nas províncias do Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Paraná, Goiás e Piauí. Em Minas Gerais, principalmente a partir de 1870, a indústria laticinista tomou grande impulso, podendo-se se considerar que essa época marcou o início da organização mineira de laticínios. E desde essa remota época até os dias de hoje, Minas Gerais continuou na frente do resto do Brasil em termos de produção leiteira.

## LEITE PODERÁ TRAZER DIVISAS PARA O PAÍS

É comum encontrar em nossos veículos de informação declaração de autoridades do Mercado Comum Europeu sobre as potencialidades agrícolas do Brasil. As nações consumidoras estão convictas de que caberá ao Brasil a grande tarefa de produzir alimentos exportáveis. A soja já é uma demonstração das potencialidades brasileiras. A carne que vinha ganhando mercado, por contingências internacionais teve sua exportação sensivelmente diminuída. Entretanto espera-se que em 1977 este mercado se torne favorável. Atualmente, já se comenta também as possibilidades do Brasil passar de importador para exportador de derivados de leite. É certo que há reservas de leite em pó em muitos países de-

sempre desenvolvidos, mas é certo também que a demanda tem aumentado consideravelmente. Na Europa existem grandes reservas de leite em pó, o que elimina, a curto prazo, a possibilidade de que os países europeus venham a se transformar em importadores. Entretanto, segundo a CACEX, existem muitos países interessados em importar derivados de leite. De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Geral Adjunta para Promoção Comercial, do Itamarati e publicados no dia 11 de janeiro último na Folha de São Paulo, são os seguintes os países interessados em importar produtos lácteos:

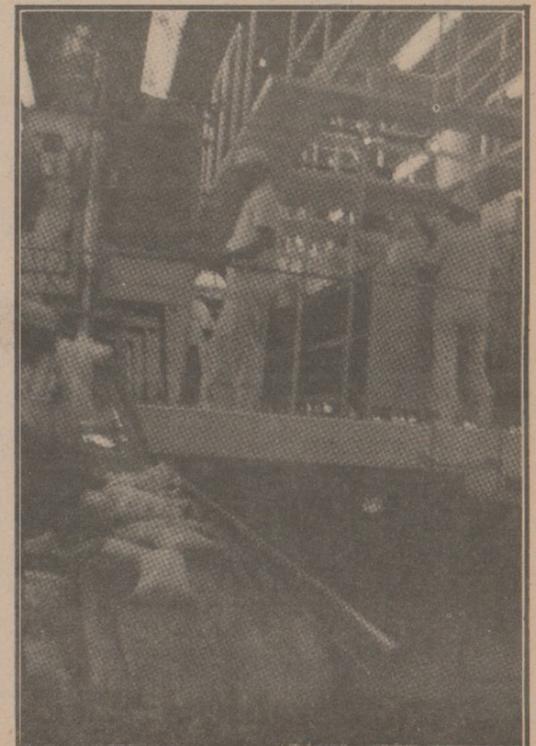
Antilhas Holandesas - Leite em pó. Costa do Marfim; leite em pó-leite concentrado, com ou sem açúcar.

Estados Unidos - Manteiga comum; soro de leite em pó; creme de leite concentrado ou açucarado; leite concentrado ou açucarado; queijo tipo ricota fresco; ricota defumada; queijo tipo gouda; queijo tipo gorgonzola; queijo tipo cheddar; queijo-manteiga de Minas, fresco; queijo tipo provolone; queijo romano; queijo tipo parmesão; queijo tipo lanche; queijos em geral; doce de leite. França - Leite em pó. Guiana - Queijo tipo Edan (o nosso "Palmyra"); queijo fundido; queijo tipo cheddar; queijo tipo gouda; manteiga comum; farinha láctea. Grécia - Leite concentrado ou evaporado, com açúcar. Hong-Kong - Queijos de vários tipos. Nigéria - Alimentos infantis, inclusive leite maltado. Peru

- Leite concentrado evaporado. Venezuela - Queijo tipo Minas, duro.

Segundo o diretor-presidente da CCPR, Dr. José Pereira Campos Filho, as importações brasileiras de leite em pó tem reduzido sensivelmente. No ano passado, segundo ele, o Brasil importou aproximadamente 20 mil toneladas de leite em pó. Observando o atual crescimento da produção leiteira no Brasil, certamente podemos esperar que o Brasil venha, em breve, entrar no mercado internacional de produtos lácteos. E, sem dúvida, a Cooperativa Central Gaúcha de Laticínios (CCGL) deverá ter juntamente com as centrais de Minas, Rio de Janeiro e São Paulo, uma participação decisiva na conquista deste mercado.

Moderno sistema de empacotamento, atualmente utilizado na CCPR.



## FOME, O MAIOR FLAGELO DO HOMEM NO PASSADO

A trajetória do ser humano na superfície da Terra está marcada por uma odisséia bárbara que se identifica por guerras, cataclismos e desgraças de toda a ordem. Mas de todas as desgraças, a que sempre se manteve mais de perto à vista do homem, foi a fome. Devido a ignorância dos indivíduos que não sabiam usar os favores da terra, por fatores naturais ou provocados pela guerra, a fome conviveu com nossos antepassados em todas as épocas. Este artigo pretende sintetizar o demônio da fome e as mazelas que ela representa na vida da humanidade.

*Desde o início do mundo, segundo registra a memória do homem através da história, a vida dos indivíduos foi sempre um rude e constante combate. A guerra, as moléstias, a fúria dos elementos — a água, o fogo, os ventos — as feras bravias e, naturalmente, o próprio homem.*

*Mas de todos esses flagelos, o que sempre martirizou mais o ser humano, sendo causa direta ou indireta dos maiores morticínios e desgraças consequentes, a fome ocupou sempre o primeiro lugar.*

*Nem todos os bárbaros, godos, vândalos, cruzados e inquisidores somados nas diversas épocas, conseguiram ceifar tantas vidas como a escassez do pão.*

*O espectro negro da fome foi bem conhecido de nossos primitivos antepassados. Nossos primeiros irmãos, que os arqueólogos apresentam peludos e sempre carregando um machado de pedra, preocupados apenas em caçar, disputavam a vida com os mastodontes. Ou caçavam-nos ou pereciam vitimados pela fo-*

*me. Para eles, a grande, a única atividade neste mundo era disputar às feras presas comestíveis, que devoraram ainda quentes*

*Mesmo quando a humanidade se organizou esse problema persistiu, pois com o advento dos sistemas sociais então vigentes uns passaram a ter e outros não. E aqueles que tinham passaram a querer multiplicar o poder e os que nada possuíam não tinham condições de somar. Assim, a Terra, elemento de produção de bens, passou a ser propriedade de alguns.*

*A Bíblia nos fala de Abraão que foi obrigado a mandar buscar trigo no Egito, então famoso por sua fertilidade. Mas a história do próprio Egito, nos mostra que também esse país, a despeito do solo privilegiado pela irrigação do Nilo, não era poupado pelo flagelo da fome. Sabe-se até que a primeira fome registrada pela história ocorreu no próprio Egito. Foi o período das "vacas magras" que José predisse ao Faraó.*

*Roma, por exemplo, viveu sempre sob o terror de ficar sem pão. Rica e poderosa a princípio, enquanto seu povo trabalhava a terra e produzia, passou depois a viver de aventuras bélicas. Se de um lado seu povo não produzia suficientemente porque seus melhores braços formavam as legiões que arrasavam os povos vizinhos, estes, atacados pelo colosso romano também não produziam, pois tinham que defender-se. Roma, então, desenvolvia um processo de miséria em cadeia: não produzia pão e tampouco permitia que outros produzissem.*

*Com efeito, em consequência de guerras incessantes e do peso esmagador dos impostos para manter a máquina da guer-*

*ra, a classe média dos pequenos agricultores não tardou a desaparecer. Não se semeou mais trigo. Por falta de braços, as mais férteis regiões caíram em total abandono.*

*Grandes propriedades, pastagens, florestas e terras em abandono no cobriram toda a região do Mediterrâneo, arruinando-a. Só 15 séculos depois o agro romano pode ser restabelecido na península, tal foi o abandono dos primeiros tempos.*

*Roma pagou muito caro pela incensatez de não produzir agricultura e ser a maior responsável pelo fato dos outros também não produzirem.*

*No início do século V, depois de Cristo, a muralha do prestígio romano, por tanto tempo intransponível, cedeu afinal a onda dos bárbaros, submergindo. Godos, Vândalos, Suevos, Alanos, Gepidos, Herulos, vieram em hordas famélicas e selvagens (e diga-se, a bem da verdade, não mais selvagem do que as conquistas dos próprios imperadores romanos), deixando atrás de si um grande deserto. Podia se aplicar a cada um a palavra de que se orgulhava Atila, o rei dos Hunos: "que a erva não cresça mais onde pisou o meu cavalo".*

*Com o domínio dos bárbaros, acentuou-se a miséria e o luto.*

*Os X e XI séculos pertencem inteiramente a fome, que avasalou a Europa e o Oriente.*

*No ano 1.000, a miséria espalhou tal terror no coração dos homens que eles acreditaram ter chegado o dia do juízo final de que fala o Apocalipse.*

*Nesses tempos, segundo escreveu o francês Raoul Glaber, a "fome caiu sobre o universo. As intempéries haviam destruído as colheitas e impediram que as sementes brotassem pelo espaço de três anos. O solo se cobriu de ervas más. O feixe de trigo era vendido a sessenta soldos... Quando os animais e os pássaros desapareceram, os homens martirizados pela fome atroz recorreram a horribes alimentos. Vendeu-se carne humana no mercado de Tournus (França). Uma mãe matou o filho recém nascido e assou-o para comer".*

*A crônica registra muitas revoltas populares movidas pela escassez de pão. Mas a Revolução Francesa, essa pode ser qualificada como a guerra do pão.*

*Sob o reinado de Luiz XVI, o governo já era bem mais cauteloso e a miséria menos grave do que no passado. Mas estava, no entanto, ainda muito longe do que a natureza humana pode suportar: então houve o ataque à Bastilha.*

*A fome foi apenas uma das causas da Revolução. Deu-lhe, porém, entre o povo, esse caráter selvagem que explodiu sob o terror e que se manifestou logo nos primeiros dias.*

*Massacrando o governador da Bastilha, guilhotinando o rei e a rainha, o povo julgava livrar-se dos açambarcadores e motivadores da fome. Mas a fome continuou porque não se produziram alimentos a curto prazo e sem uma preparação para a espera dos tempos que marcam os próprios ciclos das culturas. Então o povo, em constante revolta, massacrando seus próprios libertadores sempre ao grito Pão. Pão.*

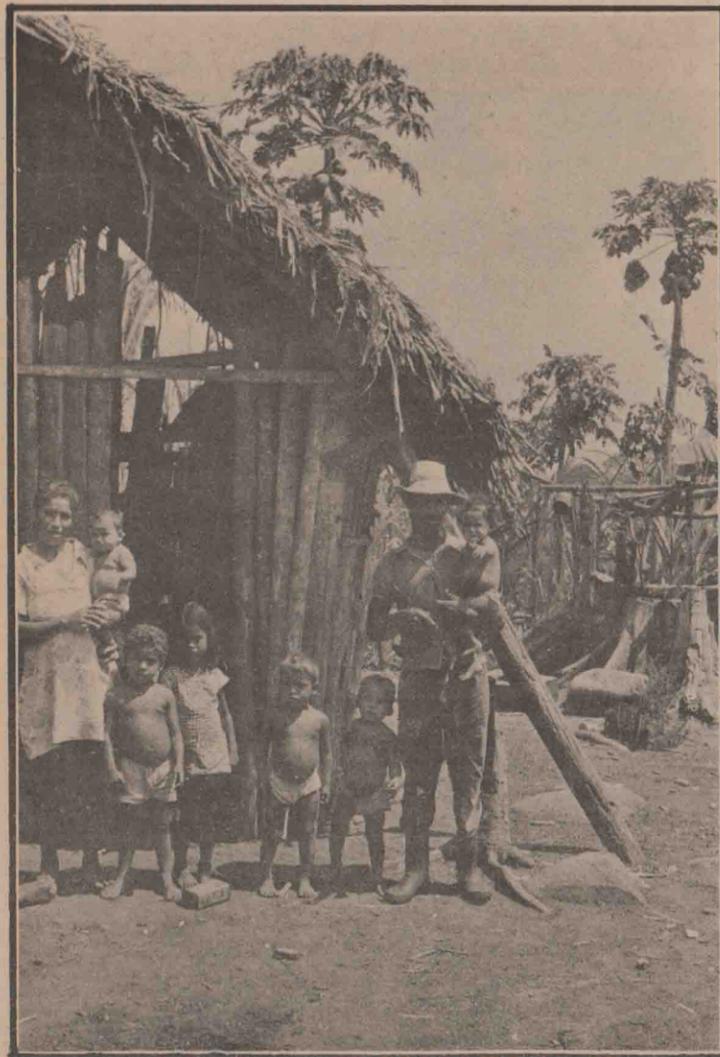
*A causa desse desfecho terrível era o detestável e empírico processo econômico francês, que de resto vicejava em todo o mundo de então.*

*Um historiador inglês - Arthur Young - avalia que na França de 1789 a agricultura estava ainda nos processos do século X. Métodos antigos maus, maus utensílios, plantios de encosta cujas sementes ou as próprias plantas eram arrancadas pelas chuvas torrenciais, maus utensílios e más colheitas, conseqüentemente. As estradas eram raras e mal cuidadas, sem segurança inclusive de ladrões, sendo os transportes impraticáveis. Os agricultores não tinham sementes e eram demasiadamente pobres para comprá-las. Vinha a seca, a neve, as inundações, e o governo impunha impostos que sobrecarregavam os frutos da agricultura.*

*Contava-se, segundo Young, 29 seções de registro de impostos à agricultura somente ao longo do rio Loire. E para vir Bordeaux a Paris, uma barrica de vinho pagava 82 taxas diferentes. Crivado de impostos, o camponês abandonava a terra. Abandonando a terra, deixava de produzir, mas não deixava de consumir, o que piorava tres vezes a situação. O governo perdia um contribuinte, a produção deste e ganhava um consumidor ocioso que geralmente passava a mendigo ou ladrão.*

*Quanto ao sistema financeiro é bastante recordar que era baseado nos privilégios. Tanto mais pagava impostos quem menos possuía. A igreja detinha a totalidade dos privilégios. Múltiplos e terríveis, os impostos tornavam-se mais vexatórios ainda pelo rigor com que eram cobrados. O Estado punha a polícia a serviço do judiciário, cujos coletores arrancavam até os utensílios domésticos dos infelizes que não dispunham de meios para pagar.*

*A fome foi um estado congênito nos nossos antepassados como ainda o é nos nossos dias, em algumas regiões da Terra.*



Uma família amazônica, à entrada do seu rancho.



Fim foto de 1933, dedicada à Revista "O Cruzeiro", do Rio de Janeiro".

## BIDU SAYÃO O MAIOR SOPRANO DE TODOS

Mozart, Gounod, Puccini, Boito, Leoncavallo e Carlos Gomes, tiveram na brasileira Bidu Sayão a mais inspirada e brilhante primadona de todas que no mundo inteiro já viveram suas heroínas.

Não é de admirar, pois,

que a rainha eterna do lírico italiano, Rosa Ponselle, a tenha qualificado de "o maior soprano de todos".

Se outra brasileira, a pelotense Zola Amaro, teve a honra de fazer o Brasil ovacionado em pleno Scala de Milão, Bidu Sayão

reviveu em 1940 as Bodas de Figaro, de Mozart, por 45 vezes, no Metropolitan de Nova Iorque, fazendo o Brasil ovacionado também por 45 vezes.

Glória do lírico e das sonatas ligeiras, foi Susanna, Mimi, Eva, Violetta, Butterfly e Muset-

ta, nos mais exigentes cenários do mundo. Foi Lúcia Amina, em A Sonâmbula; Elvira, em Os Puritanos, Margarida, em Fausto, Zerlina, em Don Giovanni, e Julieta na obra magistral de Gounod.

Seu sucesso europeu foi retumbante. Porém, ou por já estar mais amadurecida ou por se identificar mais ternamente com a divinal Susanna, ao fazer a temporada de 1940 do Metropolitan Opera House, ultrapassou-se a si mesma. Segundo os melhores críticos, nunca a personagem mozartina tivera tão sensacional interprete. À sua volta estavam Elisabeth Rethberg, Ezio Pinza, Rise Stevense John Brownlee. Com esse elenco principal de tenores, sopranos, contraltos e barítonos, no referido ano, ela viveu Susanna por 45 vezes.

Durante grande parte de sua brilhante carreira ela ansiava pelos papéis de soprano "Spinto" e dramático, mas se manteve afastada deles por questão de bom senso e preservação vocal. Em 1952, no entanto, ao tomar a decisão de abandonar os palcos satisfizes finalmente seu desejo, vivendo a Margarida do Mefistofeles, de Boito.

A Margarida de Boito é muito mais exigente do que a história de Fausto na versão de Gounod. Mas Bidu Sayão saiu-se magistralmente, encantando o exigente público da Ópera de São Francisco, na Califórnia.

Ali, no famoso teatro que disputava a glória com a podero-

sa Hollywood, da época, ainda sob a direção luminosa de Gaetano Merola — de quem partira o convite para receber a voz de Bidu Sayão, a brasileira foi a mais gentil e meiga Margarida de todas que já viveram o papel, segundo a crítica especializada. Ferruccio Tagliavini foi o parceiro ideal de Bidu Sayão, vivendo o Fausto e Niccolò Rossi-Lemenni, o Mefistófeles.

Sobre a interpretação da brasileira, disse Alfred Frankenstein, então o mais acatado crítico de arte dos Estados Unidos:

"Bidu Sayão cantou como jamais a ouviríamos antes cantar. Com magnífico timbre e fraseado, uma caracterização igualmente significativa em espírito e propósito. Muito se disse e escreveu sobre as grandes vozes do passado, mas é difícil acreditar que qualquer cantora de geração anterior tenha podido realizar tanto a música quanto a personagem da heroína de maneira tão bela quanto Miss Sayão o fez na noite passada".

Não há exagero na afirmação de Rosa Ponselle, ao afirmar que Bidu Sayão "foi o maior soprano lírico de todos".

Bidu Sayão, após o sucesso da Ópera de São Francisco, em 1952, abandonou os palcos, dedicando-se a cantar apenas em recitais e aparições com orquestra. Atualmente, reside nos Estados Unidos.

## LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

### O TUBARÃO

O filme "Tubarão" tem despertado as mais variadas reações nas pessoas, como demonstra esta enquete realizada recentemente na saída do cinema.

L.C., comerciária, 24 anos: "É a segunda vez que eu vejo. A parte que eu mais gostei foi aquela do homem com o olho arrancado. A parte da perna decepada eu também gostei. Da mão do cadáver da moça, não muito, dava para ver que era de cera. E o sangue que jorra da boca do homem, aquilo nunca que foi sangue! A mim é que eles não enganam. Eles usam algum líquido parecido com sangue mas não é sangue de verdade. Achei que foi uma das falhas do filme. Quando o tubarão engole o homem inteiro é bacana também. Gosto de filme que tem uma mensagem positiva"

R.S., estudante de Comunicação, 21 anos: "Para mim, o filme mostra assim que quando fica todo mundo numa de nem tou, entende? De não é comigo, o cara vai lá e assume o negócio. Desempenha, entende? Sei lá. Dá uma de tudo comigo e vamos em frente. Conscientiza a coisa, assume o troço e tudo bem. Entende? Pelo menos foi assim que eu vi a ... a ... como é que se diz? A coisa". P.V., capataz de estância, 42 anos: "Louco de bom. Especial barbaridade. Oigala fresca, a la pútcha e correlatos. Por pouco não pulei da cadeira e lancei o animal. Não posso ver nada corcoveando que não quero montar. Sou índio muito largado e safado. Agora o compadre me desculpe mas meu Galaxie está amarrado

ali na praça a estas alturas já deve estar sem calota e nervoso como varejeira em vidraça. Buenas Digalé, etc".

J.C. cabeleleiro, 24 anos. "Se eu gostei? Amei! A, eme, ei. Na hora da sangueira eu fechava os olhos, claro, mas o resto foi de arrepiar. Olha, passa a mão aqui. Ainda estou arrepiado! Dos três gostei mais do marinheiro, o loirão. Faz mais o meu gênero. Violento edebochado. Pode me chamar de masoca. O que eu achei do tubarão mecânico? Ah, era mecânico, é? Bem que eu achei grande demais para ser verdade... Não há mais honestidade, meu santo."

P.M.F. intelectual, 32 anos: "O sucesso de "Tubarão" é exclusivamente um fenômeno de "mar-

keting". O filme não tem nada. É uma porcaria. Mas a promoção é tão bem feita e tão intensa que daí. Eu, por exemplo, já vi três vezes e vou entrar na fila para a quarta".

H.S., escriturário, 28 anos: "Como? Que filme? Onde? O que? Ah, não. Eu não saí do cinema, não. Só estou passando. Mas se é enquete pode botar aí que bom mesmo é mulher. E um abraço no pessoal lá de casa".

S.G., manicure, 25 anos: "Achei um barato. Nunca levei tanto susto numa fita só. Hoje não vou conseguir dormir direito. Quase vomitei. Sensacional!"

L.C.G., advogado, 39 anos: "Interprete o filme como sendo uma reflexão sobre a sociedade americana atual. O barco simboliza os Estados Unidos, o mar simboliza Watergate ("water" quer dizer água) e o tubarão, claro, é o Nixon. O Nixon destrói o barco mas o policial que representa a imprensa livre, "policiando" as ações de políticos vorazes, acaba com ele da única maneira que es-

ses políticos entendem. O que? Não, com um tiro na boca não. É tudo simbólico. E lembre-se que o filme acaba com uma tomada da costa que pode muito bem ser a costa da Califórnia onde Nixon está asilado. Hein? Hein? L.T., prendas domésticas, 84 anos: "Ah, meu filho, não sei. Eu dormi a maior parte do tempo. Gostei muito da cena do baile. Não tem cena de baile? Será que eu sonhei e não me dei conta? Escuta aqui, não é a história de um grupo de rapazes e moças que fazem um acampamento na praia, até que descobrem um castelo de areia, mas do tamanho de um castelo de verdade, e dentro tem uma enorme tatuira que se transforma em príncipe e aí todo mundo canta uma valsa e a mocinha ea Deana Durbin? Não? Será que eu sonhei tudo?!" M.C., proprietário do cinema. "Ótimo. Formidável. Acho formidável. Cem por cento. Nunca vi nada igual. E você devia ver nos domingos. O filme? Ainda não vi. Para falar a verdade não gosto muito de cinema..."

## O LIVRO E O PROCESSO DE LIBERTAÇÃO

A Câmara Rio-Grandense do Livro, em conjunto com a Companhia Jornalística Caldas Júnior, promoveu concurso intitulado "O Livro como fator na educação integral do homem". De uma participação de 23 ensaios tendo como pano de fundo o livro, foi distinguido com o primeiro prêmio o jornalista Renato Gianuca, que atualmente integra o quadro redatorial de Zero Hora

O ensaio de Renato Gianuca contesta McLuhan e seus seguidores e defende a garantia de eternidade ao livro em todas as suas dimensões, sejam didáticas, literárias ou de puro entretenimento.

Por considerá-lo matéria relevante, publicamos neste espaço o ensaio de Renato Gianuca, como homenagem ao livro, que a despeito dos profetas do obscurantismo continuará por todo o sempre a disseminar a cultura e a ciência.

"A morte do livro é anunciada, com frequência, por certos profetas dos novos tempos da comunicação de massa. Para eles, a literatura, as artes, a ciência e a cultura seriam coisas do passado. Coisas que se tornaram inúteis depois da recente revolução dos meios de comunicação. Deste ponto de vista, expressado em particular por Herbert Marshall McLuhan e seus seguidores, estaríamos acompanhando o surgimento de uma nova raça de homens sem arte e sem cultura: o homem-televisão. Claro: a televisão está longe, hoje em dia, de ser apenas uma forma a mais de diversão ou de distração. Ela se insinuou no dia-a-dia do homem contemporâneo e já é um vício, uma droga calmante, ou estimulante, conforme o programa sintonizado. Na sociedade em que vivemos, uma sociedade de manipulação e sedução, a televisão desempenha um papel revolucionário, fundamentalmente mesmo. Ela é um instrumento indispensável para que o sistema funcione, integrando na filosofia do consumo perdulário e alucinado, seus milhões de espectadores.

O livro, para McLuhan e seus adeptos, estaria, portanto, morto e enterrado. Os adultos se aborrecem porque as crianças não querem mais saber de ler, só querem ver o Batman e o Ultraman? Está tudo certo e ótimo, para o autor de *Understanding Media: The extensions of man*: as crianças estariam à frente de todos os adultos, penetrando em um mundo novo, onde — segundo ele — "os alvos antigos da cultura usual parecem não apenas irreais, mais irrelevantes, não apenas irrelevantes, mas sem vida."

É inegável que o livro atravessa uma séria crise, mas essa crise setorial está inserida na grande crise econômica, política,

social, cultural e espiritual de nossa sociedade, de nosso século. Na realidade, a leitura e seu exercício chocam-se contra alguns dos próprios fundamentos de nossa civilização atual. Em primeiro lugar, a leitura é, ainda hoje, uma atividade da elite e não pode ser separada de certos padrões culturais e de educação.

É como muito bem coloca José Honório Rodrigues: "a necessidade do silêncio exigido pelo exercício da leitura é hoje anômala. O normal, o dominante, é o coletivo, o festivo, o comemorativo, o que é feito com os outros, a opinião dos outros é que importa. Ora, o homem que lê sem mover os lábios está excluindo os outros".

Nossa sociedade atual opõe-se ao silêncio e à tranquilidade, tão necessários à leitura e reflexão, duas atividades puramente individuais e individualizantes. Diante desse panorama — na aparência irreversível — será que o livro tem futuro? Poderá o livro continuar a ser, como vem sendo ao longo dos séculos, o foco principal da civilização, de energia espiritual, de efeito sobre os fundamentos de nossa época? Acredito que sim.

### TENDÊNCIA

O livro, tão combatido, até queimado em momentos de paroxismo anti-humanista, como os de memória recente, no regime nazista, o livro tem resistido. E resistido em todas as frentes, adaptando-se às novas às novas circunstâncias, para carregar consigo todo o patrimônio cultural, histórico, filosófico e artístico da Humanidade.

É surpreendente a capacidade de reação do livro, num tempo como o nosso, em que sua morte é anunciada com frequência. Os próprios seguidores das teorias do homem-televisão, de McLuhan, são forçados a se

curvar diante da flexibilidade e resistência do livro. Um exemplo é a enorme expansão das bibliotecas públicas e universitárias em todo o mundo, inclusive no Brasil. Outro exemplo é a vasta produção bibliográfica (só na Grã-Bretanha, 32 mil novos títulos por ano). Na Suécia, nas pequenas cidades e vilas do interior formam-se clubes de leitores, que compram livros mais baratos e fazem um revezamento para o empréstimo dos volumes mais solicitados. Só em livros infantis são gastos, anualmente, na Suécia, 2 milhões de dólares (cerca de 16 milhões de cruzeiros). É o livro em plena recuperação, em pleno aperfeiçoamento, dentro de um processo intenso e rápido de industrialização.

No longo período desde Gutenberg, até o final do século XVIII, os livros saíam das gráficas sem revestimento, para serem encadernados por profissionais especializados. Hoje, com a modernização da indústria gráfica, o livro é um objeto de consumo de massa e concorre, palmo a palmo, com os outros meios de comunicação. O livro deixou os mosteiros, as bibliotecas de monarcas e sultões. O cuidado artesanal de até a metade do século passado foi substituído por grandes tiragens. O livro, afinal, se democratizou.

Esta tendência se refletiu na própria mentalidade das crianças, dos pais, dos professores. A mentalidade mudou em face do livro através das campanhas intensivas, em todo o mundo, em favor da leitura, como a única alternativa para a pobreza mental, a pior das pobreza, em nosso entendimento. Mas a mentalidade sobre o livro mudou também pelas novas reformulações dos currículos escolares. E, principalmente, pelas novas formas de produção de livros baratos, em brochuras.

O livro, hoje, está à vista de todos, até ao ar livre, não apenas em feiras anuais, como a de Porto Alegre, mas nos supermercados, nas farmácias e nas bancas, competindo com os jornais e as revistas. O Estado também auxilia na recuperação do livro através da aquisição pública, para bibliotecas e escolas, bem como nas co-edições com editores particulares.

No Brasil, os dois problemas mais sérios do livro — e nunca é demais repeti-los — são: 1) a ampliação e a consolidação da indústria nacional do livro e 2) o de sua distribuição.

O primeiro problema depende, basicamente, da ampliação do número de leitores. Para isso, o combate ao analfabetismo e ao sub-analfabetismo é indispensável, uma tarefa de todos nós, indistintamente. Só com o aumento do número de leitores é que nossa indústria do livro poderá se afirmar, em termos econômicos.

É preciso estimular campanhas de leituras e exigir do Estado — como principal responsável pelas bibliotecas públicas — que compre mais livros, que dê mais atenção aos padrões culturais de nosso povo. É preciso ampliar o programa de co-edições, instalar uma rede nacional de bibliotecas escolares, com monitores especializados, instalar uma rede de bibliotecas nos

bairros populares das principais cidades do Brasil, realizar um programa permanente de promoção do livro e de hábitos de leitura (através de feiras, concursos, exposições, painéis, semanas especiais, teatro, palestras e TV)."

É que o livro, entre tantas coisas, desperta e amplia a consciência da identidade nacional. "Cabe, portanto, ao Estado, reconhecer o livro como parte essencial de qualquer planejamento educacional. O livro deve ser não só uma grande indústria, mas um instrumento de educação e de mudança social, uma arte, uma bênção, para uma vida melhor.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Understanding Media: the extensions of man* — McLuhan (McGraw-Hill) McLuhan: a Filosofia de Insensatez — Sidney Finkelstein (Paz e Terra).

Revista de Cultura Vozes, abril de 1971: O Livro, evolução, problemas, perspectivas.

Literatura e Realidade Nacional — Eduardo Portella (Tempo Brasileiro).

McLuhan: Holt & Cool — G.E. Stearn (Signet Books).

O Papel do Jornal — Alberto Dines (Artenova).

Caderno de Jornalismo e Comunicação, nº 36, maio/junho 1972 Situations, II (Gallimard) — Jean-Paul Sartre.

## ESTATUTO DO TRABALHADOR RURAL: COMENTÁRIOS

Lançado por Edições Trabalhistas do Rio de Janeiro e distribuído pela Sulina no Rio Grande do Sul, está nas livrarias o livro do bacharel J.L.Ferreira Prunes, intitulado "Comentários ao novo Estatuto do Trabalhador Rural.

É a análise da Lei nº 5.889, de 8 de junho de 1973, exposta e devidamente comentada por um jurista e professor (da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) do porte de Ferreira Prunes que tem enriquecido as letras jurídicas do país com variada bibliografia.

Neste "Comentários ao novo Estatuto do Trabalhador Rural", o autor comenta a própria Lei e o Decreto que a regulamentou, o de nº 73.626, de 12 de dezembro de 1974.

O livro é de grande interesse para todos aqueles que tenham atividades rurais e desejem estar por dentro da lei e suas consequências.

Pedidos podem ser feitos à Livraria e Editora Sulina, à avenida Borges de Medeiros, 1030. Porto Alegre.

## CURIOSIDADES

### FENOMENOS QUE OCORREM NA AGRICULTURA

Este espaço é uma homenagem aos nossos leitores, principalmente aqueles que vivem diretamente ligados à agricultura, por sua participação ativa no processo de desenvolvimento nacional através da criação de riqueza real.

Reservamos para esta edição uma botina de pedra, um "cacho" de tomates, um "ramalhete" de cebolas e um rabanete gigante.

A botina de pedra foi encontrada no arroio Itacuaruaré, no local chamado Rincão Comprido, município de Porto Xavier. Seu proprietário é o sr. Liberalino Flores, residente na cidade de Cerro Largo, que fez questão de trazer o "fenômeno" para o COTRIJORNAL.

A penca de tomates foi colhida na lavoura do sr. Albino Ceratti, residente em Barreiro, município de Ijuí. O seu

Albino fez questão de ressaltar que o tomatal foi preparado com adubo orgânico.

O sr. Edwino Maroski trouxe para o jornal as cebolas em forma de "bouquet". Foi colhida na propriedade do sr. Edegar Beyer, de Augusto Pestana. Disse tratar-se de cebola comum, também cultivada com adubo orgânico. A maioria do ceboal nasceu com essa característica.

O rabanete gigante é produto do Mato Grosso. Foi colhido no município de Cassilândia, na propriedade do sr. Oscar Domingues, que trouxe para o COTRIJORNAL. Expressamos nossos agradecimentos aos leitores que colaboram conosco. Colaborações devem ser endereçadas ao COTRIJORNAL, Caixa Postal, 111 - 98.700 - IJUÍ - RS.

## CARTAS

### NECESSIDADE DE ADIDOS AGRÍCOLAS

Recebemos, assinada pelo presidente da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, eng. agr. Enildo Diniz Caldeira, a seguinte correspondência:

"Sr. Jorn. Raul Quevedo, redator responsável do COTRIJORNAL. Pela presente vimos apresentar a V.S. nossos cumprimentos pelo editorial número 27 desse jornal, a respeito do veto do Senado Federal ao anteprojeto-de-lei que criaria nas representações diplomáticas brasileiras a figura do Adido Agrícola. Foi, sem dúvida, uma demonstração flagrante do desconhecimento por parte daquele Poder da República, da importância do referido cargo para a agricultura do nosso País.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar a V.S. nossos protestos de alto apreço e distinta consideração".

INSTITUTO CHILENO DE COOPERATIVISMO

Do Instituto Chileno de Educação Cooperativa:

"Pela presente e em nome do

Instituto Chileno de Educação Cooperativista, comunicamos que incluímos o COTRIJORNAL em nosso material de consulta.

Sem dúvida, ele nos é muito útil para nossos estudos, pelo que esperamos recebê-lo. Em troca, trataremos de enviar-lhe as publicações que periodicamente são editadas por este Instituto. Muito atentiosamente, Guillermo Hidalgo Ramos, bibliotecário.

FARMÁCIA PANFAR

"Prezados Senhores: muito nos honrou o recebimento da edição de janeiro do COTRIJORNAL.

A elaboração desse jornal é digna de grandes considerações e elogios, pois focaliza os mais variados assuntos com referência a nossa economia, o que é de grande importância para nossa independência econômica. Atenciosamente, Nelson Essenburg - gerente.

QUIRINO INÁCIO JUNG DO RIO DE JANEIRO

Ao fixar residência no Rio de Janeiro, espero poder continuar

a ler o COTRIJORNAL, pois o considero já um elemento de consumo obrigatório. Meu endereço, que está às ordens dos amigos de toda a região de Ijuí é rua Theodor Herzl nº 42 apt. 403 - Botafogo - cep 20.000 - RIO DE JANEIRO.

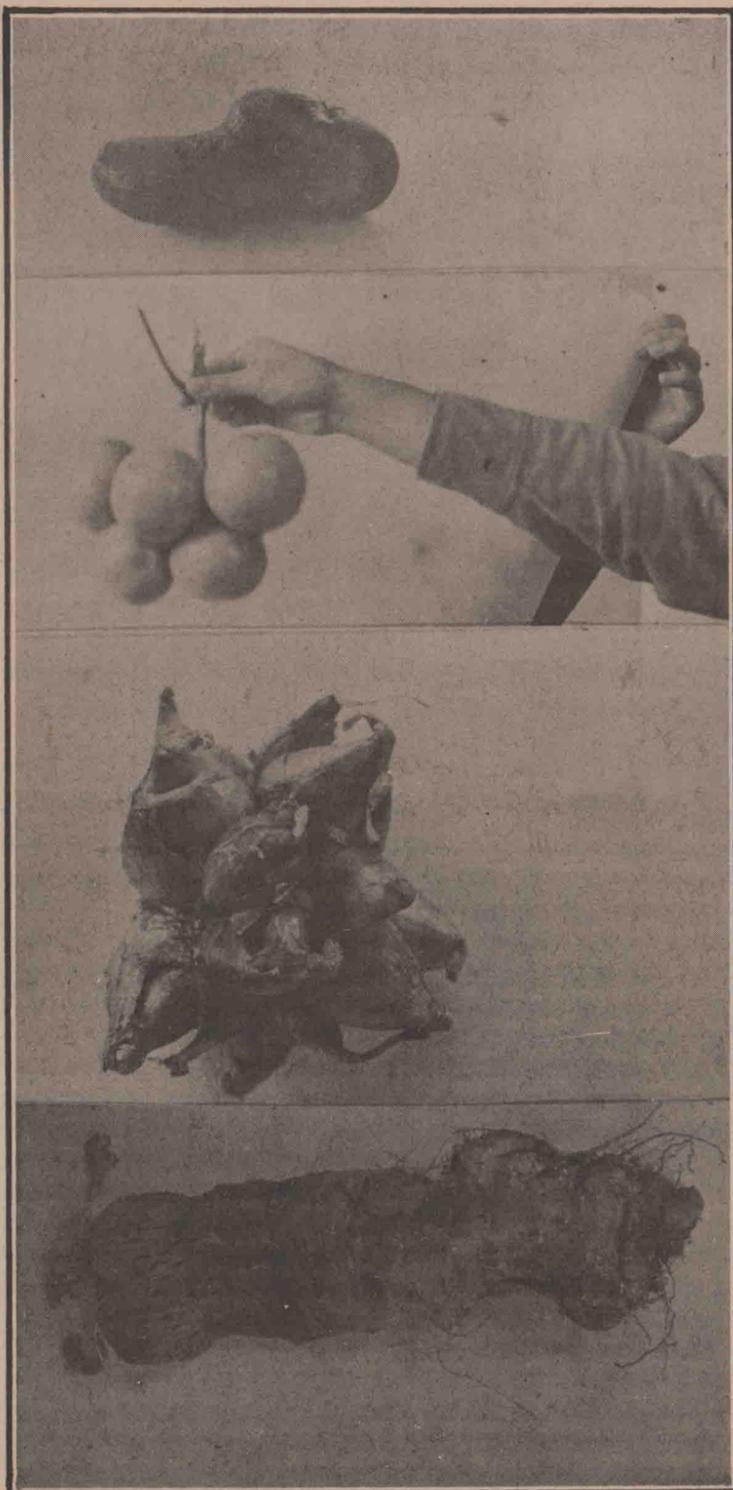
SÃO PAULO E NOSSA PREGAÇÃO ECOLÓGICA

"...Caso V.S. tiver a foto da página 10, edição de janeiro, que trata da ecologia, gostaria de fazer um eslaide para minhas aulas.

O assunto cabe em qualquer área do ensino, pois é comunicação do mais alto nível.

JORNAL contra a poluição. Já tem poluição? Imagine aqui em São Paulo.

Atenciosamente, Laura Della Mônica, professora, rua Maria Antonia, 162 - apt 122 - São Paulo.



## PARQUE CIDADE NOVA



No Parque "Cidade Nova" estão sendo construídas 72 residências de alvenaria em local próximo do centro de Ijuí (bairro Alvorada), com ruas pavimentadas, iluminação a mercúrio, centro comercial e área de recreação própria.

São 10 modelos de casas diferentes entre si. Tem 3 dormitórios, sala-de-estar, ampla cozinha, área de serviço e dependência para empregadas.

Com entrada a partir de 7.000 cruzeiros e o saldo inteiramente financiado.

Você adquire o conforto e a tranquilidade além de fazer um excelente investimento.

Visite-nos no próprio local ou em nosso escritório à rua do Comércio 604 - Fones 2307.

**É MAIS UM EMPREEDIMENTO  
CIDADE NOVA-OURO E PRATA**

## SINDICATOS DA REGIÃO FAZEM REIVINDICAÇÃO

Os dez sindicatos de trabalhadores rurais que constituem a sub-região, estiveram reunidos em Ijuí no dia 10 último, com a finalidade de votar medidas reivindicatórias para debate e possível aprovação durante a próxima assembléia geral da FETAG, a realizar-se no próximo dia 17, em Porto Alegre.

As medidas aprovadas e já encaminhadas à secretaria da FETAG foram as seguintes:

Diminuição no percentual de participação nas despesas com médicos e hospitais. Essa participação ideal, segundo o documento, deverá ser, no máximo,

entre 70 a 100% sobre o mínimo estabelecido na tabela do FUNRURAL. Considerar somente 50% da renda bruta do agricultor e, neste caso, quando proprietário, mesmo com renda inferior a 26 salários, que tenha uma participação na despesa. Que o INCRA, através de seus órgãos, justifique o critério que vem sendo adotado para o enquadramento sindical bem como a cobrança do imposto territorial. Encaminhar reivindicação, em nome da FETAG, ao Ministro da Previdência Social e aos órgãos vinculados para: ser permitido ao agricultor poder

hospitalizar-se na categoria de primeira classe, pagando a diferença da segunda para a primeira classe e sem perder o auxílio do FUNRURAL e que seja permitida companhia ao paciente, quando este assim desejar.

O encontro, que se realizou na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, sob a presidência do sr. Orgênio Rott, contou com a participação dos sindicatos dos trabalhadores rurais de Panambi, Chiapetta, Cruz Alta, Pejuçara, São Martinho, Vila Jóia (Tupanciretã); Santo Augusto, Ajuricaba e Augusto Pestana.

## ENCONTRO DE LÍDERES EM AUGUSTO PESTANA

A direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana promoveu encontro de líderes no dia 26 de janeiro, tendo por local o ginásio da cidade. Estiveram presentes representantes do convênio Cotrijui-Fidene.

O sindicato pestanense focalizou para analisar assuntos relacionados com mensalidade dos sócios, reuniões da sub-região e qual pertence e a assembléia da FETAG.

Os técnicos do Convênio Cotrijui-Fidene, abordaram assuntos relacionados com as excursões de associados a Rio Grande, criação da Cooperativa Central Gaúcha de Lactíneos e informações sobre o repasse. No final da reunião, o professor Walter Frantz fez um relato de sua recente estada no Chile, tendo explicado questões relacionadas com o cooperativismo praticado naquele país andino.

## ROTEIRO DE REUNIÕES DO CONVÊNIO COTRIJUI-FIDENE PARA 1976

Reunidos na cidade de Tenente Portela no dia 27 de janeiro, professores do Convênio Cotrijui-Fidene reuniram-se sob a direção do professor Walter Frantz, diretor do Instituto de Educação Permanente da Fidene, com a finalidade de fixar o programa de reuniões de núcleos para o corrente ano de 1976.

O encontro de Tenente Portela ressaltou a importância do trabalho conjunto das referidas entidades com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais daquele município, a exemplo do que ocorre há tempos em Ijuí e outros municípios da região.

O sindicato de Tenente Portela dispõe de elementos ca-

pacitados para atuar nessa área. A coordenação do trabalho naquele município do Alto Uruguai pertence ao professor Ricardo Ferretto.

Ao final do encontro foi aprovado o roteiro de reuniões para o corrente ano; conforme a tabela abaixo.

## DEBATE EM IJUI SINDICALISMO E COOPERATIVISMO

Realizado encontro de líderes sindicais e cooperativistas em Ijuí, no dia 21 de fevereiro. Ampla reportagem em nossa próxima edição.

### ROTEIRO DE REUNIÕES-1976:

CONVÊNIO COTRIJUI-FIDENE -COM A PARTICIPAÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE TENENTE PORTELA (RS).

DIAS DA SEMANA	LOCALIDADES	HORÁRIO	DIAS DO MÊS E MESES DO ANO											
			JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOS.	SETB.	OUT.	NOV.	DEZ.
1ª SÁBADO	SANTA FÉ	14 Horas	-	-	06	-	-	05	03	07	04	-	-	04
	DALTRO FILHO	14 Horas	-	-	06	-	-	05	03	07	04	-	-	04
	TRÊS MARCOS	16 Horas	-	-	06	-	-	05	03	07	04	-	-	04
	LINHA SÃO LUIZ	16 Horas	-	-	06	-	-	05	03	07	04	-	-	04
	Km 5 BOM PLANO	20,30Horas	-	-	06	-	-	05	03	07	04	-	-	04
2ª SÁBADO	BARREIRO	14 Horas	-	-	13	-	-	12	10	14	11	-	-	11
	CENTRO NOVO	14 Horas	-	-	13	-	-	12	10	14	11	-	-	11
	LINHA BONITA	16 Horas	-	-	13	-	-	12	10	14	11	-	-	11
	ESQUINA COLORADA	16 Horas	-	-	13	-	-	12	10	14	11	-	-	11
	CAPOEIRA GRANDE	20,30Horas	-	-	13	-	-	12	10	14	11	-	-	11
BRAÇO FORTE	20,30Horas	-	-	13	-	-	12	10	14	11	-	-	11	
3ª SÁBADO	JABOTICABA	14 Horas	-	-	20	-	-	19	17	21	18	-	-	18
	Nª SENHORA DA SAÚDE	14 Horas	-	-	20	-	-	19	17	21	18	-	-	18
	TIRADENTES	16 Horas	-	-	20	-	-	19	17	21	18	-	-	18
	ESQUINA PINHALZINHO	16 Horas	-	-	20	-	-	19	17	21	18	-	-	18
	SÃO PEDRO	20,30Horas	-	-	20	-	-	19	17	21	18	-	-	18
LINHA GLÓRIA	20,30Horas	-	-	20	-	-	19	17	21	18	-	-	18	

OBS: Os espaços em branco constantes na relação indicam a inexistência de reuniões.

# CONDIÇÕES PARA ASSOCIADOS DIRIGIREM AS COOPERATIVAS

O Conselho Nacional de Cooperativismo (CNC) determinou que nenhum candidato poderá ser eleito ou empossado para o órgão de administração ou fiscalização de cooperativas agropecuárias e mistas não apresentar declaração de bens e outros documentos, que serão encaminhados ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

A determinação consta da Resolução Nº 13/76 do CNC, publicada no "Diário Oficial da União" do último dia 27 de janeiro. Além da declaração de bens

serão exigidos do candidato:

— declaração de que não é pessoa impedida por lei ou condenada a pena que vede, ainda que temporariamente, o acesso a cargos públicos, ou por crime falimentar de prevaricação, ou suborno, concussão, peculato ou contra a economia popular, a fé pública ou a propriedade, nos termos do artigo 51 da Lei Nº 5.764/71, e

— declaração de que não é parente, até segundo grau, em linha reta ou colateral, de quaisquer outros componentes de ór-

gãos de administração ou fiscalização da cooperativa.

## VER O ESTATUTO

Além disso, de modo geral a resolução que foi assinada pelo ministro Alysson Paulinelli no último dia quinze de janeiro, diz que somente poderá ser eleito para órgão de administração ou fiscalização da cooperativa pessoa natural que esteja no gozo de seus direitos sociais, de acordo com o estatuto. A apresentação dos comprovantes de que o candidato pode ser eleito deverá ser feita de próprio punho e no mo-

mento oportuno, frisa o documento.

Em vigor desde sua publicação oficial, revogando a Resolução Nº 6/73 do próprio CNC, a nova resolução determina que a declaração de que o candidato não é impedido por lei de assumir cargos públicos será apresentada à assembleia geral da cooperativa antes da eleição. As demais devem ser apresentadas até o momento da investidura no respectivo cargo.

## INCRA DISCIPLINARÁ

As disposições da nova resolução não se aplicam as coope-

rativas de habitação, às de crédito e às seções de crédito das cooperativas agrícolas e mistas.

O texto oficial assinado pelo ministro Alysson Paulinelli não estabelece normas para casos eventualmente já registrados de pessoas eleitas e empossadas em cargos de administração ou fiscalização nessas cooperativas, mas esclarece que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), do Ministério da Agricultura, "adotará as medidas necessárias ao fiel cumprimento desta resolução".

# AUDITOR DO BANCO DA AMAZÔNIA

Esteve em visita de cortesia na COTRIJUI, a 7 de fevereiro, o sr. Izaías Batista da Costa, auditor do Banco da Amazônia, que atualmente responde pe-

la gerência do estabelecimento na agência de Porto Alegre, devido as férias do titular, sr. José Orofino.

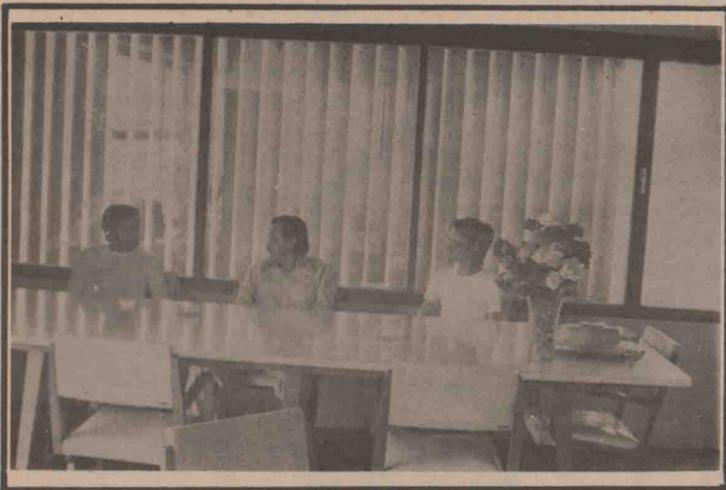
O auditor Izaías Batista da

Costa, que passou a ter grande curiosidade sobre a COTRIJUI desde que tomou conhecimento das perspectivas do Projeto Amazônia, disse que "há tempos de-

sejava conhecer a cooperativa".

O sr. Izaías Batista da Costa, que se fazia acompanhar do sr. Flávio Schneider, do setor de crédito geral do banco, visitou os

diversos departamentos da cooperativa e palestrou com o vice-presidente (foto), sr. Arnaldo Drews, a quem manifestou a certeza do êxito do Projeto Cotrijui



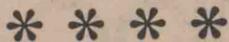
## TÉCNICO PAULISTA VISITOU A COTRIJUI

Acompanhado pelo eng. agr. João Alberto da Silva, do Instituto Privado do Fomento da Soja, de Porto Alegre, esteve visitando a COTRIJUI no último dia 10, o eng. agr. Hipólito A.A. Mascarenhas, da divisão de leguminosas do Instituto Agrônomo de Campinas.

Hipólito Mascarenhas, que tem inclusive cursos de extensão

no exterior, é autor de várias monografias técnicas sobre culturas tropicais, veio observar a soja cujo estágio de evolução no sul é bastante significativo.

Além de Ijuí, o agrônomo visitou as instalações da EMBRAPA em Pelotas e Passo Fundo e a FECOTRIGO em Cruz Alta.



## PREPARE-SE PARA SEMEAR ALFAFA

Voltamos a lembrar aos nossos associados que o solo para semear alfafa deve ser bem corrigido. E bem corrigido significa aplicar os corretivos e fertilizantes recomendados na análise a uma profundidade mínima de 20 cm. O melhor período para realizar a semeadura ocorre no mês de abril. Desejamos lembrar

mais uma vez que a melhor alfafa para a nossa região é a Crioula. Por esta razão a COTRIJUI dispõe de sementes de alfafa Crioula fiscalizada.

Procure o Departamento Técnico para obter maiores esclarecimentos sobre o plantio da alfafa.

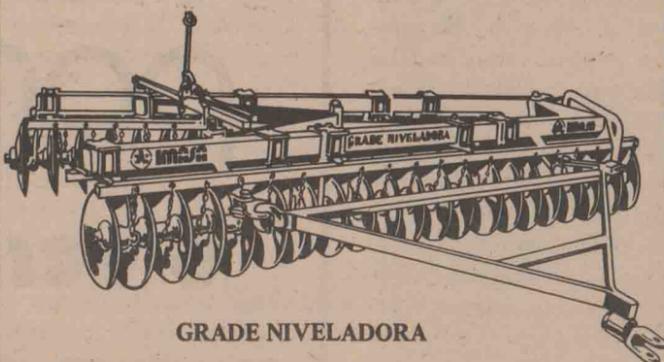
## OURO-IMASA-OURO-IMASA-OURO



GRADE OURO DE ARRASTO E HIDRÁULICA NO TRANSPORTE



GRADE OURO HIDRÁULICA E DE ARRASTO



GRADE NIVELADORA

Realmente sensacional a linha diversificada de grades da IMASA. Grades Ouro de Arrasto e Hidráulica. Grade IMASA tipo Goble e a já famosa NIVELADORA DE ARRASTO PESADA. Todas com estruturas Super Reforçadas, mancais com rolamentos autocompensados com tripla vedação, dando a você maior tranquilidade no desempenho do seu trabalho.

Pergunte ao seu vizinho, ele já possui, trabalhando na lavoura, as incomparáveis Grades da IMASA.

## SANITARISMO E PECUÁRIA LEITEIRA

Med. Vet. OTALIZ DE VARGAS MONTARDO

A união das cooperativas e a consequente criação da Central Gaúcha de Laticínios foi sem dúvida o acontecimento mais importante dos últimos anos, relacionado com a pecuária leiteira regional. Na medida em que se encontra uma solução adequada aos problemas de comercialização e industrialização do produto, podemos antever uma ampla revitalização da pecuária leiteira mas, saliente-se, essa revitalização precisa ser ordenada no sentido de se manter num mesmo nível toda a sistemática do problema leiteiro, que vai desde a produção até a comercialização do produto industrializado. Em outros termos, a indústria precisa ser sustentada por uma matéria-prima, no caso o leite, expressiva em quantidade e qualidade e esta será a responsabilidade maior do produtor.

Neste artigo que pretendemos seja o primeiro de uma série a ser publicada por este jornal, vamos abordar o tema sanitário, que é de fundamental importância para a pecuária leiteira, podendo comprometer seriamente a produção naqueles tambos onde seus princípios básicos não são observados. Parece-nos que ainda predomina entre os criadores uma mentalidade de certo modo fatalista, segundo a qual a ocorrência de doenças nos rebanhos é inevitável e que nos resta apenas a possibilidade de combatê-las pelo tratamento medicamentoso.

Nada mais falso do que esta afirmativa, pois o conhecimento das características básicas das doenças infecciosas ou parasitárias nos dá amplas possibilidades de através de medidas preventivas evitarmos o aparecimento de doenças em nossos rebanhos. Sanitarismo é o conjunto de medidas que visam evitar ou controlar o livre curso das enfermidades.

Em primeiro lugar, é interessante que os criadores se conscientizem de que para o desenvolvimento de qualquer enfermidade infecciosa ou parasitária é necessária a ação conjunta de três fatores: o agente (bactérias ou parasitas), o ambiente (local onde se criam ou exploram os animais) e o hospedeiro (o animal e neste caso o bovino).

Ora, conhecendo estes fatores e relacionando-os com as doenças que ocorrem nos tambos é compreensível que podemos combater os agentes das enfermidades antes que eles infectem, bem como podemos atuar no ambiente tornando-o impróprio para a viabilidade dos germes e parasitas, ou ainda dotar os animais de reservas orgânicas capazes de defendê-los contra agressões dos agentes causadores das enfermidades.

A desinfecção periódica dos estábulos é uma maneira muito prática e econômica de combatermos os agentes das enfermidades antes que eles infectem os bovinos, e esta medida, — que não precisa ser diária — é mais econômica que o tratamento de um único animal doente. A Seção de Consumo da COTRIJUI coloca à disposição dos criadores alguns tipos de desinfectantes e o Departamento Técnico pode orientá-los no uso dos mesmos. A desinfecção dos estábulos, feita periodicamente, diminui sensivelmente a ocorrência de certas doenças, como a mastite, por exemplo.

O planejamento racional das instalações associado às medidas higiênicas habitualmente recomendadas, se constitui em medida sanitária das mais importantes. Se considerarmos que os ambientes escuros, úmidos e com matéria orgânica em decomposição (esterco) são excelentes para a viabilidade das bactérias e larvas de parasitas, na medida que os estábulos forem mantidos limpos e arejados, o ambiente será impróprio para a viabilidade dos agentes infecciosos.

Também diretamente relacionados com os bovinos há uma série de medidas sanitárias que devem ser tomadas no sentido de reforçar-lhes as defesas naturais. A primeira dessas medidas é a alimentação adequada. É certo que os animais subnutridos ou carentes têm suas reservas orgânicas esgotadas e consequentemente são muito mais suscetíveis de contraírem enfermidades do que aqueles animais cujas defesas naturais estão asseguradas por um bom nível nutricional. Essas defesas devem ainda ser reforçadas pelas vacinações contra as doenças mais comuns em nosso

meio. Este último tópico (vacinações) será objeto de artigo a ser publicado por este jornal.

Como vimos, a corrente de fatores (agente-ambiente-hospedeiro) responsável pela ocorrência das enfermidades pode ser rompida em todos os seus elos pelo emprego de medidas sanitárias práticas e que estão ao alcance de todos os criadores. É necessário apenas que os criadores adquiram uma consciência sanitária ampla e que realmente assumam o seu papel na área da produção com o mesmo espírito de luta com que buscaram soluções para a comercialização do produto.

## PEDIDOS DE SEMENTES DE FORRAGEIRAS

Os associados interessados em adquirir sementes de forrageiras de inverno devem fazer o seu pedido de reserva na instalação mais próxima. A cooperativa dispõe de sementes das seguintes forrageiras.

ESPÉCIE FORRAGEIRA	DENSIDADE KG/HA
Aveia Coronado	80 - 100
Aveia Ipecuem	80 - 100
Centeio Crioulo	60 - 70
Trevo Branco Ladino	2
Trevo Vermelho	8 - 10
Cornichão	12 - 20
Azevém Anual	15 - 20
Alfafa Crioula	15



adubos  
pampa s.a.  
o verde da terra  
CANOAS

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas Caçula Ltda.  
R. 15 de Novembro, 448 - IJUI - RS.

## PANICUM GATTON: UMA FORRAGEIRA DE FUTURO

Eng. Agr. RENATO BORGES DE MEDEIROS

Está mais do que comprovado que as regiões quentes do Estado só poderão atingir altos rendimentos de carne e leite por hectare à medida que introduzirem as espécies forrageiras de produção estival. Atualmente as informações de pesquisa já possibilitam cultivar com segurança um grande número destas espécies. Pensacola, Pangola, Bermuda, Rhodes, Desmódio e Siratro já são espécies em franco cultivo. Entretanto existem outras que, embora bem conhecidas, ainda não conquistaram a confiança dos produtores.

Dando início a uma série de artigos, hoje vamos nos ocupar escrevendo alguma coisa sobre o Panicum Gatton que é considerada uma espécie forrageira de grande futuro no Rio Grande do Sul. Evidentemente que por ser uma forrageira recentemente introduzida, vamos nos valer também de informações de outros países.

Esta cultivar de Panicum (*Panicum maximum*, Jacq.), vc. Gatton) encontra-se vegetando espontaneamente na Rodésia. Foi introduzida na Austrália pela Plant Introduction Section of the C.S.I.R., Division of Plant Industry em 1951-2 por Miles. Supõe-se que no Rio Grande do Sul o seu primeiro cultivo tenha sido realizado em 1968 na Estação Experimental de Tupanciretã.

É uma planta de hábito cespitoso, apresentando porte alto. Segundo a bibliografia australiana, é resistente à seca, desenvolvendo bem até em precipitações de 762 mm. por ano. Também a bibliografia australiana faz referência a excelente resistência aos efeitos do frio e da geada. Esta informação concorda plenamente com as observações obtidas nos primeiros 7 anos de seu cultivo no Rio Grande do Sul. Trabalhando em parcelas com diversas espécies de gramíneas tropicais e subtropicais durante 4 anos (10/10/1968 a 06/4/1973) na Estação Experimental Zootécnica de Tupanciretã, RS. Saibro e outros concluíram que a cultivar Gatton de Panicum maximum mostrou excelente adaptação, que foi evidenciada pela sua elevada capacidade de produção e persistência para as condições em que se desenvolveu o experimento.

Geralmente o Gatton é a última espécie subtropical forrageira

ra a sofrer com as geadas. Na região das Missões, RS, ela se manteve verde nos invernos de 1973 e 1974. Contudo o mesmo não ocorreu no último inverno, porquanto os efeitos maléficis das geadas foram tão intensos que também incidiram nas culturas de inverno, até mesmo naquelas que se encontravam em início de desenvolvimento.

Segundo Mc Ilroy as cultivares de Panicum combinam bem com as leguminosas tropicais. Pequenas áreas estabelecidas em diferentes locais na região das Missões, misturas de Gatton com *Desmodium intortum* e Siratro tem se mostrado bem equilibrados. Com relação à sua produtividade, Mc Ilroy relata que nas Filipinas e na Austrália foram obtidos rendimentos de 122 t/ha de forragem verde. Igualmente, Whyte refere rendimentos de aproximadamente 120 t/ha de massa verde, quando estabelecido em condições de clima e fertilidade favoráveis. Ainda o mesmo autor informa que no Havai ele tem apresentado excelentes misturas com *Desmodium*. Contudo, Whyte chama a atenção para os cuidados que devem ser observados no manejo desta espécie. Ele informa que em Queensland, na Austrália, áreas onde se utiliza o manejo rotativo, os rendimentos foram excelentes durante 7 anos seguidos. Se as plantas ficam esgotadas, diz Whyte, os australianos deixam semear e fazem um leve preparo no solo para facilitar a ressemeadura.

Na Estação Experimental Zootécnica de Tupanciretã segundo Guterres (informação pessoal) áreas de Gatton estabelecidas em 1970 tem persistido com alta produtividade. A utilização tem sido controlada, sendo que o pastejo inicia geralmente em novembro quando as plantas atingem uma altura média de 60 cm. A retirada dos animais ocorre quando as plantas ainda apresentam uma altura de resteva em torno de 15 cm.

Segundo a bibliografia disponível os Panicuns são excelentes tanto para pastejo como para feno e silagem. Seu valor nutritivo é bastante alto quando jovem, apresentando ao redor de 13 % de proteína bruta na matéria seca, porém, decresce acentuadamente conforme aumenta a sua maturidade. Feno obtido em

três propriedades na região das Missões foram avidamente consumidos pelos animais. Na estação Experimental Zootécnica de Tupanciretã, RS, segundo Guterres, (informação pessoal) na estação de crescimento de 1974/75, foram obtidos em 4 cortes rendimentos de 4.500 kg/ha de feno. Informou também que estudando ganho de peso em terneiros de sobreano, nesta mesma estação de crescimento, o Gatton possibilitou um ganho médio de 800 g/dia/cabeça, com uma lotação de 3 animais/ha.

Áreas de Panicum Gatton estabelecidas no Planalto Médio e Missões evidenciaram excelentes produtividade e persistência. Alguns produtores têm conseguido manter no período de produção (novembro a maio) lotações superiores a 3 cabeças por hectare. Segundo alguns associados assessorados pelo Depto. Técnico da COTRIJUI, esta forrageira é uma das mais preferidas pelos animais. Em parcelas estabelecidas em 1972, no município de Chiapetta e submetidas a pastejo com ovelha, o Gatton foi mais consumido do que a *Setária Kazungula* e *Rhodes Gallid*.

No Estado a melhor época para seu estabelecimento tem sido nos meses de setembro e outubro. Sementes com poder germinativo superior a 30% possibilitam um bom estabelecimento com apenas 6 kg/ha. Contudo a bibliografia australiana em mistura onde participam duas leguminosas recomendadamente 2kg/ha. Considerando as dificuldades que a maioria dos solos do Planalto Médio e Missões oferecem à emergência das plantinhas provenientes de sementes pequenas, parece que a utilização de maiores densidades é uma medida de segurança mesmo em consorciação com Siratro ou *Desmodium intortum*.

Bibliografia:

- Hutton, E.M. & Davis, J. G. Australian Grassland, Camberra, 1970.
- Mc Ilroy, R.J. Introduction Al Cultivo de los Pastos Tropicales, Limusa, 1973.
- Whyte, R.O. et alli. Las Gramíneas em la Agricultura, Roma 1959.
- Anuário Técnico. Instituto de Pesquisas Zootécnicas da Secretaria da Agricultura, Porto Alegre, 1974.



Pastagens de Panicum Gatton estabelecida sobre solo Santo Ângelo em setembro de 1973, município de Tupanciretã, distrito de Vila Jóia. Esta área está no terceiro ano de produção e tem suportado lotações superiores a 3 cabeças por hectare, com ganhos de peso vivo superiores a 700 g/dia.

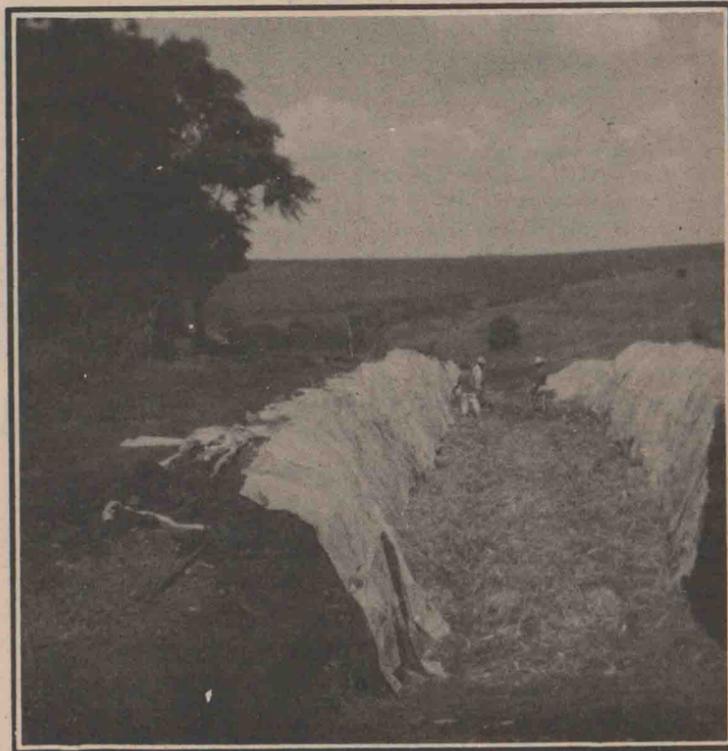
## GUARDE O EXCEDENTE DE PASTO: CONSTRUA UM SILO

Conseguir mais produto por hectare se constitui no principal objetivo do produtor. Entretanto, esta produção máxima deve ser obtida pelo menor custo. Para isso é fundamental dispor, ao longo de todo ano, de uma alimentação baseada em forrageiros.

As condições climáticas deste período possibilitam altas produções de pasto elefante, pasto italiano e sorgo, que nem sempre são totalmente consumidos pelo gado. Este excedente deve ser conservado para que os animais consumam nos momentos difíceis, quan-

do o crescimento das plantas é nulo em consequência do frio ou da seca. A silagem é uma das técnicas que pode ser utilizada para conservar o excedente de pastagens deste período. E isto não é nada difícil, pois a COTRIJUI pode lhe auxiliar nesta tarefa. Por isto não perca tempo.

Consulte o Departamento Técnico, e construa um silo parecido com este que aparece na foto abaixo. Para encher este silo, que nada mais é do que um buraco no solo, a COTRIJUI, coloca à sua disposição uma máquina ensiladeira.



Silo trincheira construído em dezembro de 1974 na propriedade do Sr. Alceu Carlos Hickembick.

# ESPALHANTE ADESIVO

Amaury Dalconte

Espalhante adesivo é um produto neutro que, misturado às caldas de fungicidas, inseticidas, herbicidas e na aplicação de nutriente via folhar, dá:

1. Distribuição regular da substância ou elemento nutritivo, evitando fitotoxicidez;
2. Umedecimento mais rápido da superfície tratada (menor tensão superficial);
3. Maior fluidez à calda, penetrando mais facilmente através da colônia de insetos, pelos vegetais e micélio dos fungos;
4. Ao secar, uma camada adesiva, prolongando os efeitos

dos defensivos e dando maior contato aos nutrientes;

5. Maior economia de calda, não havendo perda por escorrimento.

O espalhante adesivo é usado principalmente quando o tratamento for feito em superfícies cerosas que são hidrorrepelentes. Alguns agem mais como espalhantes (E), outros como adesivos (A) e um terceiro grupo como espalhante e adesivo (E + A). Usam-se os adesivos quando o defensivo for pó, móvel, por exemplo, onde

há necessidade das partículas ativas ficarem em maior contato com a planta e não serem facilmente arrastadas pelas chuvas. Já os espalhantes são preferidos quando o defensivo for solúvel ou emulsional, onde quebram a tensão superficial da gota cobrindo toda a superfície tratada, sendo, porém, mais facilmente arrastado pelas chuvas. Os espalhantes e adesivos reúnem as duas qualidades. Os principais existentes no comércio estão mostrados no quadro abaixo.

Verificando o quadro citado, nota-se que alguns espalhantes adesivos apresentam variações acentuadas em suas dosagens. A concentração do espalhante e/ou adesivo depende da superfície em que a calda age. Será maior em superfícies cerosas, veludas e verrugosas, para um mesmo produto. Deve-se então ter a sensibilidade para ver qual a dosagem a usar, de acordo com um teste prévio na cultura desejada (a calda deve molhar a planta sem que haja escorrimento).

Existem produtos que já possuem espalhante e/ou adesivo em suas funções.

O interessado poderá anotar o efeito do espalhante adesivo sobre as caldas através de um recurso muito prático, auxiliado por uma vasilha qualquer com água natural e um ramo

ou folha de um vegetal que apresenta a superfície bastante cerosa (couves, repolho, arruda). Inicialmente mergulhe o ramo ou folha na água; quando retirada, a água escorrerá. Coloque depois algumas gotas de espalhante adesivo naquela mesma água e mergulhe novamente o ramo e observe o efeito.

A calda ficará retida na superfície do vegetal.

O uso de espalhante adesivo desprende as incrustações que se formam nas paredes internas dos pulverizadores. Esses resíduos poderão entupir os bicos. Quando isso acontecer, basta mergulhar os mesmos num recipiente com querosene por algumas horas.

Transcrito de "Perspectiva", órgão do Setor de Engenharia Agrônoma da Universidade de Santa Maria.

NOME COMERCIAL	FIRMA	MODO DE AÇÃO	DOSAGEM PARA 100 LITROS DE CALDA EM	
			Cm <sup>3</sup>	Colher de sopa
AG-BEM	Filibra	A	50	3,3
CITOWET	Basf	E	25-50	1,6-3,3
ESAPON	Du Pont	E + A	15-30	1,0-2,0
EXTRAVON 200	Ciba	E	15-30	1,0-2,0
IHARAGUEM	Ihara	E	15-30	1,0-2,0
NOVAPAL	Bayer	E	50-100	3,3-6,6
SANDOVIT	Sandoz	E	200	13,3
TRITON X-114	Filibra	E	15-30	1,0-2,0

## região está entusiasmada com andamento da estrada que vai ligar municípios de Ijuí a Três Passos

Um pequeno trecho da estrada Ijuí-Três Passos que se encontra há cerca de um ano em fase de construção, já recebeu asfalto na base da imprimação. A imprimação, na terminologia da engenharia rodoviária, é o lançamento de uma camada de asfalto sobre a pedra britada, que serve de base e compactação.

O trecho que recebeu o banho de asfalto começa na altura do km 13, pouco além do Chorão, numa extensão de dois quilômetros.

A estrada Ijuí-Três Passos, antiga reivindicação das populações dos municípios da região Noroeste do Estado, foi dividida para efeito de obras, em três trechos. O primeiro deles, numa extensão de 34 quilômetros, a começar na BR 285 (Ijuí), foi contratado com a EMPA. O segundo trecho, na extensão de 48 quilômetros, é da responsabilidade da EMEC e o último trecho, com 34 quilômetros, é construído pela Andrade & Gutierrez.

A obra, que recebeu o qualificativo de RS-155, é fiscalizada pelo DAER, cuja chefia na região é responsabilidade do engenheiro Júlio Mascarenhas de Souza.

Se prevalecer o prazo constante do contrato da obra, a estrada estará concluída em maio do próximo ano.

O COTRIJORNAL sente-se satisfeito em divulgar o estágio atual da importante rodovia, pois desde sua fundação bateu-se pela realização da obra.

A análise objetiva  
O comentário abalizado  
O julgamento preciso  
A interpretação correta

## EXTERMINAR PRAGAS COM EQUILÍBRIO ECOLÓGICO

O sonho dos cientistas e técnicos ambientais hoje é a manutenção do equilíbrio ecológico. Isto é, o controle das pragas e insetos nocivos a saúde e à agricultura, sem causar danos ao meio ambiente.

Nesse campo, os inseticidas biológicos (que já vem sendo testados pelos técnicos da COTRIJUI) passaram a ter excelentes auxiliares nos atraentes e repelentes que os entomologistas estão colocando a disposição do consumo.

Sobre atraentes e repelentes, através de um controle integrado, o Suplemento Agrícola do jornal O Estado de S. Paulo, edição de 4.1.1976, publica interessante artigo com a assinatura de Fernando M. Lara, que pedimos licença para transcrever.

"A tendência atual da entomologia é o emprego do controle integrado de pragas através do uso de vários métodos associados da melhor forma possível. Com isso se tem conseguido uma utilização cada vez mais racional dos inseticidas, evitando-se as consequências indesejáveis de seu uso em larga escala, o que contribui para o seu equilíbrio biológico da natureza e menor poluição do ambiente, fatores estreitamente ligados à sobrevivência humana.

Para o aperfeiçoamento e emprego de diversos meios de controle, são necessários, porém, estudos básicos sobre os insetos, principalmente no que diz respeito ao seu comportamento e ecologia. Dentre os processos em desenvolvimento, tem-se destacado a utilização de atraentes e repelentes, cada vez mais empregados em pesquisa, uma vez que se prestem para inúmeras aplicações além do combate às pragas.

Há muito tempo o homem observou que os insetos são atraídos ou repelidos por certas substâncias químicas ou por estímulos físicos. Existem insetos fototrópicos positivos que são atraídos pela luz; voam em torno das lâmpadas de postes e até mesmo no interior das residências, penetrando nos intervalos dos lustres. Assim, pelo fato da luz atrair determinados insetos, o homem tentou controlá-los através de uma armadilha luminosa improvisada com um lampião. Não conseguiu grandes resultados, mas seu intento motivou outros estudos e utilizações da luz, de tal forma que hoje alguns insetos-pragas podem ser eficientemente combatidos com armadilhas luminosas.

Com esses aparelhos providos de lâmpadas fluorescentes

ultravioletas, tem-se conseguido o controle de alguns lepidópteros, como a lagarta da espiga do milho, lagarta das maçãs do algodoeiro, broca da cana, broca pequena do tomate e broca das cucurbitáceas.

Sua utilização tem sido maior nos estudos de flutuação das populações de insetos, básicos, para efetuar controle racional das pragas, uma vez que indicam as épocas de maior incidência dos insetos, o que permite fazer o programa de combate antes que atinjam níveis de dano.

Com esse mesmo fim se têm utilizado as cores, como o amarelo e o branco, às quais a maioria dos insetos reage favoravelmente. A cor amarela é muito atraente para determinada espécie de formigas. Vários tipos de armadilha se utilizam para isso, como bandejas contendo água e com o fundo pintado, placas de madeira ou latas circulares coloridas, sobre as quais se passa um adesivo etc.

O conhecimento da atração dos insetos pelas cores não tem sido utilizado para fins diretos de controle, mas apenas em levantamentos que auxiliam muito o homem a combater as pragas.

Outro estímulo atraente ou repelente de insetos é o som, pois eles possuem a capacidade de ouvir sons de até 150.000 ciclos por segundo, quando o homem ouve somente de 20 a 20.000. O som característico das cigarras, dos grilos e dos pernilongos, constitui não raras vezes, uma forma de comunicação. Assim, a estridulação produzida pelos machos das cigarras serve para atrair machos e fêmeas para certo local; os produzidos pelos grilos destinam-se a atrair as fêmeas; o do pernilongo fêmea, para atrair os machos.

Mas o som pode também ser repelente aos insetos, principalmente às mariposas, afugentadas pelos ultra-sons (acima de 20.000 ciclos por segundo), por que esses ultra-sons são semelhan-

tes aos produzidos pelos morcegos insetívoros, eficientes predadores de insetos.

Com base nessa observação, tentou-se efetuar o controle da principal praga do milho, nos Estados Unidos, *Ostrinia nubilalis*, colocando alto-falantes no meio da cultura, com emissão de ultra-sons. Obteve-se excelente controle dessa praga, porém, numa área muito restrita.

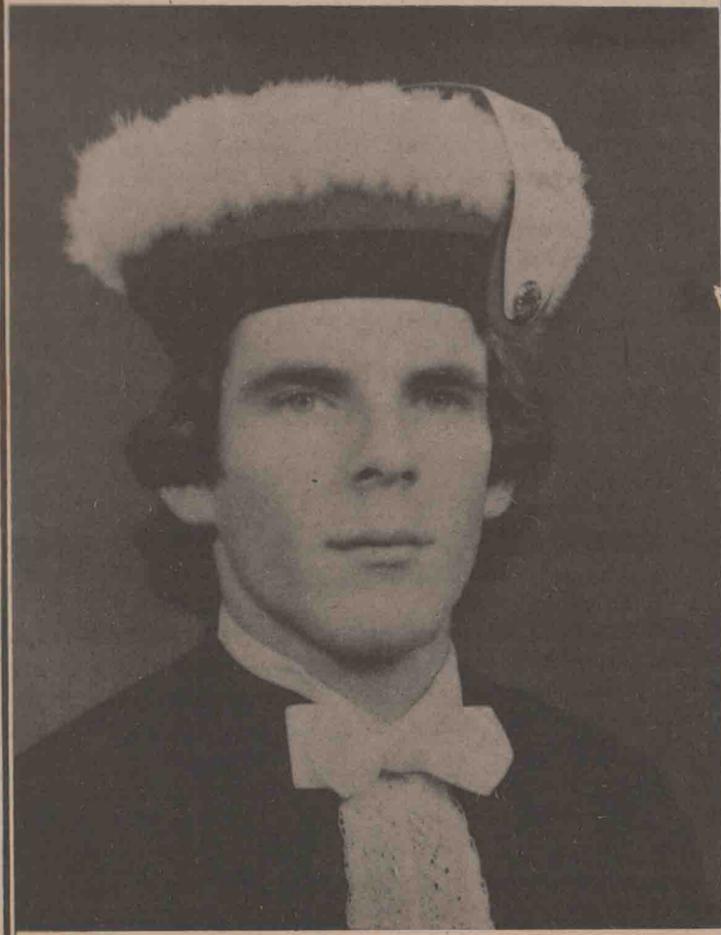
As pesquisas nesse campo permitiram a produção de pequenos aparelhos produtores de ultra-sons, os quais, para conforto de pescadores e caçadores, afugentam com grande eficiência os temíveis e indesejáveis pernilongos.

O campo de atraentes e repelentes físicos de insetos é explorado no que concerne ao controle direto de pragas, mas sua aplicação abrange inúmeras áreas como utilização nos levantamentos das populações de insetos, o que indiretamente auxilia o homem no combate às pragas.

Da turma de 1975, temos a registrar a formatura de mais um engenheiro agrônomo vinculado a vida da COTRIJUI. Trata-se do formando Uriel Viecilli, diplomado pela Universidade de Santa Maria. Ele é filho do sr.

Nelson Viecilli, nosso associado, residente na cidade de Ijuí.

Ao jovem engenheiro-agrônomo, que se inicia na nobre tarefa das ciências agrícolas, desejamos uma atividade proffcua no interesse da pátria.



## O Governo já fez tudo para tornar a próxima safra de trigo um ótimo negócio.



## Agora é sua vez de fazer força.

O preço mínimo foi fixado em nível compensador, o subsídio de 40% para a compra de fertilizantes foi mantido, o calcário continua com financiamento e prazo de 5 anos e a lavoura segurada pelo Proagro.

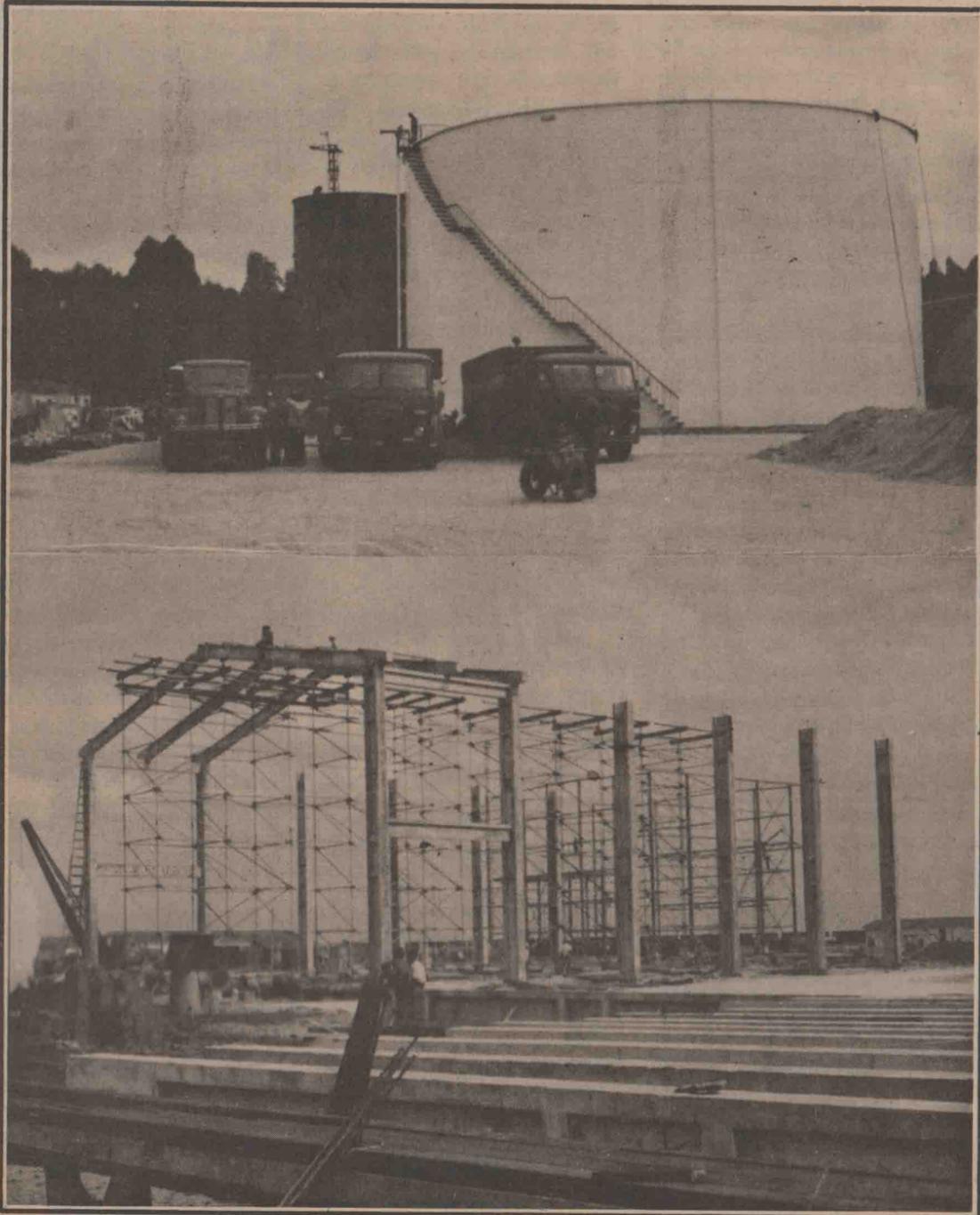
O Governo fez tudo isto para que você possa plantar tranquilamente, com a certeza de colher mais e melhor. Mas isto implica numa responsabilidade para você: aumentar a produtividade. Esta é a sua tarefa. Fazer a terra render mais. E isto — você sabe — só é possível com a correta adubação do solo. Nesta hora, conte mais uma vez com Adubo Trevo. A grande unidade industrial no superporto de Rio Grande

— a maior fábrica de fertilizantes da América do Sul — pode garantir para você: segurança de entrega, formulação correta e continuidade de produção.

Adubos Trevo — têm as formulações corretas para o trigo, inclusive o fósforo (P2O5) é totalmente solúvel como esta cultura exige.

**ADUBOS TREVO**  
Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

# JUNTO AO GRANDE TERMINAL A GRANDE FÁBRICA DE ÓLEO



Durante o decorrer do mês de maio próximo, estará entrando em operação industrial a fábrica de óleo que a COTRIJUI constrói em Rio Grande, junto ao seu Terminal Graneleiro, na Quarta Seção da Barra, no futuro distrito industrial. É um investimento de 62 milhões de cruzeiros, sob financiamento do Banco Nacional de Crédito Cooperativo - BNCC - que está empregando tecnologia e equipamentos cem por cento nacionais, conforme já se tornou norma na COTRIJUI.

As obras civis foram projetadas pelo engenheiro Fernando Creidy e a projeção industrial do Grupo Masiero S.A. A direção das obras está entregue ao técnico industrial Werner Wagner.

A fábrica produzirá, numa primeira fase, 190 toneladas de óleo por dia e 760 toneladas de farelo, fruto da transformação de 1.000 toneladas de grãos diários. Será realmente, uma grande fábrica de óleo localizada junto a um grande terminal.

Na montagem fotográfica dois aspectos da fábrica. Na parte superior, um dos tanques de captação de óleo, cuja capacidade total é 10.400.000 litros.

Quando a foto foi tirada os tanques recebiam óleo enviado pela fábrica de Ijuí (Mucama). Abaixo, estágio das obras civis em meados de janeiro.

Numa de nossas próximas edições estaremos dando amplos detalhes de mais esse empreendimento da COTRIJUI.

## IMPRENSA DO PARÁ APLAUDE PROJETO COTRIJUI-NORTE

Sob o título "Cooperativa Gaúcha em Altamira", o jornal O Liberal, de Belém do Pará, em sua edição de 9 de dezembro último, abriu manchete para falar sobre o projeto da COTRIJUI-NORTE, que a cooperativa vai instalar naquela região do país.

O jornal foi motivado em face da visita feita ao Pará pelo ministro da Agricultura, Alisson Paulinelli e o presidente do INCRA, Lourenço Vieira, que se fizeram acompanhar do coordenador do projeto, Edgar Irio Simm, ex-secretário da Agricultura, do Rio Grande do Sul.

Conforme a reportagem, as solenidades foram realizadas em Brasil Novo e na Rurópolis "Presidente Médici", ao longo da Transamazônica.

O jornal belenense, que dedicou duas páginas ao acontecimento, inclusive com chamada de capa, disse que a efetiva implantação do projeto da COTRIJUI está tardando por mais de um ano. Mas em seguida manifestou a esperança, "de acordo com o que ficou claro no encontro entre dirigentes da cooperativa, o ministro da Agricultura e o presidente do INCRA, que a COTRIJUI parece ter decidido a se instalar mesmo na região", ressaltou o jornal.

## IJUI PERPETUA HOMENAGEM AO PATRONO DA IMPRENSA

Os jornalistas que desempenham atividades profissionais nos órgãos de comunicação de Ijuí fundaram a 21 de fevereiro último, o Clube de Imprensa Hipólito da Costa, numa homenagem ao patrono da imprensa brasileira. Tendo por local a sede da Associação dos Funcionários da COTRIJUI - AFUCOTRI - na Linha 3 Oeste, os jornalistas reuniram-se às 11 horas em assembleia geral ordinária, quando foram procedidas as solenidades alusivas à fundação do clube.

Atendendo antiga proposição de jornalistas que participaram como ouvintes da palestra proferida pelo professor e historiador Francisco Riopardense de Macedo, na FIDENE, a 3 de outubro de 1975, versando sobre vida e obra de Hipólito da Costa, o Clube fundado, por sua assembleia soberana, escolheu como seu presidente de honra aquele intelectual gaúcho.

Esta é a segunda homenagem que Ijuí presta ao patrono da imprensa brasileira. A primeira delas foi de caráter oficial, quando o vice-prefeito Wilson Maximino Mânica, no exercício

da chefia do Executivo, deu o nome de Hipólito José da Costa a uma rua da cidade.

O Clube de Imprensa Hipólito da Costa, segundo o preceituado em seu estatuto, congregará a nível de empregados, os profissionais de redação, repórteres fotográficos e componentes dos departamentos de notícias das rádios, numa entidade de caráter cultural e recreativo.

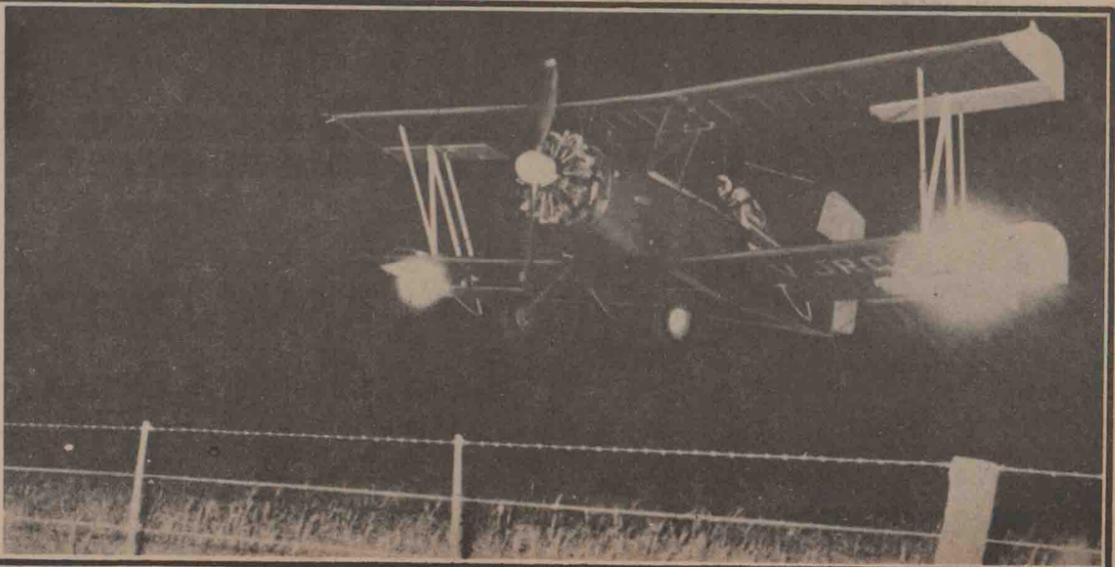
Uma das primeiras solenidades públicas a ser patrocinadas pelo Clube, será a afixação das placas na artéria que recebeu o nome do seu patrono, e que se localiza no bairro Oswaldo Aranha.

Participarão dessa solenidade, que deverá se realizar até o final deste mês, além de jornalistas, autoridades e classes econômicas e intelectuais de Ijuí, uma caravana de jornalistas de Porto Alegre, tendo a frente o presidente da Associação Riograndense de Imprensa, jornalista Alberto André, o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre e o presidente da Associação dos Dirigentes de Jornais do Interior - Adjori.

## PULVERIZAÇÃO AÉREA NOTURNA É NECESSIDADE TÉCNICA

Saiba porque os países que praticam uma agricultura tecnicamente avançada aderiram à pulverização noturna lançada de aviões: porque a atmosfera à noite

é descendente e ao dia é ascendente e porque à noite o consumo de inseticidas é mais econômico além de ter efeito poluidor praticamente zero, lendo as reportagens da página oito.





# COTRIJORNAL

## ESPECIAL DE AVISOS

Março de 1976

### A COTRIJUI ESTÁ FORNECENDO ADUBO AOS ASSOCIADOS

O Conselho de Administração da COTRIJUI, em sua reunião de 29 de dezembro último, aprovou a obrigatoriedade do associado repassado (financiamento de custeio da lavoura) adquirir suas necessidades de adubo na cooperativa. A medida tem o efeito de disciplinar o setor, principalmente porque vai agir no sentido de garantir a qualidade dos adubos e a unificação de seus preços, em toda a área de ação da cooperativa.

Em vista dessa nova medida, para terem seus pedidos de financiamento repassados pela

cooperativa, os associados terão que fazer seus pedidos de adubo através da própria cooperativa.

É o seguinte o sistema posto em execução pela COTRIJUI, para cumprir a nova tarefa: os associados farão seus pedidos de adubo, na marca que desejarem, em qualquer das unidades de armazém da cooperativa. No caso do associado não manifestar interesse por uma marca, a gerência de insumos da cooperativa fará a distribuição a seu próprio critério.

A cooperativa trabalhará com todas as marcas de adubo,

cujos fabricantes mantenham infra-estrutura na região, através de três fórmulas indicadas por seu Departamento Técnico, conforme o caso.

O preço do adubo para a fórmula 9-33-12 foi fixado em Cr\$ 2.900,00 a tonelada em toda a área de ação da cooperativa. As demais fórmulas custarão menos.

Detalhes sobre a importância dos elementos químicos componentes dos fertilizantes você poderá ler no artigo a seguir, elaborado por nosso Departamento Técnico, intitulado FERTILIDADE DOS SOLOS.

## FERTILIDADE DO SOLO

A formação dos solos é fruto da ação continuada de diferentes fenômenos físicos, químicos e biológicos sobre a rocha originária ao longo dos séculos desde a formação da Terra.

A fertilidade atual dos solos, por sua vez, depende especialmente dos seguintes fatores: erosão do solo, correção e adubação e produção obtida. Observando estes fatores verifica-se que a fertilidade vai sendo modificada pela ação do homem no decorrer do tempo.

A erosão é, sem dúvida, o fator mais importante no empobrecimento contínuo e acelerado dos solos. O seu efeito depende de alguns fatores incontroláveis, como o tipo de solo e o regime

de chuvas e de outros em que o homem pode e deve influir decididamente para o seu controle.

Entre estes fatores queremos destacar: o aproveitamento da resteva, conservação e preparo do solo, sistema de plantio, práticas culturais e até mesmo o sistema de colheita.

A fim de diminuir o desgaste do solo pela erosão é necessário que o homem use o seu conhecimento e sabedoria na escolha das práticas de manejo mais adequadas para sua lavoura.

A correção e adubação química são práticas fáceis de execução e empregadas com a finalidade de equilibrar a fertilidade

do solo e obter bons rendimentos das culturas em exploração.

O conhecimento detalhado das fórmulas de adubo é necessário para que o agricultor possa decidir, embora com a orientação do técnico, qual a fórmula mais econômica para sua lavoura.

#### DEFICIÊNCIA DO POTÁSSIO

De um modo geral os solos desta região são de origem ácidos, deficientes em fósforo e razoavelmente supridos em potássio. Entretanto, a prática da correção do solo com o emprego de calcário e adubos corretivos, modificou a fertilidade natural outrora existente. Este fato possibilitou a obtenção de altos rendimentos, especialmente

na cultura da soja. Em decorrência houve retirada de grandes quantidades de elementos nutritivos e o potássio já começa a dar sinais de deficiência.

Este fato é tão importante e grave que pode levar no espaço de apenas uma safra a redução dos rendimentos por deficiência de potássio. Os agricultores que já corrigiram suas lavouras a mais de dois anos devem se preocupar com esta informação e voltar a analisar suas terras a fim de sanar em tempo esta deficiência.

#### ADUBAÇÃO QUÍMICA

De acordo com as informações da pesquisa é necessário que a adubação química para o trigo e a soja seja feita com adubos contendo nitrogênio, fósforo e potássio.

Por outro lado existe uma interação entre esses elementos de modo que o rendimento de qualquer cultura ficará limitado pelo elemento que existir em menor quantidade. O ideal é que a adubação química somada a fertilidade disponível do solo contenha os elementos químicos solúveis em quantidades e proporções disponíveis para obtenção de um bom rendimento. Existe uma grande quantidade de fontes de adubos contendo percentagens diferentes de um ou mais dos seguintes elementos: nitrogênio, fósforo e potássio.

Para facilidade convencionou-se expressar as adubações químicas através de fórmulas. Cada fórmula contém números que indicam as quantidades desses elementos em 100 quilos do adubo. O 1º número indica o nitrogênio ou N, o 2º o fósforo ou P205 e o 3º o potássio ou K20. Dessa maneira a fórmula 9-36-30-12 expressa que em 100 kg desse adubo temos: 9 significa 9 kg de nitrogênio; 36/30 significa 36 kg de fósforo total, sendo que apenas 30 kg são solúveis em água e 12 significa 12 kg de potássio.

Resumindo podemos dizer que em 100 kg desse adubo temos um total de 57 kg de elementos dos quais apenas 51 kg são solúveis. Nitrogênio — O nitrogênio é responsável pelo crescimento das plantas e é facilmente carregado pela água da chuva.

Existe duas formas em que o nitrogênio é usado como adubo. A forma nitríca, que é muito solúvel e, por essa razão usada na adubação de verduras, plantas de rápido crescimento. Já a forma amoniacal é menos solúvel e por essa razão empregada com preferência em culturas anuais como o trigo e a soja. Não é tão facilmente lavada como a anterior. Em razão disso, quando se deseja aplicar maior quantidade de nitrogênio ele deve ser dividido em duas ou mais aplicações. Parte será usada no plantio e parte em cobertura nas épocas de crescimento mais intenso das plantas. O trigo, por exemplo, cresce rapidamente depois do

perfilhamento ou seja, aos 45 dias após a semeadura. Esta é a razão porque os técnicos recomendam fazer a cobertura com nitrogênio nesta época, evitando o carregamento pela água da chuva durante esse período.

**Fósforo** — Os solos desta região são por origem deficientes em fósforos, daí a importância desse elemento na adubação. O fósforo é classificado em três formas de acordo com sua solubilidade: insolúvel, solúvel em ácido cítrico a 2% e solúvel em água. A soma dessas diferentes formas nos dá o fósforo total. As fórmulas expressam o fósforo total e o fósforo solúvel em água, como foi visto anteriormente.

O fósforo solúvel em água quando colocado no solo fica totalmente à disposição das plantas, enquanto que os solúveis em ácido cítrico a 2% necessitam sofrer certas transformações químicas para serem absorvidos.

Já os fosfatos insolúveis não se podem contar na adubação do trigo e da soja. Por outro lado sabe-se que as plantas absorvem com facilidade o fósforo solúvel em água. Supõe-se também que dependendo da espécie da planta, da fonte do adubo e das condições de solo, especialmente da matéria orgânica e umidade, o fósforo solúvel em ácido cítrico a 2% poderá ser absorvido em percentagens variáveis.

Os fosfatos naturais sofrem processos semelhantes a industrialização do calcário. Esta razão tem levado muitos agricultores a usarem apenas adubo fosfatado na lavoura de soja, fazendo com que os níveis de potássio se tornem críticos ou deficientes.

A produção industrial de fosfatos solúveis é bem mais onerosa do que os fosfatos naturais. Estes sofrem processos semelhantes a industrialização do calcário, enquanto que os fosfatos solúveis necessitam de processos complicados com o uso de ácido sulfúrico e fosfórico.

Nenhuma dessas formas de fósforo é carregada pela água da chuva. O fósforo junto com o cálcio são os responsáveis pela boa formação dos frutos ou sementes. A experiência dos agricultores na lavoura de trigo e soja mostra a importância dos adubos fosfatados na obtenção de bons rendimentos.

**Potássio** — É o responsável pela estrutura da planta, ou seja, resistência ao acamamento. É usado apenas uma forma de potássio toda solúvel em água. Essa solubilidade não significa que seja carregada pela água da chuva, mas sim facilmente absorvida pela planta.

O objetivo das informações aqui prestadas é de motivar aos associados da COTRIJUI para o debate e conhecimento de toda a problemática do adubo. Quando isto ocorrer, cada associado, com sabedoria poderá influir para que as decisões de interesse de sua organização satisfaçam os desejos de todos.



# FINANCIAMENTO PARA A AQUISIÇÃO DE CALCÁRIO

Conforme divulgamos com o devido destaque na edição extra do COTRIJORNAL — mês de dezembro — a COTRIJUI financiará calcário através de repasse do agente financeiro e oferecendo ainda uma série de outras vantagens. Para começo de conversa, não são necessárias garantias reais. Basta que o associado aceite o valor correspondente financiado, assinando notas promissórias rurais com um avalista.

Para uma melhor racionalização na entrega do calcário, suprimindo assim a falta de transporte nas épocas de safra, o agente,

juntamente com a cooperativa, estabeleceu a seguinte mecânica de ação.

1 — O associado deve comparecer a unidade COTRIJUI mais próxima, levando consigo amostra de solo ou o documento da análise já feita;

2 — Fazer-se acompanhar do avalista, sendo que ambos tem de estar com o cadastro atualizado na cooperativa.

Condições que a COTRIJUI e o agente impõem para liberação do financiamento.

1 — Terra própria ou arrendada. Neste último caso, com contrato de arrendamento míni-

mo de três anos, a contar da data de assinatura do financiamento.

2 — É necessário que o associado tenha comercializado as duas últimas safras de soja e trigo, com a cooperativa.

Cumpridas essas exigências, mesmo antes da elaboração do projeto técnico, o Departamento de Crédito da cooperativa liberará parte do calcário com a finalidade de adiantar o serviço. Concluído o projeto, o associado será chamado para assinar as notas promissórias rurais, quando receberá o restante do produto e demais adubos corretivos, se for o caso.

# REPASSE DO CUSTEIO DA LAVOURA DE TRIGO

Comunicamos aos nossos associados que o repasse da lavoura de trigo vai iniciar na próxima segunda-feira, dia 15, em todas as unidades da cooperativa.

Durante o repasse da futura safra de trigo, surgiram dois fatos novos. A obrigatoriedade do associado adquirir fertilizantes e inseticidas diretamente da cooperativa e a ampliação das áreas a serem financiadas pelo repasse.

A mecânica do sistema passou a ser a seguinte:

1º — Os associados financiados pelo repasse, com área de até 140 hectares, deverão, obrigatoriamente, adquirir os insumos (fertilizantes, sementes e inseticidas, etc) diretamente na cooperativa;

2º — Na hipótese do associado desejar adquirir os insumos de terceiros, deverá obter financiamento diretamente no Banco do Brasil ou outro estabelecimento bancário.

3º — Os associados com área de 141 até 200 hectares, em virtude das novas instruções do Banco do Brasil, que foram tornadas públicas no dia 8 de março, também serão financiados pelo repasse nesta safra, podendo adquirir insumos de terceiros.

Porém, já a partir da safra de soja de 1976-1977, também esta faixa estará obrigada às instruções contidas nos itens 1º e 2º.

# ATENÇÃO PARA O CADASTRO

Conforme a cooperativa vem divulgando há tempos, é imprescindível a atualização dos cadastros dos associados, junto à cooperativa. Portanto, aqueles associados que quiserem se beneficiar de adiantamentos por conta de safras e financiamentos de calcário, deverão comparecer com a máxima brevidade possível à instalação mais próxima, levando consigo os seguintes documentos:

**COTRIJUI VAI COMERCIALIZAR O MILHO DE SEUS ASSOCIADOS**

Já a partir desta safra, a cooperativa vai receber para comercialização, a produção de milho de seus associados. Será a prestação de mais um serviço da cooperativa ao seu quadro social estimulando mais uma opção para os produtores da região.

Após o encerramento de recebimento da soja da safra, a cooperativa começará a receber o milho, que será na modalidade preço médio.

Na próxima edição do COTRIJORNAL estaremos dando maiores detalhes da prestação desse novo serviço.

1 — Carteira de associado, 2 — CPF, 3 — Carteira de identidade, 4 — Título eleitoral, 5 — Número da inscrição estadual (bloco modelo 15), 6 — relação de dependentes com as respectivas datas de nascimento, 7 — Tabelões do INCRA, 8 — Escrituras das terras próprias ou em usufruto, 9 — Contrato de arrendamento (quando for o caso), 10 — Relação escrita de produção nos dois últimos anos, com as respec-

**PRIMEIRAS VIAS DE NOTAS FISCAIS SÃO DE MUITA IMPORTÂNCIA**

Segundo informação que nos foi prestada pelo sr. Dalcy Lafuente Gimmenez, chefe da Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil — agência Ijuí — para fazer jus a subsídios de qualquer espécie e receber pagamentos de verbas de fertilizantes e corretivos, os agricultores deverão apresentar, sem qualquer exceção, a primeira via da nota fiscal assinada.

Outra informação prestada pelo sr. Dalcy Gimmenez diz respeito ao PROCAL. Os corretivos e fertilizantes adquiridos sob o programa PROCAL, não deverão ser comprados antes da feitura do projeto.

tivas áreas plantadas, 11 — Anotação do número de animais que possuir (suínos, bovinos, aves), 12 — Anotação das dívidas (bancárias e outras); 13 — Relação das benfeitorias feitas na propriedade e a maquinaria agrícola existente e, 14 — Relação dos gastos da família com alimentos, roupas, higiene, educação, etc.

**PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL PARA MERCADO INTERNO**

De conformidade com o novo convênio celebrado entre o Ministério da Agricultura e a Secretaria da Indústria e Comércio o Acordo de Classificação do Estado do Rio Grande do Sul passou a denominar-se Serviço de Classificação dos Produtos de Origem Vegetal para o Mercado Interno — CLAVESUL, conforme consta de publicação no Diário Oficial do Estado, edição de 15 de dezembro último.

Assumiu a superintendência do referido serviço o sr. Alceu Mosmann, por portaria da SIC nº 54/75.

# FEBRE AFTOSA E VACINAÇÃO

A febre aftosa se constitui numa das maiores ameaças para a saúde dos animais pelo menos desde há 450 anos. Apesar de já ter sido erradicada em alguns países mais desenvolvidos, continua sendo um sério perigo para a produtividade das populações animais de todo mundo e, indiretamente, afeta o bem estar das populações humanas que se servem deles para obter alimentos e roupas.

Em nosso Estado ela se apresenta de forma endêmica e a Secretaria da Agricultura a mantém sob controle, vacinando periodicamente de 4 em 4 meses todos os bovinos com idade superior a 120 dias, bem como aplicando outras medidas sanitárias exigíveis. Por este motivo mais uma vez vamos fazer aos criadores — os maiores interessados — recomendações sobre o correto manejo da vacinação.

1 — A vacinação deve ser realizada sempre no dia marcado pela Inspetoria Veterinária.

2 — A vacina não pode ser adquirida antes de 48 horas da data marcada para a vacinação e mediante a apresentação ao revendedor credenciado da circular fornecida pela Inspetoria Veterinária. A apresentação desta circular torna-se imprescindível quando a vacina for adquirida em outro município.

3 — Jamais deve ser aceita a venda de vacinas acondicionadas em latas, caixas de madeira ou papelão.

4 — A vacina deve ser sempre conservada em geladeira (2°C a 8°C) ou em caixa térmica com gelo, até a hora da vacinação. Durante a sua aplicação deve-se evitar que fique exposta aos raios solares.

5 — A aplicação deve ser correta, conforme a orientação do Inspetor Veterinário.

6 — Não realize serviços rápidos, pois jamais terá uma aplicação perfeita.

7 — Qualquer dúvida que houver, deve ser procurada a Inspetoria Veterinária para os necessários esclarecimentos.

# ASSISTÊNCIA VETERINÁRIA

Sempre que houver necessidade de assistência veterinária na propriedade, dirija-se a um posto da cooperativa, ou telefone para o departamento técnico.

Enquanto espera o veterinário, mantenha o animal ou animais doentes, presos em local acessível próximo da casa, para que não ocorra desperdício de tempo.

Observe atentamente o animal ou animais doentes a fim de dar ao veterinário informações corretas, que serão valiosas para a orientação do diagnóstico.

Procure o veterinário o mais breve possível, a partir do momento em que notar sinais de doença no rebanho. Quanto mais tarde o animal for submetido a tratamento, menores serão as possibilidades de recuperação e maiores as despesas com medicamentos.

Não siga os conselhos de pessoas leigas, que não tem conhecimentos técnicos capazes de solucionar o problema de forma correta. Administre aos animais apenas os medicamentos receitados pelos médicos-veterinários.

# PRODUTO NÃO PAGA A DESPESA DA COLHEITA

Segundo instrução baixada pelo Banco do Brasil, chamamos a atenção de nossos associados que, em virtude do PROAGRO, as despesas decorrentes de colheita e transporte não poderão

ser pagas com produtos. A explicação para essa determinação do Banco do Brasil é que o produto está penhorado no contrato de financiamento.

★★★★★★★★

# PEDIDOS DE SEMENTES DE TRIGO, CEVADA E FORRAGEIRAS DE INVERNO

Conforme informações já divulgadas pelas rádios da região encerramos o recebimento de pedidos de semente de trigo dia 28 de fevereiro último.

Como ainda dispomos das variedades S-31 (nobre) e C-3 (cotiporã), continuaremos ainda recebendo pedidos somente des-

sas variedades. Os pedidos de cevada e forrageiras de inverno poderão ser feitas ainda no decorrer deste mês, em todas as instalações. As forrageiras de inverno que estão à disposição dos associados são as seguintes:

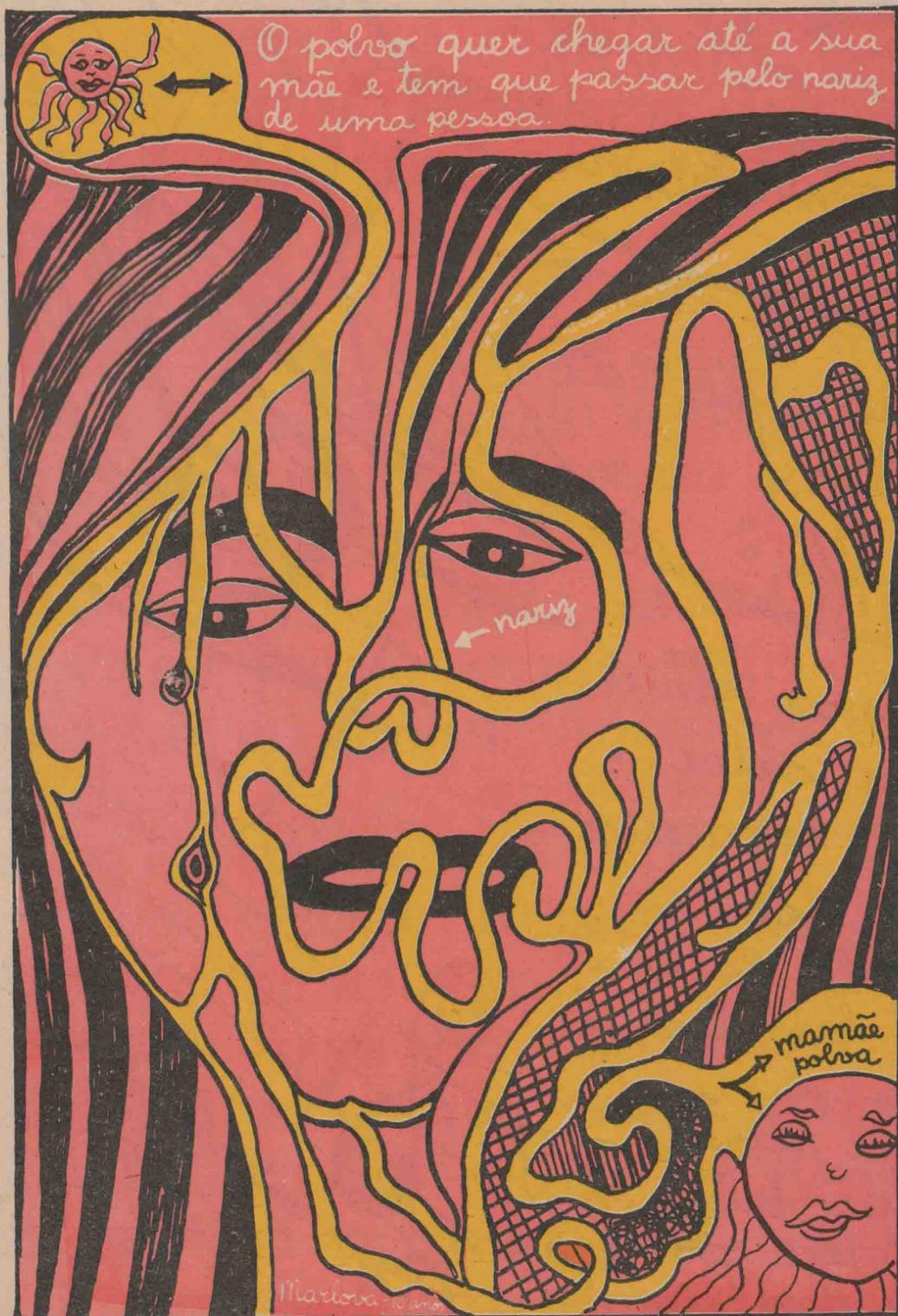
Aveia coronado, aveia ipe-cuem, aveia preta, azevém anual, centeio abruzzi, centeio crioulo, trevo branco ladino, trevo vermelho levesou, trifolin, vesiculosum, yuchi, cornichão são gabriel, ervilhaca, festuca k-31, pensacola e alfafa crioula.

Para maior orientação, os interessados deverão entrar em contato com o departamento técnico da nossa cooperativa.



SUPLEMENTO INFANTIL - COTRIJORNAL - FEVEREIRO/76

Elaboração: Viro Frantz - Moacir Lima - Wally Arns.



O polvo quer chegar até a sua mãe e tem que passar pelo nariz de uma pessoa.

## DE CRIANÇA PARA CRIANÇA

Maria Cleusa Benso (10 anos) mandou estes versinhos:

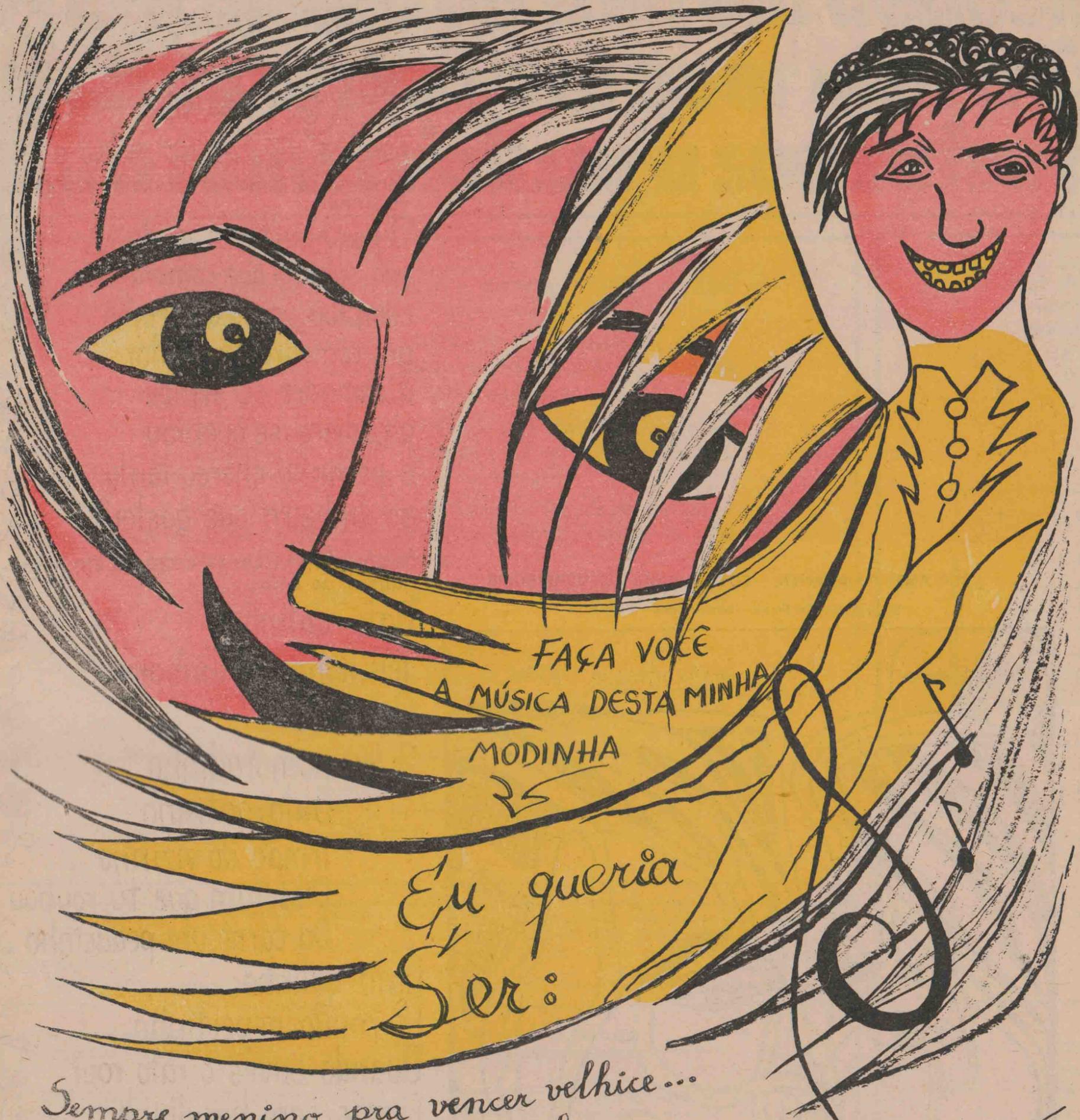
«O peixinho foi na venda  
não sabia o que comprar  
comprou uma cadeirinha  
pra comadre se sentar  
a comadre se sentou  
a cadeira se quebrou  
o peixinho chorou tanto  
do dinheiro que gastou.»

Salete Welter (12 anos) escreveu em homenagem ao gato:

Gato, gatinho  
Teu irmão foi embora  
Quem ficou?  
O teu namoradinho  
Gato, gatinho  
Irmão do vizinho  
Disseram que tu roubou  
Da carne um pedacinho  
Gato, gatinho  
És muito espertinho  
Quando ouves o rato roer  
Espias sem barulhinho  
Depois começa a correr.»

Registramos e agradecemos correspondência das seguintes crianças:  
Andrea Quevedo (Ijuí), Glacir dos Santos Teixeira, Ediles Endl, Valdoir dos Santos (Ajuricaba), Salete Welter, Antônio Dressler (Augusto Pestana).

O COTRISOL deseja a todas as crianças um feliz 1976.

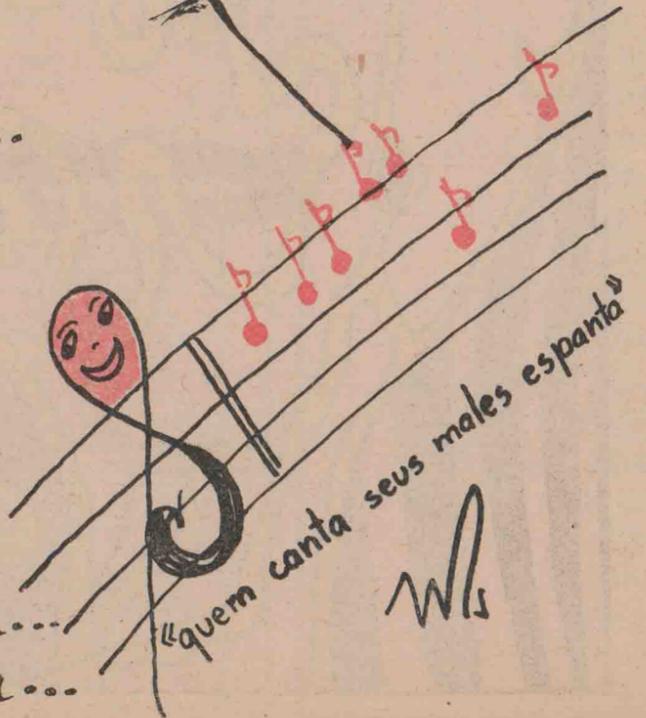


FAÇA VOCÊ  
A MÚSICA DESTA MINHA  
MODINHA

Eu queria  
Ser:

Sempre menino pra vencer velhice...  
a ventania pra vencer calor...  
boca fechada pra vencer tagarelice...  
anestesia pra vencer a dor...  
la-la-la-la-la-la-la...  
lari-larauê - lari-larauê.

Eu queria ser:  
muita alegria pra vencer tristeza...  
coisa bonita pra enfeitar beleza...  
bom na justiça pra vencer pobreza...  
dono da bola pra te dar riqueza...



# Sonho de menino... Ms. /

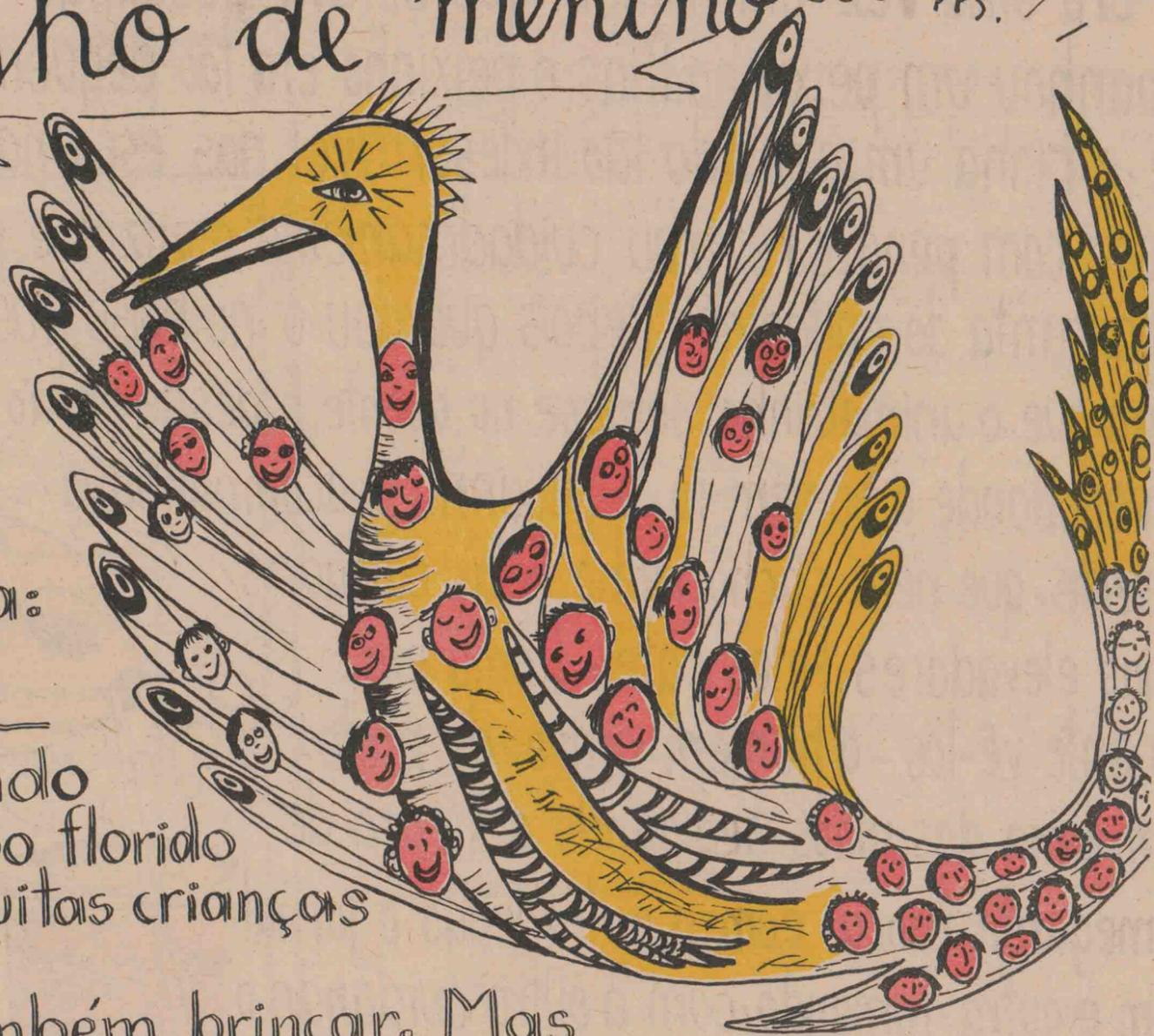
Vou contar pra vocês um sonho sonhado por minha cabeça: foi depois do dia de Natal — eu ia passando por um campo florido onde havia muitas crianças brincando.

Aí quiz também brincar. Mas quando cheguei perto das crianças, elas desapareceram e se transformaram em um pássaro parecido com um pavão, mas de cores muito mais bonitas.

Eu não tive medo, achei lindo aquele pássaro. Ele ficou esvoaçando, parecia que estava dançando e eu ouvia umas vozes de criança cantando: «

Lá vem o dia  
O dia lá vem  
Eu vou entrar na roda  
Para ver meu bem.»

E parecia que era o pássaro que cantava. Aí me acordei — olhei de lado: não vi nada. Aí me garrei a imaginar: — porque as crianças fugiram de mim quando eu cheguei? ...



## VELHA HISTÓRIA

(Mário Quintana - em Poesias - Editora Globo)

Era uma vez um homem que estava pescando. Até que apanhou um peixinho. Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava, a trote, que nem cachorrinho. Pelas calçadas, Pelos elevadores. Pelos cafés. Como era tocante vê-los - o homem, grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de fumegante moca, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando o peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranjada por um canudinho especial...



Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho: - "Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, da tua tia solteira? Não, não e não! Volta para o seio de tua família. E viva eu cá na terra sempre triste..."

Dito isto, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n'água. E a água fez um redemoinho, que foi serenando, serenando até que o peixinho morreu afogado...